

Código de identificação do ficheiro: COV01-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 01 lado: A min: 86-123	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 01	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Tenho onze vacas.

INQ1 Está garantido.

INF Onze vacas. Eu tenho um boi de cobrição e tenho onze vacas. Tourinas e serranas, tenho onze. E a gente trabalha muito mas somos só quatro pessoas.

INQ2 Pois.

INF A minha mulher guarda [ABlas ove-] as vacas no monte – as senhoras quando chegarem ali, olhem por aquela (barra lá) para fora, elas lá andam. Ela anda lá com elas. [ABIO{fp}] É eu e o meu filho e a minha nora. [ABIVeio] Temos lá um netito, ainda vai fazer {CTlp=para o} dia vinte e nove deste mês nove anos.

INQ1 Ah! Pois.

INQ2 Ainda é pequenino! Anda a estudar?

INF Olhe quando a minha [RP|a minha] {RC|no-=nora}... Hã?

INQ2 Anda a estudar?

INF Anda. Oh, anda a estudar?! Anda na escola. Ele a minha nora teve [ABlaquele] aquele{fp} miudito com quarenta anos.

INQ1 Ah! Que giro!

INF E casou-se {CT|ku=com o} meu filho [AB|com {pp}] com vinte.

INQ2 Hi!

INF Já ninguém contava com ele – que viesse nada...

INQ1 Pois.

INQ2 Aparece uma criança.

INQ1 Olha que alegria que deve ter sido!

INF Oh Jesus! Olhe que eles gastavam um dinheirão {pp} [AB|por {fp}] {CT|ku3=com os} médicos para ver se ela tinha {pp} filhos.

INQ1 Pois.

INF E depois {PHInũ=não} {RC|ve=-veio}... Eram remédios e mais remédios, {PHInũ=não} valia nada! Um dia disse eu para eles assim: "Olhai lá, que é que vocês andam a fazer?! Vocês são uns tolos. Vocês andais a gastar dinheiro [ABLe{fp} e{fp}] e dás cabo dela. (A) dar-{PHIli=lhe} remédio, dar-{PHIli=lhe} remédio, dar-{PHIli=lhe} remédio, um dia é um poço de doença. E tu, é melhor tu ires a um especialista, a mais ela e tirarem o sangue para a análise, já vêem se pode ter {RC|fi=-filhos}. [AB|É só] Se for preciso, o erro é teu"! – {CT|prɔ=para o} meu filho – "Se for preciso, o defeito é teu"!

INQ1 Rhum-rhum!

INF "[AB|E] E estás [AB|a dar] a{fp} dar"... Foram [AB|e] (e voltaram) /e botaram\ {PH|ɔ=ao} Porto. Foram {PH|ɔ=ao} Porto, tiraram sangue para análises e{fp} depois o{fp} especialista disse: "Ó menina, olhe, o seu sangue dá para ter filhos, e o do seu homem também. {pp} Olhe, eu dou-{PHIli=lhe} este remédio mas {PHInũ=não} garanto; o que eu garanto"... A {fp} ir embora: "Você vai ter filhos"! {fp} Dali por dois anos lá veio o miudito.

INQ1 Ah! Meu Deus!

INF Lá veio o miudito. Oh, agora a gente {IP|ta=está} todo o mundo (feliz) com aquela criança porque é o que nos{fp} {IP|ta=está} a valer. A gente pode [AB|ter muito] {IP|tar=estar} {PH|'mujtɛ=muito} aborrecidos, [AB|lou] ou qualquer coisa, ele chega já começa a [AB|ri-], a conversar com a gente, e a rir-se e a {PH|ɛbrɛ'salɛ=abraçar a} gente, pronto! Daqui a bocado, (ele) já espalha tudo!

INQ2 Claro!

INF Pois é.

Código de identificação do ficheiro: COV02-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 125-213	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 02	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Olhe que eu {pp} já {PHInũ=não} podia viver em minha casa {pp}, {CTIkwe=com a} minha nora e {CTIku=com o} meu filho. {pp} Queriam que eu o desse a uma sobrinha dela para trazer {fp} um homem [AB|para ca-] para nossa casa. E eu disse assim... Um dia estava para cear e eu estava assentado e ela lá a dar-me a ceia, começou ela a dizer: "Ai, assim {PHInũ=não} está bem porque você... {fp} [AB|Trazê-] É melhor trazer-me para aqui [AB|um {fp}] uma mulher, ou [AB|um, um {fp}] a minha sobrinha"... e {PHInũ=não} sei quê, {PHInũ=não} sei quê. Eu disse: "Olha, menina, enquanto eu andar {CTIku=com os} pés {PHl=ao} de cima da terra {pp}, {PHInũ=não} dou nada a ninguém".

INQ1 Pois.

INF Foi mesmo assim! "Olha lá! Assim, olha, eu vou dar à tua sobrinha, {PHInũ=não} é? Ah, pois, então?! Pois dou à tua sobrinha?! Quer dizer que o meu filho nem nunca teve nada do pai nem da mãe. Faz de conta que nem tem pai nem mãe. Com tanto que eu trabalhei! Comecei a minha vida sem nada e hoje sou um grande lavrador, e agora (dar pão e árvores que tenha)... "Olha"... Eu disse- {PHli=lhe} assim: "Olha, menina, um dia, um dia – se eu o desse –, um dia eu [AB|e a, e a] e a tua sogra éramos uns cães ali na casa. Tu e o teu homem eram os criados e eles é que {PH|'erɯnuɟ=eram os} patrões. Ouviste? E então assim, deixai-me morrer e deixai {PHImu'relɐ=morrer a {fp}} velha e depois vocês dai-o, vendi-o, dai-o a quem vocês quiserem porque nada disso me incomoda".

INQ2 Pois.

INQ1 Rhum-rhum.

INF "Mas agora {PHInũ=não} dou! {PHInũ=Não} dou {fp}! O que é meu é {CTIɔ=para o} meu filho, pronto!"

INQ1 Claro.

INF E ela foi e (ele) aborreceu-se toda e eu {fp}... A comida que estava diante de mim, mandei com ela {PHl=ao} chão, parti tudo – parti louça, (parti tudo) – e fui {CTIpa=para a} cama. Meti-me no meu

quarto... [AB|Só esta-{fp}] A cozinha é como aqui assim, e aqui é uma sala, e aqui é [AB|lum] um quarto onde eu durmo e tem mais [AB|lum, um] dois quartos [AB|para] {pp} {CT|pa3=para, às} vezes.
INQ1 Ó cãozinho!

INF – ele {PH|nũ=não} faz mal nenhum – [AB|para] {CT|pra3=para, às} vezes, (vir ele) gente de fora, que eles, às vezes, ficam lá. E depois, [AB|passando] passando ali dois – dois anos, dois anos e pouco – vem ela com o miudito. E (este)... Eu {PH|'vi0z=via-os} andar... Todos os quinze dias iam para Vale de Cambra, com a médica – chamavam-{PH|li=lhe} a Basilissa, que era a que... Bem, quando uma mulher fica grávida,

INQ1 Pois.

INF ela cuida daquilo para {pp} coiso.

INQ1 Pois, pois.

INF E ela... E eles iam lá. Um dia, eu fui buscar uma carrada de estrume, aqui acima, {fp} [AB|{CT|kwẽ=com a}] {CT|kwẽ3=com as} vacas, e {fp} fui diante a mais ele roçar com... Agora é {fp} com uma máquina, mas naquele tempo era com uma enxada. Cada {PH|ka1=qual} levava a sua enxada e cortava o estrume e depois vinha em cima do carro. E depois ela foi e ele foi (...)... Foi mais eu (...)... {PH|0=Ao} outro dia da feira, {PH|nũ=não} me disse nada e eu também nada {PH|li=lhe} perguntei. E ele vai, chegou à {fp} mãe... A minha mulher chegou lá com as vacas e com o carro para trazer o estrume. E ele foi, começou a brincar com a mãe e disse assim: "Ó mãe, você breve vai ter um neto ou uma neta"! Eu calei-me. Não andava assim muito (mato por lá) e eles, ele era assim com a conversa {CT|pa=para a} mãe. E a mãe começou: "Cala-te tolo! Cala-te tolo! És um maluco! És aqui, és acolá"! E ela foi e {fp} depois eu fui (revezar). Virou-se para mim e disse: "Ó pai, você {PH|nũ=não} sabe"? "Que é"? "Olhe que a Beatriz vai ter um... [AB|A-, a-, anda] Anda grávida, tem um"... Digo eu assim: "Então Arquimedes" – [AB|le] ele é Arquimedes –, "então Arquimedes, e agora se eu o desse? Se eu o tivesse dado à tua sobrinha? Agora como é que ia ser"? Diz ele: "Ah, {PH|nũ=não} faz mal. O dinheiro que a gente tem nos bancos dava bem {CT|pa=para a} criança". "Pois é. O dinheiro que temos nos bancos dava {CT|pa=para a} criança e então o que eu trabalhei e as terras que nós temos eram então [AB|{CT|pa=para a}] {CT|pa=para a} tua sobrinha. Homem, tem juízo"!

INQ2 Para outra pessoa.

INF À noite, a minha nora {IP|tavẽ=estava} a tirar a ceia, porque a gente {fp}... Bem, que enquanto se faz a {R|C|ce=ceia} – ela faz a ceia e governa alguma coisa –, ela é que tem o (lume) {CT|pa3=para as} tigelas, o (lume) para uma travessa, outro {CT|po3=para os} pratos, ou para qualquer coisa que (tira). E ela começou a tirar... E ele começou: "Ó Beatriz, tu {PH|nũ=não} sabes"?! Diz ela: "Que é"? "Olha, já disse {PH|0=ao} pai e à mãe [AB|que {pp}] que tu que andavas prenha". As lágrimas começaram-{PH|li=lhe} a correr pela cara abaixo. Digo assim: "Então Beatriz, então vocês fizeram-me ir um dia {CT|pa=para a} cama sem ceia, começaram a teimar comigo, e agora se eu o tivesse dado {pp} à tua

sobrinha? E agora? Como é que ia ser"? [AB|Di-] Ela calou-se, {PH|nũ=não} abriu a boca! É que {PH|nũ=não} abriu a boca! Não! {PH|nũ=Não} disse nada e começou a chorar. Eu calei-me e ela também se calou. Agora, eu ensino... Eu sou [AB|pa- {fp}] padrinho do meu netito. E eu digo- {PH|li=lhe}: "Ó neto"! "Que é"? "Diz à tua mãe [AB|que] se ela quer ir chamá-los a Lomba agora [AB|para, para] para vir cá {PH|fɛ'zɛlɛʃ=fazer-lhe as} terras. A tua mãe [AB|queria, queria fa-] queria [AB|que] dar- {PH|li=lhe} as nossas terras para ela". "Vão para (os da Lomba)". E ela vai... E ele, às vezes, diz- {PH|li=lhe}. E ela: "Cala-te. Olha que eu bato-te, Arquimino"! E ele: "É verdade! Se {PH|nũ=não} fosse o meu avô e eu o que era nosso era tudo {CT|pa=para a} Lomba, (olha que é)! Que é [AB|lum] um lugar – que chamam aqui em baixo – que é a Lomba... "Não! Que o meu avô é que era fino! Se {PH|nũ=não} fosse o meu avô, como é que você fazia"? E é uma boa hora que a gente passa com o diabo do miudito.

INQ1 Pois é.

INQ2 Pois.

INF O miudito é muito esperto, muito fino! Muito esperto!

INQ1 Foi uma alegria!

INF Então {PH|nũ=não} foi uma alegria para nós?!

INQ1 Claro!

INF Então, alegria para nós e... Mas olhe, foi a alegria para nós mas {CT|pɔʒ=para os} meus herdeiros {PH|nũ=não} foi alegria.

INQ1 Para os seus quê?

INF {CT|pɔʒ=Para os} meus herdeiros, {CT|pɔʒ=para os} meus irmãos, {CT|pɔʒ=para os} meus sobrinhos, para...

INQ1 Ah, pois, pois, pois. Ah, pois. Porque já tem mais um herdeiro.

INF Estavam a contar com aquilo.

INQ2 Pois.

INQ1 Então...

INF Agora, meu amigo, apareceu aquilo, arrumou (com) tudo.

INQ1 Claro!

INQ2 Pois!

INF Pois é.

Código de identificação do ficheiro: COV03-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 220-257	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Moinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 03	
Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03	

INQ1 Que idade é que o senhor tem, agora?

INF Estou com setenta e {fp} cinco anos.

INQ2 Rhum-rhum.

INF E (eu), aquilo, (eu) fui para lá novinho. Olhe, o meu pai mais a {fp} minha mãe e {fp}... Éramos doze pessoas na casa.

INQ1 Doze?

INF Doze. {pp} Era ele e a minha mãe, dois; e duas tias minhas que {PHInũ=não} se casaram, ficaram {PHI=ao} pé dele, quatro; e um tio meu, cinco. Eram cinco. Ora, cinco, e nós éramos sete, {pp} éramos doze (peçoas).

INQ1 Rhum-rhum.

INF Olhe que a minha mãe (...)... A senhora, até lhe digo isto, mas a senhora {PHInũ=não} sabe. Eram umas malgas. Umas malgas!

INQ1 Sei, sim senhora.

INF E estendia assim sobre a mesa. Era uma (ceifa). Doze malgas! [ABIE{fp}] A gente cá coze broa. [ABIA senho-] {fp} Vocês lá é tudo de padaria, mas a gente cá [ABlé] é broa. [ABICoze] Cozia [ABlà] o pão, botava uma broa em cima [ABIda] do coiso e começava a cortar... {pp} (Quando notavam), não tinham pão nenhum. [ABIJuntava]

INQ2 Pois. Ia toda.

INF A gente [ABlgastava] gastava muito. (Também) era muita gente!

INQ1 E era broa de quê? De milho?

INF De milho. Ainda há aí gente que continua a fazer broa de milho.

INQ1 E, e também fazem pão de centeio?

INF Também. Também se faz pão com...

INQ1 É aquele escuro? Que é o...

INF É mais escuro, é. Mas sabe o que a gente agora [ABlac-] costuma a fazer, e é coisa boa? Bota um alqueire de centeio e um alqueire de milho.

INQ1 Ah, misturado?!

INF Misturado {fp}. [ABla farinha] Mói-se [ABla{fp}] a farinha, que temos moinho de moer. Temos até... Até tenho três moinhos: [ABltenho um] dois a água e um a electricidade. Mas a gente agora agarra-se mais à electricidade. [ABlPorque {fp}]

INQ1 Mas são dois moinhos destes, como a gente viu aqui atrás, não é?

INF É, [ABln-] em água. A água.

INQ1 A água.

INF Tenho dois a água e tenho um [ABla{fp}] a electricidade.

INQ1 E onde é que é esses moinhos? É aqui no Covo também?

INF Olhe, um é aqui em baixo, ao fundo da lavoira, aqui em baixo, e o outro [ABlé aque-] é na Albergaria. Quando é de Verão...

INQ1 Na, na Albergaria?

INQ2 Aqueles ao pé da?...

INQ1 Então, mas se calhar, foi onde a gente esteve agora.

INQ2 Aqueles moinhos ao pé da ponte?

INQ1 Aqueles que há?...

INF São mais para cima. {fp} Naquela volta [ABld-] da ponte de Albergaria, {fp} tenho lá um.

INQ1 Ai, ali... Mas espere lá, a gente esteve ao pé da, da Mizarela...

INF {IPlti¹verẽw=Estiveram}? Pois. {fp}

INQ1 E naquela ponte que há antes da M-, das quedas da Mizarela, não é isso?

INF É. E em cima há outra ponte, que é a que dá passagem para Albergaria. {pp} [ABlEtem]

INQ1 Exactamente. Também lá estivemos ontem.

INQ2 Exacto.

INF Pois. Ali... Dali à dali acima pode ser como é daqui a acolá, [ABlãquela] àquele carvalho acolá.

INQ1 Ah!

INF Lá é o nosso moinho.

INQ1 Rhã-rhã.

INF E a gente [ABltem, tem lá] tem aquele moinho lá, que aquele moinho, há algum tempo, antes da electricidade, era lá que a gente moía de Verão porque de Verão é que se faz... Aqui, este moinho aqui, só mói de Inverno, quando vem chuva. Só mói aqui no fundo da lavoira. E a gente de Verão tinha lá aquele moinho lá. Agora veio o moinho da electricidade...

INQ1 E o da electricidade onde é que é?

INF É... Tenho em casa!

INQ1 Ai é em casa?

INQ2 ...

INF Tenho dentro de casa! O electricidade, tenho-o dentro de casa. Tenho-o lá dentro duma casa e está lá.

INQ1 Pois, estes também ... Ainda há bocadinho...

INF Olhe, ainda agora vim para aqui, deixei-o a moer.

Código de identificação do ficheiro: COV04-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 01 lado: A min: 275-290	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 04	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Ah! São Pedro do Sul é longe!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois é.

INF E olhe que eu já lá fui muita vez a mais o meu pai comprar o [RPlo, o] – a gente chama os porcos àqueles que são os próprios para matar –, (ir alá) /ia-os lá\ comprar e vir a pé de alá para aqui.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Que longe, hã!

INF É. [ABIVínham-] Vínhamos lá dentro da água a tocar aquilo... Ai senhor! Olhe que uma vez, de Manhouce... Escureceu-nos em Manhouce [ABle apon-] e apontou-nos o sol ainda ali abaixo em Açude. {PH|pɐ'semuz=Passámos} a noite toda naquela baixa, ali a tocar...

INQ1 A andar, a andar, a andar!

INQ2 Aqui não há lobos? Aqui há lobos?

INF Hã? Há lobos, há. Há lobos.

INQ1 Então e não tinham medo? Eles não vêem assim?...

INF Não, homem. Eu, medo, não. Eu {PH|ntũ=não} tenho medo nenhum dos lobos.

INQ1 Não?

INF Não.

INQ2 Quando, quando...

INF [AB|Eu] Eu também caço. Sou caçador.

INQ2 Ah!

INF Também caço. Ainda este ano que lá vai, comprei uma arma {PH|o=ao} meu sobrinho, ao professor – cento e trinta contos! O meu {RC|f=-filho}...

INQ2 E já caçou alguns coelhos para, para compensar a arma?

INF Não. Olhe, [ABltirei] tirei [ABla] a{fp} licença geral, para ir {PHlo=ao} Alentejo para ir [ABlaonde{fp}] aonde ele for.

INQ2 Pois.

INF E{fp} {PHlnũ=não} fui. [ABISó saí] Só saí um dia, (andei) /ainda\ um bocadito e{fp} matei um coelho, mais nada. {PHlnũ=Não} tenho vagar. {PHlnũ=Não} tenho vagar de sair. {PHlnũ=Não} tenho vagar. Muito, muito trabalho!

Código de identificação do ficheiro: COV05-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 292-395	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 05	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Olhe, explique-nos lá como é que o, como é que é o coiso, como é que é o moinho.

INF Olhe, o moinho, em baixo, é uma casa.

INQ1 Como é que...

INF {fp} Faz-se uma casa. E depois, aquilo em baixo – chama-se {fp} àquilo o arrieiro –, é um pau assim atravessado. E depois tem o rodízio. O rodízio é: umas penas... Olhe, {fp} isto é isto. Faz de conta que [ABlo, o] o arrieiro é este; e aqui em cima disto, tem {fp} o{fp} rodízio; e o rodízio vem para cima e em cima tem as mós. A senhora se for aqui – mas você vá {PHlo=ao} Covo –, naquela primeira casa que encontra, você vê lá umas mós. Que o meu sobrinho, o professor, tem lá {fp}algumas cinco ou seis mós {pp} que a gente {PHli=lhe} arranjou.

INQ1 Pois, pois.

INF É.

INQ1 Mas esse arrieiro é que eu não percebo o que é.

INF É um pau. Chamam àquilo arrieiro que é para alevantar. Se se quiser fazer mais a farinha mais morta, deixa-o a descer e [AB]se se quiser ela mais] se se quiser a farinha [AB]mais à, mais {fp}] com mais escarolada, alevanta aquele pau, e aquilo alevanta para cima, [AB]já é] a farinha já é mais escarolada.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Chama-se aquilo o arrieiro.

INQ1 Mas é p-... Mas é por baixo do, do?...

INF Do rodízio.

INQ1 Do rodízio?

INF Por baixo do rodízio.

INQ1 Ah!

INF Leva aquele pau.

INQ1 Então e o rodízio é... Aquele pau que vem para cima do rodízio como é que se chama?

INF Chama-se aquilo a péla.

INQ1 A péla?

INF É a péla. [ABIE]

INQ1 É aquele...

INF [ABIE é que] E é a que tem as penas.

INQ1 E é a que tem as penas.

INF [ABIE a] E a água malha naquelas penas e faz andar aquilo de roda.

INQ1 E como é... E a água vem donde? Canalizada donde?

INF [ABIA-] Alguns, {pp} é assim... (Os nossos) de Albergaria, é assim:

{PH|su'pɔɾɐmuz=suponhamos}, a água vem acolá da estrada e vem, como tem uma queda, vem para aqui assim, tem [AB|uma] uma caixa – uma caixa assim, uma espécie dum tubo –,

INQ1 Rhum-rhum.

INF e a água vem dali e chega aqui tem a torneira, que é {fp}um pau furado e apertadinho, que é por causa de (não ir na) água, e ele recebe aqui [AB|à] a água, e depois [AB|aquela] aquele pauzinho [AB|aquela f-] é que dá força às penas do moinho para andar o moinho. E o meu ali já não é assim. O meu aqui em baixo {PH|nũ=não} é assim. É assim um pau, um cubo – chamam aquilo um cubo... É [AB|o as, o as, umas pedras] umas pedras furadas, como essa, assim furada – como essa não, é uma coisa mais bem feita, mas é furada –,

INQ1 Sim.

INF e aquilo é tudo assim {PH|o=ao} alto, a par [AB|{CT|ku=com o}] {CT|ku=com o} moinho para cima, e depois aquilo enche-se de água, faz aquele peso...

INQ1 Esse, isso, o que se enche de água é que é o cubo?

INF É. E depois aquilo então é que faz [AB|o{fp}] a pressão da água [AB|para] para moer.

INQ1 E por onde é que a água sai do cubo?

INF Sai por baixo. [AB|Tem uma] Tem uma torneira – a tal torneira...

INQ1 Ai, a tal torneira está por baixo?

INF {fp} Está por baixo.

INQ1 E sai com força!

INF E sai com força porque já aquilo {IP|ta=está} muito peso de água. Porque aquilo é muito alto! E está com aquele peso de água e depois faz aquele peso e depois é que foge a água – é que corre (dali)...

INQ1 Olhe, mas esses desvios de água que fazem da, dos ribeiros e disso, aqueles desvios de água que fazem para os moinhos, tem algum nome?

INF Não. [AB|T-] Chamam aquilo os açudes.

INQ1 Açude?

INF O açude. O açude ou (ainda) um açude de água ou um açude {pp} para regar a terra. Chama-se aquilo o açude.

INQ1 O açude.

INF O açude.

INQ1 Mas aqui não é. Aqui isto é uma presa?

INF Não. Aqui é presa. Aqui é presa. [ABIE o] E, {PHIsu'poɲɐmuz=suponhamos}, {fp} agora [ABleste] isto aqui [ABla] a presa acabava e você fazia [ABlum{fp}] uma espécie (de) uma presa – mas {PHInũ=não} é presa. (Indo o rio por ali), chama-se aquilo um açude.

INQ1 Está bem.

INF Sabe, é um açude. É.

INQ2 Mas, olhe, nesse ali ao pé da, da Albergaria, esse tubo que o senhor diz que levava a água...

INF Pois, pois.

INQ2 Que nome é que dão a esse tubo?

INF Cubo.

INQ2 Ai, um cubo também.

INF É o cubo do moinho. É o cubo. Quando é para...

INQ2 O senhor...

INQ1 Portanto, é essa parte que se enche de água?

INF É, é. É o que enche de água.

INQ1 E aquelas... E aquelas coisinhas que são assim umas, parecem uns ferrinhos ou umas ripas assim, por onde passa a água?

INF {fp} Chamam aquilo as penas. É as penas do moinho.

INQ1 Ah! Mas é as penas do rodízio, ou não?

INF Do rodízio, isso, isso, isso, isso.

INQ1 Está bem.

INF As penas do rodízio. É isso.

INQ1 Sim senhor. E depois a mó, as mós são duas?

INF A mó, por cima, são duas. [ABlChama {fp}] Chama a gente... Chama a gente e {fp} é assim. Por baixo é uma {pp} mais grossa, mais forte, que é por causa de não mexer. [ABlAquela] Aquela {IPlta=está} firme. E por cima, chama-se à mó que é a andadeira. Que é a andadeira porque tem debaixo para cima – faz de conta que é isto, este pau... E depois aqui tem uma... Chamam aquilo uma segurelha, que é um ferro aqui assim... Olhe, do feitiço deste dedo. E (ele) {IPlta=está} metido na mó de cima aqui e aqui. E [ABla] a debaixo está aqui firme e depois [ABleste, este] esta aqui é que anda com a mó de cima. Porque anda o rodízio e o rodízio toca a de cima.

INQ1 Portanto, a de cima chama-se a andadeira?

INF A andadeira. E a debaixo é [ABla] o pouso.

INQ1 O pouso.

INF O pouso que (ela) /é a que\ está pousada.

INQ1 Que está parada ali em cima.

INF {IPlta=Está} parada. Aquilo, aquilo {PHInũ=não} se mexe.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Também se ela se mexer, perde a farinha.

INQ1 Pois.

INF Que depois a mexer... Não, aquela é que tem que estar firme.

INQ1 E a farinha sai para onde?

INF [ABIE esse é] A farinha sai para baixo. Chama-se aquilo o tremonhado.

INQ1 O sítio para onde sai a farinha?

INF É. Chama-se aquilo o tremonhado, que é o tremonhado da farinha. Aquilo é assim,

{PH|su'poɲɛmuz=suponhamos}, as mós são aquilo e ele chega até aquilo, e depois enche-se de farinha, e depois ali chama-se aquilo o tremonhado. O tremonhado (bom).

INQ1 Sim senhor.

INQ2 Rhum-rhum. E onde é que se põe o grão?

INF Põe-se em cima. Tem em cima... {fp}O grão, (têm ele em {RC|ci=cima}). Chamam aquilo a moega. E [AB|tem] tem uma quelha, assim [AB|como a] como a mão e tem aqui um... Chamam aquilo o tramel. E depois aquilo bate na mó e treme com aquilo e aquilo vai para baixo. Vai à{fp}...

INQ1 Vai caindo. O grão.

INF Se ele vai caindo? O grão vai caindo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E cai para dentro [AB|do] do olho da mó e depois a mó é que mói o outro – (aquele que cai).

INQ1 E de vez em quando é preciso picar a mó, não é?

INF Ah, de vez em quando é! É. De vez em quando é ({RC|preci=preciso})...

INQ1 Como é que levantam a mó?

INF Levantam. Olhe, [AB|{CT|kumɛ=com uma}] {CT|kumɛ=com uma}... Chamam aquilo [AB|lu- {fp}] uma apertadeira. Uma apertadeira é um ferro, assim espalmado.

INQ1 Sim.

INF E mete-se assim uma, no meio, entre as duas, e depois carrega-se – e carrega-se um bocado! –, chegou ao (.../N)...

INQ1 Chama uma apertadeira?

INF É. Uma apertadeira. Bate-se-lhe assim e depois ela levanta. E ela {PH|ɔ=ao} tempo que ela alevanta... A gente chama-se aquilo um pau, mais ou menos, assim, grosso, e chama-se aquilo o rolo. E mete-se debaixo da mó

INQ1 Também andei.

INF e depois puxa-se no olho da mó para cá e o pau {IP|ta=está} lá para aquilo..., para vir

{CT|pɔ=para o} tremonhado para depois picar.

INQ1 Para depois picar.

INQ2 Pois.

INF É, é.

INQ1 E têm umas coisas mesmo para picar?

INF Têm. Têm um picão. Chamam aquilo um picão. Um picão é [AB|lum] um coiso [AB|lum] mais ou menos assim, ou mais pequeno – como quiser – e tem aqui o cabo e é [R|P|e é] apontado [AB|n-] duma banda e da outra e depois é o que soa depois: tumba, tumba, tumba. E outros {PH|'pikẽwne'kilu=picam aquilo} [AB|{CT|kwɛ=com a}] {CT|kwɛ=com a} tal [AB|lei-, a] apertadeira ou [AB|co-, co] com uma maceta. Chamam aquilo uma maceta, é uma coisita redonda. E taque-taque-taque.

INQ2 De madeira?

INF Não! De ferro!

INQ1 Não. De ferro.

INF Taque-taque-taque, e a gente dá-{PHlli=lhe} assim com a mão e aquilo pica certinho, certinho, certinho, (que) [ABlse fica] fica aquilo... [ABlÉ o] É o como se pica [ABlo] os moinhos para moer [ABlo, o] o trigo.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Pois, pois. Eu isso já vi.

INF {RC|O tri-=O trigo}... Já viu?

INQ1 Esses do trigo já vi.

INF Pois. E o trigo e o centeio e o milho é tudo a mesma coisa. Quer dizer, [ABlo{fp}] são mais aperfeiçoados [ABlos do{fp}]

INQ1 Centeio?

INF – não – [ABlos da] os do trigo do que são os outros. [ABlPorque são] Os do trigo têm uma coisa (por riba) para não sair aquele pó. Porque a gente, [ABlm-, mesmo] mesmo os lavradores perdem muito porque depois, se está vento, aquele pó [ABlde, de] do milho e do centeio {pp} foge.

INQ1 Pois.

INQ2 Ah, pois.

INQ1 Então mas aquilo não tem uma coisa à volta das mós?

INF Pois tem.

INQ1 Que é o quê?

INF [ABlCha-] Chamam aquilo [ABla] a mó. [ABlA] Diabo, chamam aquilo é a... {pp} Ai, como hei-de dizer?

INQ1 Cambado ou cambeiro?

INF Ai, é o cambal. É o cambal. O cambal da farinha, que é: aquilo a mó anda aqui assim e aquilo é alto tudo para cima.

INQ1 Pois.

INF Ora bem, mas mesmo nesse meio, ela a cair para baixo {CT|pø=para o} tremonhado, às vezes, se há vento – {fp} quantas vezes –, e depois o vento faz (o 'psu') e sai o pó para cima... E há quem use já – eu ainda {PHlnũ=não} tenho; ainda não tenho (e vai-se ver e) nem quero –, use por cima um panal – um panal, um pano!

INQ1 Sim, sim, sim. Um pano branco para, para não voar.

INF É, para não voar. E ela voa acima mas depois

INQ1 Cai, cai.

INF cai para baixo. E há quem [ABlfa-] tenha isso; eu {PHlnũ=não} tenho. (E o meu irmão também não tem).

INQ2 Olhe, e o tremonhado é em madeira ...

INF Ah, é em pedra. É pedra. É pedra. Também se pode fazer em madeira, mas não.

INQ1 Mas é o chão?

INF É o chão.

INQ1 É o próprio chão?

INQ2 É o próprio chão do moinho?

INF É, é. O chão. O chão. E é acimentado, fica tudo lisinho

INQ2 *Pois.*

INF e depois ali, que é por causa de não perder a farinha.

INQ1 *E depois como é que tiram a farinha dali? É com pás ou?...*

INF É. Chamam aquilo uma pá; uma pá, mas é de madeira. É uma pá e faz-se assim uma cova, e depois a gente – tem um rabo –, a gente bota aqui (essa) mão, enche assim e bota {CT|pɔ=para o} saco ou para aquilo que quiser.

INQ1 *E mete-se em sacos, é?*

INF Pode ser em sacos. A farinha mete-se...

INQ1 *Por exemplo o, mas aqui assim o, assim as pessoas de cá têm um moinho cada uma, é?*

INF Não, não. [AB|Ou]

INQ1 *Ou o mesmo... Ou têm um moinho para várias pessoas?*

INF Não. Têm... Bem, {PH|su'poɲɐmuz=suponhamos}, eu tenho os meus, às vezes os meus vizinhos pedem... (Às vezes, é sempre!)

INQ1 *Ai, para lá ir moer. E o senhor deixa lá ir moer.*

INF E eu [AB|deixo] deixo moer. (Nunca os estorvei).

INQ1 *Pois.*

Código de identificação do ficheiro: COV06-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 03-138	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 06	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Como é que as mulheres fazem o pão? Como é que se faz?

INF Olhe, {pp} o pão é feito assim: agarra-se, {fp} bota-se a farinha – chamam aquilo a masseira, {pp} que é uma masseira.

INQ1 De quê?

INF De madeira.

INQ1 De madeira?

INF É uma masseira {fp}. Como uma caixa, mas [ABlé] é larga por cima e mais apertada por baixo, e tem uma tampa por cima – chamam aquilo a masseira.

INQ1 Mas não é assim uma coisa alta, não?

INF Não.

INQ1 É uma coisa baixa, assim desta altura, para aí?

INF É uma coisa... É, ou isso...

INQ1 Como se fosse um tabuleiro?

INF É como um tabuleiro. Isso!

INQ1 Já sei, pronto! Já sei quais são!

INF É como um tabuleiro! E depois vão aquilo [ABle, e] e bota-se a farinha, depois... Primeiro faz-se o fermento. {pp} {CT|pɔ=Para o} pão, é o fermento. O fermento é{fp}: eu cozo agora, coze-se agora e 'deguarda-se' assim um bocadinho de massa {pp} para de hoje a oito dias, ou quinze dias, ou conforme... Bota-se {pp} umas pedrinhas de sal por cima e põe-se aonde for fresco – numa loja que seja fresco! A gente (então) na nossa casa é na salgadeira, de salgar [ABlos] a carne dos porcos {pp} – no sal!

INQ1 Rhum-rhum, Pois, pois.

INF Põe-se [ABlnuma] numa tigela, ou numa bacia, ou num prato e põe-se lá aquilo, aquele bocadinho {fp} de massa. Depois, quando é para cozer, [ABlvão] vai-se lá e {fp} – também têm uma peneira para

peneirar; chamam aquilo uma peneira que é para peneirar a{fp} farinha, para sair só o {RC|co=coiso}.
[AB|Para sair o] O que é grado sai para fora que é para os porcos...

INQI Como é que se chama isso que é grado?

INF [AB|É{fp}] Chama-se aquilo o carolo.

INQI O carolo.

INF O carolo. Chama-se aquilo o carolo. Sai para fora {pp} e bota-se – que é {CT|pɔ}=para os} porcos ou {CT|paɜ=para as} vacas, ou (coiso). E o que é boa... Aquele (mais fino) é boa e é que fica [AB|para {pp}] {CT|pɔ=para o} pão. Ora bem, agarra-se [AB|e] e amassa-se um bocado de farinha com aquele bocadinho [AB|de, de, de] de fermento – chamam aquilo o fermento –, que é o que fica dumas vezes {CT|paz=para as} outras.

INQI ...

INF E amassa-se... {fp} {PH|su'poŋɐmuz=Suponhamos}, faz o fermento à noite, amanhã de manhã, você – a senhora – chega lá, {IP|ta=está} todo partido, [AB|todo {PH|ɔ=ao}] todo {PH|ɔ=aos} cortes.

INQI Rhum-rhum. Partiu.

INF Vai... É. Amassa-se o pão, amassa-se o pão, bota-se depois a farinha na{fp}...

INQI A sua, sua nora, quanta quantidade de farinha é que co-, que coze?

INF Oh, nós agora, a gente agora já coze pouco, que somos quatro pessoas só. Com quatro quilitos, cinco, mas a gente... Ela coze aí um alqueire e meio, um alqueire, um alqueire e meio...

INQI E dá para quanto tempo?

INF Oh, dá para oito, doze, treze, conforme.

INQI E está sempre macio, até ao fim?

INF Sempre macio! Porque quando se amassa e quando se abre a porta {PH|ɔ=ao} pão, se quiser que o pão fique macio, a senhora tira o pão fora – o pão fora –, e bota-o por cima [AB|dum, dum] duma {RC|cai=caixa} – a gente chama uma caixa, você é um... –, por cima dumas tábuas {pp} e abafa-o {pp}, com qualquer coisa para ele {PH|nũ=não} tomar ar. E ele fica ali e deixa-o estar, você vai a comer e é como... É melhor {CT|ko=que o} trigo!

INQI Pois, pois, pois.

INF Vem aí o padeiro {PH|ɐ'kwazi=quase} todos os dias, agora, e a gente{fp}

INQI Não compram?

INF compra, às vezes, {CT|pɔ=para o} mocito, compra; mas quando a gente coze, a gente [AB|nunca] nunca compra.

INQI Pois, pois.

INF {fp} É melhor! A gente, olhe, com leite...

INQI Pois, pois. Então, íamos a exp-... O senhor estava-me a explicar e agora esqueci-me.

INF Diga.

INQI Passámos para outra coisa... Portanto, as mulheres põem o fermento na farinha e vai?...

INF E amassam. Aquilo amassam, amassam e depois quando tiver a {RC|ma=massa}{fp}... Dão ali umas cinco voltas {PH|ɔ=ao} pão. Cinco voltas é: mexê-lo {fp}... É. Cinco voltas {PH|ɔ=ao} pão.

Depois agarra e tira e juntam e põem um bocadinho de farinha por cima e fica [AB|tudo] tudo certinho assim, junto, muito bem (.../VB-AN) à masseira.

INQ1 Direitinho.

INF Sim. E depois {pp} aquilo, aquele fermento faz partir aquela massa, fazer [AB|luns] uns cortezinhos assim...

INQ1 Aquilo cresce, não é?

INF É. [AB|{fp} C-] Começa a fazer uns cortezinhos, a fazer aquilo, e depois quando eles vêm que... Quando elas vêm que aquilo que está cortado, agarram {fp} e cortam, mexem aquela massa toda e depois começam a botar.

INQ1 Mas quando aquilo, aquilo... O que é que elas dizem? Que a massa já está quê?

INF Quando ela está cortada, [AB|está, está {CT|kw̃=com a}, está] está em termos de ir {CT|p̃=para o} forno. Arranja-se bem arranjadinha, assim, com uns golpinhos pequeninos!

INQ1 Mas não dizem que está finta, ou está?...

INF É. É finta, é a finta. [AB|Quando] Quando o pão estiver finto, agarro e boto [AB|para um] {CT|p̃=para o} coiso. Começo a botar {CT|p̃=para o} forno. Faço os bolos – {fp} sabe como é bolos? {PH|nũ=Não} sabe o que é bolos?

INQ1 Os bolos é mais pequeno?

INQ2 Não.

INF O bolo é pequenino e é com a pá... E o bolo pode ficar assim, assim quadrado, um bolo. Bota-se. Isso é que é bom com leite.

INQ2 Rhã-rhã!

INF É. Olhe que tem aqui um senhor {pp} que [AB|É] é desembargador, aqui em Vale de Cambra – é o{fp} desembargador – e olhe que ele {pp} vem aqui a nossa casa e a gente, a gente pode estimá-lo pode ser com a melhor coisa que tem – por exemplo, uma vitela, ou {fp} uns rojões, ou {fp} uma coisa que pode ser muito bom – e ele quer uma tigela de leite com bolo.

INQ1 Que engraçado!

INF E desembargador! [AB|Um desem-] Um desembargador, um homem...

INQ1 E portanto, fazem os bolos e fazem mais quê?

INF É vários bolos e depois é conforme. A senhora se quiser fazer um bolo, faz; se quiser dois, faz; se quiser quatro, faz; faz o que quiser.

INQ1 Mas só fazem bolos?

INF Só se faz bolos. E depois agarra a uma outra massa e fazem broas.

INQ2 Ah!

INQ1 Ah! Que mistura com o tal ...

INF Mistura-se. {IP|ta=Está} tudo misturado. É. Mistura-se e depois aquilo é pulado numa – chamam aquilo uma escudela e é pulado aquilo...

INQ1 Ah, já sei. Pulado?

INF ({RC|Pula-=Pulado). Assim, (mexem ele) para um lado e {CT|p̃=para o} outro e aquilo fica [AB|tudo] tudo juntinho, [AB|tudo] tudo numa bola.

INQ1 Uma escudela de madeira?

INF Há?

INQ1 Uma escudela de madeira ou de plástico?

INF De madeira, madeira. E depois aquilo vai e agarra e bota-se aquilo {CT|pɔ=para o} forno...

INQ1 Mas botam na pá, primeiro?

INF Ou na pá ou têm [AB|luns, uns] uma coisa, chamam um cocho. É uma coisa parece [AB|luma, uma] uma escudela. É uma ({RC|escu=escudela}) assim... É de feitio assim, e bota-se lá dentro e mete-se dentro do forno e vira-se e fica lá (certinho).

INQ1 Ah! Sim senhor.

INF E depois sai para fora – é como eu {fp} lhe acabo de dizer... [AB|Se depois de, do] Depois como o pão {IP|ta=está} cozido, [AB|a senhora tem] tiram-no para fora e depois é abafado, ou com uma toalha, ou com uma coisa qualquer, para ele {PH|nũ=não} tomar ar. E ali está. Mas aquilo pode estar, eu sei lá! É sempre maciinho e molezinho, que aquilo é mais mole {CT|kɔ=que o} trigo.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Pois, pois.

INF É. A gente cá, nós é assim.

INQ1 Pois, pois.

INF E depois se temos leite, a gente...

INQ1 O leite de cá é da, das suas vacas mesmo, não?

INF É da minhas vacas. É das minhas vacas. É.

INQ1 Portanto é bom.

INF Pois é. Serrano, de vacas serranas, que é o leitinho melhor que tem!

INQ1 Vaca serrana...

INQ2 Não admira que o desembargador queira isso!

INQ1 A vaca serrana qual é? Aquela castanha?

INF Não, não. É uma que é toda retintinha de vermelha, é toda vermelha.

INQ1 Ah!

INF Todas vermelhas, todas vermelhinhas, essas é que é a serrana! Eu estou a {fp} receber uma média de (sessenta) /cento\ e tal contos por...

INQ1 Pelos animais?

INF Pelos animais. Mas eu, depois...

INQ1 Pois, pois.

INF Porque a gente... Eu tenho... Porque só tenho vacas serranas e o touro é tourino – ah! é serrano também!

INQ2 Também.

INQ1 Pois.

INF E vem cá o [RP|o{fp}] coiso... Eu, {PH|su'pɔjɐmuz=suponhamos}, uma vitela, deixo-a {IP|tar=estar} um mês, um mês e meio, [AB|e{fp}] e depois eles vêm cá, dão-me dez, doze contos, a pecuária. Dão-me...

INQ1 Pois, pois.

INF E depois eu vendo-a por o que calhar.

INQ1 Claro.

INF Depois{fp} tanto a vendo por trinta como quarenta contos, e aquele dinheiro vem [AB|sem] sem trabalho nenhum.

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois claro.

Código de identificação do ficheiro: COV07-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 337-422	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria CD nº: 19A faixa: 07	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Ele vem aí um senhor aqui vender roupas – {pp} é lá [ABlde] de Vilar Formoso. Até fica, em vindo, sempre em minha casa. Mas (como ele) começou por aí a andar [ABla] a vender roupas, mantas, cobertores e {fp}... E depois, um dia à noite, chega aí, mais a mulher [ABle dois fi-] e dois miuditos, e [ABldi-] pediu [ABlpara {PHlli=lhe} dar de] se {PHlli=lhe} dávamos (bebida) /comida\ – mas que dormiam no carro, mas se {PHlli=lhe} dávamos comida –, [ABlse] se {PHlli=lhe} vendíamos pão e {fp} batatas e vinho. E eu disse: "{IPlta=Está} bem, a gente arranja". Foi {fp} lá a minha nora (e) levou: batata, levou- {PHlli=lhe} carne – um bocado de carne –, levou- {PHlli=lhe} {fp} uma garrafa de vinho. Depois ele queria pagar e a gente: "Não pagas nada disso"! Eu não. "Não pagas nada disso"! Coitado. Coitado de quem anda por fora das casas deles. Sabe? Quem anda por fora das casas deles – (pagam-se cá) – apanha o bom e o mau.

INQ1 É isso mesmo.

INQ2 Exactamente.

INF É. Porque eu já sei o que é isso. Ora bem, o homem {fp}, o homem agora começou a andar por aí sempre. Agora, fica sempre (na) /em\ nossa casa. Ainda quando foi agora [ABlque eu ma- {fp}] que matei os porcos – que eu tinha matado os porcos há dois dias –, ele chega aí e eu disse: "Ó homem, olhe, vem numa altura boa! É quase na altura... Nós, a sarrabulhada foi ontem, mas você"... Ora, comeram e beberam o que eles quiseram.

INQ2 Claro.

INF (A gente tem muito disso).

INQ1 Como é que é... Como é que... Em que altura é que se faz a, a?...

INF A sarrabulhada? É quando matam os porcos. Olhe, é assim ou agora...

INQ1 E em que altura é que se mata os porcos? É no Natal?

INF A gente cá é... Não. Novembro.

INQ1 Novembro.

INQ2 Ah!

INF Novembro, fim de Novembro, princípio de Dezembro... Mas não, é sempre em Novembro. E agora, eu mato três então, e mato dois agora {CT|pɔ=para o} mês que vem.

INQ2 Ah! Depois mata mais tarde!

INF Mato agora dois [AB|{CT|paz=para as}] {CT|paz=para as} (haver). Agora [AB|{CT|pa=para a}, {fp} {CT|pa=para a}] {CT|pa=para as} sementeiras, [AB|vou] meto muita gente de fora. Arranjo pessoas.

INQ1 E tem, e tem... E tem que matar para, para dar comida.

INF (Há que) [AB|dar] dar comida, porque aqui esta carne antiga, {fp} que é de salgadeira – que eu tenho arca... Tenho arca e boto-a lá [AB|na] na arca, mas também gosto da carne do sal.

INQ1 Salgada.

INQ2 Pois.

INF Do sal! Até, pelo contrário, [AB|no princi-] no princípio {PH|nũ=não}, não sabe tão bem, mas depois {CT|pɔ=para o} resto até é melhor {CT|ka=que a} outra.

INQ1 Pois é.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Porque a outra é fresca de mais. Na arca, fica até fresca de mais. E a gente para comer a carne da arca, sabe o que lhe a gente faz? – lá a minha nora e nós! {fp} (Vamos dizer) –

{PH|su'pɔɾɐmuz=suponhamos} – tira {pp} uns bocados de carne, porque tem aquilo em sacas até na arca, e ela tira, bota-{PH|i=lhe} o sal, aí uns dois ou três dias, ou quatro ou cinco, e ela ganha sal. E depois então é que a gente {pp} come dali, {pp} daquela.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Mas a gente {RC|ma-=mata}... Mato sempre cinco, seis porcos, durante o ano.

INQ1 Em Novembro?

INF {fp} Em Novembro mato três e um, quatro.

INQ2 E ma-, ma-... Pois.

INF E agora mato três, mato dois; e depois quando for aí para Agosto, conforme o tempo que der... Eu compro pequenino. Eu {PH|nũ=não} compro porcos grandes! Compro-os pequeninos! E crio-os em casa.

INQ1 Pois.

INF Boto-{PH|i=lhe} o leite das vacas, boto-{PH|i=lhe} farinha – {fp} aquela farinha centeia, que é o que eles medram – {CT|kumɐ=com uma} escuma. E eu boto-lhe farinha {RC|cen=-centeia}...

INQ1 Ai é?

INF Ah, ah! É a coisa que {PH|i|=lhes} faz melhor {PH|ɔ|=aos} porcos!

INQ1 Não sabia!

INF Faz (aos pequeninos), assim, assim no leite. {fp} Compro-{CT|lɐ=lha} e depois mato (cada um)!

INQ1 Rhã-rhã!

INQ2 Então e não, não, não cria, não tem para criar, não tem?

INF Não tenho, não, não, não. Não tenho porcas para criar, não.

INQ1 Porquê? Não... Dá muito trabalho, não?

INF {fp} Não tenho... Não, não é por ter muito trabalho; é que não temos vagar, não temos tempo, para lidar com aquilo.

INQ2 Pois é.

INQ1 É muita lavoira!

INF É muita lavoira, {PHlnũ=não} temos vagar nenhum. E eu compro-os a tirar do leite, compro-os assim pequeninos e depois

INQ1 Pois. Claro.

INF crio-os em casa.

INQ1 Claro.

INF [ABIE é] E é a carne melhor que tem, [ABlé] é criados em casa. Porque a gente, olhe, bota-
{PHlli=lhe} batata, bota- {PHlli=lhe} leite, bota- {PHlli=lhe} {fp}... Pronto! Bota- {PHlli=lhe} farinha,
bota- {PHlli=lhe}... {PHlnũ=Não} é a farinha de fora!

INQ1 Pois.

INF Eu {PHlnũ=não} boto... Eu {PHlnũ=não} compro [ABlfa-] as farinhas de fora para...

INQ1 Pois. É mesmo farinha da casa!

INF É farinha da casa. E aquilo, [ABlas c-] aquela carne é muito mais gostosa!

INQ1 Deve ser ótima.

INQ2 Deve ser, deve.

INF Muito mais gostosa!

INQ1 Olhe, mas conte-me lá então como é que fazem a matança.

INF Ah! A matança, (sei lá eu) ! [ABIEu]

INQ1 Como é que é?...

INF Olhe, agarram-se os porcos, {fp} quando eles já são para matar... Agarram dois ou [ABlt- {fp}]
três ou quatro homens, ({PHlɛ'garẽw̃nuɟ=agarram os}) /agarram nos\ porcos, botam-nos em cima do
carro [ABle].

INQ1 Do carro?

INF Do carro. Um carro de vacas. {fp} E depois o matador mata e depois de matar temos umas... (Há
algum tempo, era [ABlquei-] queimado aquele cabelo com carquejas.

INQ1 Com carquejas, pois.

INF Carquejas (é que era)! Escolhia-se... {fp} Ah, diziam – quando fosse para matar os porcos –: "É
preciso ir {PHlɔɟ=aos} carquejões"? {PHlɔɟ=Aos} carquejões, é essas carquejas grandes!

INQ2 Rhã-rhã!

INF [ABlQuando é] "Vai {PHlɔɟ=aos} carquejões"! Agora não. Temos os maçaricos.

INQ2 Ah!

INF Ligamos à electricidade! É. Ligamos lá [ABl{PHlɔ=ao}] {PHlɔ=ao} coiso, à electricidade, não
há...

INQ1 Pois. É com o maçarico.

INF É {CTlku=com o} maçarico.

INQ1 Com, com uma, uma garrafa de gás...

INF É. É a garrafa de gás, liga-se aquilo, (chamusca)... E fica muito melhor!

INQ1 Fica melhor que com a carqueja?

INF Não, não. Com aquilo fica melhor que {CTlkwø=com a} carqueja. Com a carqueja aquilo é...

Ficava aquilo tudo negro! E depois a gente, mesmo {CTlku=com o} maçarico, depois é tudo lavado – lavam o porco depois de morto e{fp} chamuscado –, depois é lavado, todo lavado, depois põe-se [ABl a{fp}] (aquilo)...

INQ1 E não é raspado?

INF É raspado {CTlkumø=com uma} faca.

INQ1 Com o quê? Com uma faca.

INF Com uma faca. Com uma faca é ali todo raspadinho! {PHlnũ=Não} se conhece um cabelinho, {PHlnũ=não} se conhece nadinha! Ficam, ficam... Em tempo, antes de o meu sobrinho andar a estudar, aquilo era {fp}... Aquilo era queimado a carqueja, às vezes, ainda ficava uns cabelos grandes e (aquilo tudo)!

INQ2 Pois, pois, pois.

INF Agora não senhor. Porque agora vem aí gente grande – ele traz gente grande a minha casa e (é muito). E ele sabe o que nós cá também fazemos? É botar presuntos {PHlø=ao} fumeiro.

INQ2 Ah!

INQ1 Ah, também fazem presuntos!

INF Ah, pois fazemos! Isso é {PHlø=ao} fumeiro!

INQ1 Ah, isso é muito bom!

INF Ah, pois é!

INQ2 Tão bom!

INQ1 Isso é ótimo!

INF Ah! O presunto é {PHlø=ao} fumeiro. Eu, todos os anos, boto três, {pp} quatro, conforme.

INQ1 Pois, isso é muito, muito bom!

INF É. E depois vem uma pessoa qualquer... As senhoras chegavam agora lá, eu {fp} não tinha nada, oferecia-{PHlli=lhe} de comer; as senhoras iam, agarravam, cortavam um pedaço de presunto...

INQ1 Pois, pois. Ai, dá muito jeito ter!

INQ2 Pois.

INF Vou a um bocado de presunto daquele com um bocado [ABlde] de broa [ABlou] – ou, se quisesse trigo, a gente tem lá sempre trigo, mas um bocadinho de broa quando ela é assim ainda é melhor {CTlko=que o} trigo –, um bocado de broa, uma pinga, {fp} já aquela gente ficou (espertada).

INQ2 Pois claro!

INQ1 Claro!

INF Sabe? Porque {PHInũ=não} temos sempre gente {pp} [AB|para] disponível [AB|para] para arranjar de comer.

INQ1 Pois claro.

INQ2 Pois claro, pois claro.

INQ1 Olhe, então e depois pen-, pendurava o porco. Depois de estar chamuscado, estar raspado e lavado...

INF [AB|E depois, ponho {fp}] E depois é aberto.

INQ1 Pendura... Pendura-o aonde? Em quê?

INF [AB|{fp} Nu-, nu-] Numa trave qualquer. Temos uma casa própria {pp}

INQ1 Para fazer isso.

INF para fazer aquilo. Tenho uma casa e aquilo é (que tem)...

INQ1 Que tem uma trave?

INF Tem uma trave de madeira.

INQ1 Onde se pendura o porco.

INF Onde se pendura o porco.

INQ1 E, mas não tem um pau, assim, parece um cabide quase para meter nos, atrás no...

INF Tem, tem. Chamam aquilo {fp} um chamberil.

INQ2 Rhã-rhã!

INQ1 Mas aqui também se usa isso?

INF Também, sim senhora. Também usam. E depois aquilo é botado...

INQ1 E depois abrem o porco?

INF E depois abrem o porco aberto, tira-se (já) as {fp} tripas. E depois...

INQ1 Tira-se as tripas.

INF Nós cá é: tira-se a tripa, {pp} tira-se-{PHIli=lhe} [AB|lo, o] o coiso, o fígado, tira-se-{PHIli=lhe} o coração {pp} e os 'impulmões', tira-se tudo. Só fica...

INQ1 Como é que lhe chama aos pulmões?

INF Chama-se-{PHIli=lhe} os {fp}... {PHIlo|=Aos} pulmões, chama-se {fp} é...

INQ1 Os bofes ou isso?

INF {fp} É. É isso {pp} que se chama. E depois aquilo tira-se-{PHIli=lhe} para fora e fica dependurado, e depois quando for... A gente cá faz rojões. A senhora sabe o que é rojões?

INQ2 Sei.

INQ1 Gosto muito.

INF Sabe? Pois. A gente faz rojões. Quer dizer, o fígado {PHInũ=não} faz!

INQ1 Pois.

INF O fígado bota-se na arca e está sempre – e os 'impulmões' do porco –, está sempre pronto...

Porque se a senhora quer fazer um arroz, quer fazer uma coisa qualquer, vai lá, quer um bocado {fp} daquele de fígado, [AB|está] (ou está junto) {fp}...

INQ1 Mas na arca agora? Na arca?...

INF Na arca [AB|quando é] quando é que os mata. E deixa estar...

INQ1 Mas é agora. E antigamente o que é que faziam?

INQ2 Antigamente.

INF Ai, antigamente, olhe, sabe o que eles faziam? {fp} [ABl{PHl'erẽw̃nu}]=Eram os} primeiros] {fp}

A primeira coisa que eles comiam era isso.

INQ2 Rhã-rhã.

INQ1 A primeira coisa era o fígado logo?

INF Era o fígado [ABlo fi-, o fi-]

INQ1 O coração.

INF e o coração [ABle os] e os 'impulmões' [ABle] e depois comiam aquilo e depois... Antes de ir

{CTlpa=para a} outra carne!

Código de identificação do ficheiro: COV08-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 71-103	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 08	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF E depois havia um irmão meu que está no Brasil – que é o Arsénio –, que é o mais novo. Ele é muito judeu! E eu, tínhamos matado os porcos e eu até estava a desmanchá-los. Queria-os desmanchar. E ele entra {fp} {PHl=ao} pé de mim e diz: "Ó rapaz, onde é que está o pissão do porco"? Que era uma que é aqui de Tabaçó, chamada a Bebiana, que andava a pedir. Digo assim: "{IPlta=Está} ali. Que é que queres"? "Deixa ver". E o sacana – porque aquilo tem aquela verga comprida –,
INQ1 Pois.

INF e o sacana vai, e agarra, e embrulhou-o, e meteu aquilo por baixo, e ela a pedir à porta, e ele (agarrou): "Pega lá! Pega lá! Leva! Pega lá"! A mulher foi a pegar e aquilo caiu-lhe por entre as mãos abaixo, aquela verga para baixo! Oh filha! O ladrão deu em rir-se e eu também me ri! Mas disse: "Olha que é pecado, rapaz. {PHlnũ=Não} faça isso". (É verdade), ele fez aquelas coisas àquela mulher, (a gozar). E aquilo é para brincadeiras.

INQ1 Claro.

INQ2 Pois.

INF E outras vezes, a gente bota aquilo {PHl=aos} cães ou {fp} {PHl3=aos} gatos ou (bota aquilo).

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Pois.

INQ1 Claro.

INF Mas isso [ABl{PHlnũ=não} é pa-] {PHlnũ=não} é aproveitado.

INQ1 Olhe, e aquela parte onde está a urina do porco?

INF É [ABla bexi-] chamado aquilo a bexiga.

INQ1 E para que é que?... Usava-se isso para alguma coisa?

INF {fp} Usa. A gente, {PHlsu'poɲemuz=suponhamos}, uma vaca, é preciso tomar umas lavações.

{PHlsu'poɲemuz=Suponhamos}: a vaca [ABltem uma] bota a cria antes do tempo –

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Sim.

INF sabe? – e depois [ABlo] o 'maternário' ou o {RClalvei=alveitar} – a gente cá tem um que chama aqui o alveitar – vem {fp} despejá-la. Porque, às vezes, ela (não apanhe e tal e coisa)...

INQ1 Pois, pois, pois.

INQ2 Já sei.

INF [ABlÉ des-] Chamam despejá-la. E depois aquilo é preciso dar-lhe umas lavações. E aquelas bexigas são aproveitadas para aquilo. Põe-se-{PHlli=lhe} uma cana, põe-se uma cana na frente, e depois aperta-se e aquilo dá as lavações para lavar o animal dentro dela.

INQ1 Ah, sim, sim, sim.

Código de identificação do ficheiro: COV09-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 236-277	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF O meu sobrinho [ABlé um moci-] é um mocito que tem onze anos.

INQ1 Coitado.

INF [ABlEst-, esteve] Olhe que já está há um ano no hospital, no Porto, no Santo António. E agora {fp} lá a doutora, que é a doutora Belisa, mandou-o {CTlpa=para a} Inglaterra.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E ele foi {PHlmajlê=mais a} mãe. O pai anda na França; o irmão anda na França ; é só a minha irmã é que está aí. E nós, ajudá-los? Pff, o que é que a gente lhe há-de fazer?

INQ1 Coitadinho!

INQ2 Coitado!

INF E o mocinho, olhe, agora, veio agora, foi na sexta-feira com dois buracos – um de cada banda da espinha, nas costas. Tiraram-{PHlli=lhe} a medula!

INQ2 Ah!

INQ1 Para análise, não?

INF Não, não. Tiraram-{PHlli=lhe} a medula porque ele sofria daquilo. E aquilo é que {PHlli=lhe} dava {RClca=-cabo}... Olhe, já largou o cabelinho da cabeça duas vezes!

INQ2 Coitadinho!

INF Ficou tal e qual, (que nem)...

INQ2 Pois.

INQ1 Pois, pois.

INF E agora, {fp} tiraram-{PHlli=lhe} a medula, porque ela [ABltele-] – a doutora Belisa – telefonou {CTlpa=para a} Alemanha, {PHlnũ=não} havia, telefonou {CTlpa=para a} França, {PHlnũ=não} havia, telefonou [ABl{CTlpa=para a}] {CTlpa=para a} América, {PHlnũ=não} havia, telefonou {CTlpa=para a} Rússia e {PHlnũ=não} e havia {pp} – para acudir {PHlç=ao} mocito! –, mas depois,

na Inglaterra, telefonou {CT|pa=para a} Inglaterra, {PH|nũ=não} (não havia), mas depois apareceu logo três pessoas a dar-{PH|li=lhe} a medula.

INQ1 Ah!

INQ2 Ah!

INF E depois o doutor – que é o doutor... {pp}, é o doutor da Inglaterra, é o doutor Artaldo... Não! É o doutor Artaxerxes! –, o doutor Artaxerxes foi, telefonou [AB|{CT|pa=para a}] {CT|pɔ=para o} Porto, {CT|pa=para a} doutora Belisa, que já lá tinha três.

INQ2 Ah! Pois.

INF Que mandasse a criança para lá. E então foram.

INQ2 Já foram para lá? Já lá estão?

INQ1 Foram.

INF Foram. Foram e já foram e já vieram.

INQ1 Ah! E então?

INF Foram e agora... Agora tiraram-{PH|li=lhe} a medula dele. Agora {IP|tẽw=estão} à espera; vai amanhã {CT|pɔ=para o} Porto – é – a minha sobrinha [AB|{CT|ku=com o} mo-] {CT|ku=com o} mocito, para essa Belisa ver – que ele já está há quinze dias sem tratamento –, para ver [AB|o, o] se é preciso tratamento e para ela telefonar lá [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pa=para a} Inglaterra, quando é que vão {pp}, outra vez.

INQ1 Pois, pois.

INF Sabe quanto é que se gasta na operação?

INQ1 Calculo!

INQ2 Ah, imagino!

INF Trinta e cinco mil contos. Trinta e cinco mil contos!

INQ2 Meu Deus!

INQ1 E a, e a Providência dá alguma coisa, ou não?

INF Arre porra! Nem me diga isso! {fp} Nós...

INQ1 Não dá nada?

INF Então não dá?! Então, olhe que ela [AB|nem] {PH|'nẽjnẽ=nem a} pensão paga! {PH|'nẽjnẽ=Nem a} viagem paga!

INQ1 Que sorte! Mas olhe que às vezes não pagam.

INF [AB|Mas] Mas (o pai) pagou...

INQ2 Às vezes não pagam.

INF [AB|Logo] Agora logo de entrada, deram-{PH|li=lhe} três mil contos.

INQ1 Agarra aqui.

INF (Veja lá). Deram-{PH|li=lhe} três mil contos.

INQ1 Ah! Vá lá.

INQ2 Vá lá.

INF Foi, foi. E agora, coitadinhos, estamos a ver.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Trinta e cinco mil contos que a [RP]que a, que a] operação...

INQ2 E que idade tem o rapazinho?

INF Onze.

INQ2 Onze anos. Coitadinho!

INQ1 Coitado.

INF Ai, mas é muito fino! Olhe que ele andava na escola, e agora, assim doentinho, e (vê)

{PHI'βiluz=vir os} outros da escola – o meu neto e os outros – e ele vai ver o que as professoras (dêem)

e o que elas ensinaram e ele fá-lo.

INQ2 Lhe ensinaram.

INQ1 E ele faz tudo, consegue fazer como se lá estivesse.

INF Ele faz tudo. [AB|E{fp} está] E está tal e qual. (Ele) sabe tanto... Eu acho que ele sabe mais

{CT|kɔz=que os} que se andam lá.

INQ1 Pois.

INQ2 É esperto, o miúdo!

INF É [AB|mui-] {PHI'mujtɛ=muito} fino, aquele miúdo; é muito esperto! É.

INQ2 Pois.

INF Pois é assim. Mas o pai, coitado, anda na França. [AB|A mãe, o{fp}] O irmão também lá anda!

E{fp} cá arranjou-se... Nós também {PH|li=lhe} {PH|ẽpri'i'temuz=emprestámos} algum. E pronto!

INQ1 Coitado!

INF É família!

INQ2 É família!

Código de identificação do ficheiro: COV10-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 278-335	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 10	Data da primeira transcrição: Out.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Olhe, minha senhora, eu digo isto – e vocês podem perguntar aonde vocês quiserem – não tem famílias como a nossa. {pp} Não. Olhe que [AB]a nossa, {fp} nossa] em nossa casa, ninguém sabe aonde é que está a miséria. {pp} Eu {CT}ku3=com os} meus irmãos {PH}nũ=não} se sabe: porque se eles {PH}nũ=não} tem, estão em minha casa; se eu, às vezes, preciso de qualquer coisa, vou à casa deles, {pp} e ali [AB]lé} é uma família toda...

INQ1 Pois. Exacto, pois, pois.

INF Irmãos, mas todos amigos, todos dados uns com os outros que {PH}nũ=não} há a mais pequenina coisa.

INQ1 Pois, pois. Olhe, é uma grande coisa, isso.

INQ2 Pois.

INF Nunca houve a mais pequena coisa uns com os outros.

INQ1 É uma coisa boa.

INF Ah, não, não! Nunca! Olhe que eu chego a minha {RC}lca=casa} {fp}, lá, (às vezes), vem uma pessoa de fora, eles logo vêm, logo perguntar: "É preciso alguma coisa"? Nós quando vamos a casa {RC}lde=deles} e eles à casa.... Ou que nós veja que é gente assim dum certa coisa: "É preciso alguma coisa"?

INQ1 Pois.

INF "Não". Ou "é", ou "não é". Se é, vêm buscar; se não é, pronto!

INQ1 Pois claro.

INF É. (É muito – a família – amiga).

INQ1 Mas são... Ainda são todos vivos?

INF Não. Já morreram dois. Já morreu o mais velho, que era o Artúlio, e morreu a minha irmã que estava casada ali no Monte da Velha, que era a Belmira. {fp} Já morreu dois, agora {PH}l'sẽwñuz=são os outros} vivos ainda. Por enquanto.

INQ1 Quantos são ainda?

INF Éramos sete; agora somos cinco.

INQ1 Agora são cinco.

INQ2 E estão todos aqui? Ou alguns estão fora?

INF Não. [AB|Agora, os ou-, os ou-, os ou-] Os outros agora {IP|tẽw̃=estão} cá todos. Os outros, os que estavam fora, só está uma ali na Macieira, os outros {IP|tẽw̃=estão} cá. Está cá a Benilde, que é {fp} a chegada {PH|ɔ=ao} mais velho; está cá o Bento; estou cá eu, três; e a dali, quatro; [AB|e a] e a (de coiso), dacolá, cinco; e dois que morreram sete.

INQ2 Pois.

INF Pois é.

INQ1 O senhor não é o mais velho?

INF Não. O mais velho é o que morreu, o Artúlio. Morreu com setenta [AB|e] e oito anos. Setenta e oito. A minha irmã – era mais velha que a mim também, mais três anos – também já morreu há um ano. E depois sou eu o chegado, mas tem uma que [AB|é a mais] é a chegada {PH|ɔ=ao} mais velho, que é [AB|a] a mãe do professor. [AB|É a mãe]

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhã-rhã. Ele é professor aonde?

INF {fp} É {fp} aqui em Vale de Cambra.

INQ2 Rhum-rhum.

INF É ali {fp} {PH|ɔ=ao} pé do Pinheiro Manso – do Pinheiro Manso. Oh, eles estão a passar muito bem também. Eles [AB|estão] também estão muito bem!

INQ1 Ele é professor de quê? De liceu?

INF Não, professor [AB|de, de]

INQ1 Da escola primária?

INF da escola primária, é. Traz dois filhos a estudar: traz um no Porto, traz outro em Coimbra. Tem só os dois filhos, (tal e qual) os dois a estudar, um em Coimbra e outro no Porto. Esse rapaz também está bem. [AB|Mas {fp}] Mas o princípio dele viu-se atrapalhado.

INQ1 Pois.

INF Olhe, minha senhora, eu digo: eu acho que não [AB|houve aí nenhum] houve pessoa nenhuma que passasse tantos trabalhos no princípio da vida como eu. Hoje estou bem, graças ao Senhor.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Mas passei muitos trabalhos.

INQ1 Mas porquê?

INF Porquê? Porque {PH|nũ=não} tinha. {fp} {PH|nũ=Não} tinha.

INQ2 Pois.

INQ1 Mas não tinha terras ou não?...

INF {PH|nũ=Não} tinha as terras, {PH|nũ=não} tinha terras, {fp} {PH|nũ=não} tinha terras, {PH|nũ=não} tinha {fp} aqui {fp}... Vim de Lisboa, trouxe um dinheirito, mas depois as minhas irmãs

casaram-se duas, dei- {PHlli=lho} e tive que ({PHlli=lhe}) pedir dinheiro para as acomodar, {pp} que (ele não)...

INQ1 Pois. Porque era... Porquê? Mas era o senhor que tinha que acomodar as suas irmãs por causa de elas serem raparigas ou?... Como é que era?

INF Era ser raparigas mas foi o seguinte: é que elas, {fp} os que as queriam – os homens delas –, queriam logo: "Ou me dá tanto ou {PHlnũ=não} a quero"!

INQ1 Ah! Mas isso era assim habitualmente antigamente, não era?

INF {RC|Antig=Antigamente}, era sim senhora. "Se {PHlnũ=não} dá tanto, {PHlnũ=não} quero"!

Ora, o meu pai {PHlnũ=não} tinha {pp},

INQ1 Pois.

INF e eu, como é que eu ia fazer?

INQ1 E era os homens delas que pediam isso ou era os pais, os pais deles?

INQ2 Os pais deles?

INF Era os pais deles e eles. E eles uma vez chegaram aí {pp} e, de volta do meu pai, um [AB|queria {fp}] queria quinze contos – naquele tempo era muito dinheiro!

INQ2 Naquele tempo era muito!

INQ1 Ah, então!

INF Quinze contos! A melhor vaca que aparecia no mercado {fp}era um conto de réis!

INQ1 Está a ver.

INF O meu pai (e eu) – mas a chorar – e {fp}: "Ó rapaz, tu que dizes"? "Ó homem, olhe que eu {PHlnũ=não} sei, mas isto {IP|ta=está} mau"! Diz: "Eu {PHlnũ=não} sei, {fp} para esses diabos ficarem para aí, é o diabo, homem! Tu {PHlnũ=não} sabes o que é"! {fp} Ninguém quer ver as filhas mal!

INQ1 Claro.

INQ2 Pois claro.

INF Sim... A gente – {PHlnũ=não} sei se as senhoras são casadas, se não...

INQ1 Somos, somos.

INF Pois olhe, mas ninguém quer ver os filhos mal!

INQ1 Claro.

INQ2 Pois claro.

INF E eu disse: "Pois então, pronto". (Eu), toca a pedir dinheiro! Eu toca a pedir dinheiro! Quando ele morreu tive que pagar aquelas dívidas todas. Tive que pagar as dívidas.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF A pagar (a toda a hora), claro! Eu {PHlnũ=não} tinha.

INQ1 Claro.

INF Tinha só uma vaca, quando foi nas partilhas – parti com os meus irmãos –, depois olhe que fui tão 'bondábele' como isto:

INQ1 Pois, pois.

INF partimos e eu disse: "Ó meus amigos, agora escolhei o que vocês quiserem. Se quereis à cega – {fp}a tirar {fp} uns bilhetes assim {fp} –,

INQ1 Pois, pois.

INF muito bem"; e se {PHlnũ=não} quiser, "vocês escolhei, 'lei' as folhas como vocês quiserem, diante do advogado, e vocês escolhei, e eu fico com aquilo que vocês {PHlnũ=não} quiserem". Assim é que foi.

INQ1 Pois, pois.

INF E eles escolherem, escolheram, escolheram...

INQ1 Desculpe lá, qual é o seu nome que ainda não me lembro?

INF Hã?

INQ2 Ele ainda não nos disse.

INQ1 Ainda não disse o seu nome.

INQ2 Ainda não disse, ainda não disse.

INF Arquibaldo.

INQ1 Arquibaldo.

Código de identificação do ficheiro: COV11-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 339-441	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 11	Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Mas sabe o que foi? Eles depois escolheram as terrinhas que já {IP|'tavẽw̃=estavam} melhores, mais bem feitas, mais preparadas nas folhas, melhores, eles ficaram com elas. E eu fiquei com aquilo que eles {PHlnũ=não} queriam. Mas eu, que é que eu fiz? [ABIFi- {fp}] Cultivei-as, preparei-as...

INQ1 Ficaram como as outras?

INF Olhe, eu, [RPlẽu] ficaram melhores!

INQ1 Ficaram?

INF Eles, eles podem-me dar duas folhas das deles, que eu não dou uma das minhas. "Ah, mas (só o meu irmão)!" Olhe que eu alevantava-me de noite – para aí à quê? –, para aí às quatro horas, quando se visse, [Able ia p-] e ia [ABI{CT|pɔ=para o}, {CT|pɔ=para o}] – a gente cá é sorrubar! – fazer leiras, fazer bocados.

INQ1 Surribar é fazer aquilo que está ali?

INF Pois.

INQ1 Preparar aqueles terrenos é sorrubar?

INF É sorrubar.

INQ1 É o primeiro trabalho que se faz?

INF É. É sorrubar. {PH|su'pɔɲẽmuz=Suponhamos} isto aqui: começa-se a sorrubar, faz-se um bocado, pronto, é sorrubar.

INQ1 É sorrubar, portanto, é limpar das ...

INQ2 É tirar as plantas, as...

INF Isso, isso, isso. E eu agarrei-me àquilo, comecei a trabalhar, a trabalhar... Andei aí na floresta – olhe que botei a Padruça, vim ali à (Feixa) adonde há a casa da água –, andei por aí. Mas quê? Olhe, eu ganhava naquele tempo quinze escudos. Eu e todos.

INQ1 Pois.

INF Era o meu ordenado era quinze escudos. Ora ganhava quinze escudos, ia comprar o milhito, ia comprar o milho [AB|para] para moer, [AB|para co-] para cozer para comer, {PH|o=ao} fim de {fp} aí quatro, cinco dias, um alqueirito de milho {fp}, começava a minha mulher: "Ó Arquibaldo! Ai Jesus! Só temos três broas"! "Só temos quatro broas"! e eu, pronto. "E agora onde é que vamos buscar o dinheiro"? E juro em cima de mim! Chegava-se a um ano – passava-se num instante –, os juro a sete por cento...

INQ1 Pois.

INF Eu lá ia arranjando, poupo daqui um bocadito, chegava lá, já não... Nunca deixei juntar os juro. Ia pagando, pagando, pagando, lá fui. Depois aborrecemo-nos com um guarda que havia aqui, {pp} aborreci-me e fui e disse: "Pronto! Vou deixar [AB|de] de andar na floresta". Agarrei-me então à agricultura, fiz {fp} uma quinta, olhe, dacolá daquesses, em direcção daquele posto de {fp} telefone, [AB|naquele] naquele corte que tem aquela... Chamam aquilo...

INQ1 Não estou a ver. Aonde?

INF {fp} Aqui à nossa frente.

INQ1 Aqui mesmo?

INF À frente daquele meu bocado grande, em cima, cá em cima. {PH|nũ=Não} tem na frente {fp} daquele bocado grande, {PH|nũ=não} tem ali uma [AB|u-, u-]?...

INQ1 Umas couves?

INF Não, não. Ele {PH|nũ=não} é as couves. As couves é ainda mais para cima. É [AB|cá fo-] lá fora da parede, {PH|nũ=não} tem ali

INQ1 Sim.

INF um [RP|um]?... Chamam a gente aquilo uns carrasqueiros.

INQ2 Sim.

INQ1 Sim.

INF Dali você vê uma quinta que eu fiz lá em baixo,

INQ1 Rhã-rhã.

INF que dá-me noventa alqueires de milho e dá-me duas pipas de vinho.

INQ2 Mas...

INF Surribei aquilo tudo de noite!

INQ2 Ah!

INF Tudo de noite!

INQ2 Mas a terra era sua?

INQ1 E o senhor sozinho?

INF A terra é minha.

INQ1 E o senhor sozinho?

INF Sozinho.

INQ1 A sua senhora não o ajuda? Portanto ...

INF Coitada! [AB|E|a, ela] Ela cuidava [RP|cuidava] das vaquitas

INQ1 Pois.

INF [ABLE do m-] e do meu filho, que hoje é um homem já. Era pequenito!

INQ1 Pois.

INF E ela, coitada, fazia as voltitas, fazia-me o comer e ia-mo lá levar...

INQ1 Claro. Mas aqui as mulheres também trabalham na terra, ou não?

INF Então {PHInũ=não} trabalham?! Ai, minha senhora, trabalham mas trabalham! Mas é a trabalhar, {PHInũ=não} é a dizer que{fp}... Trabalham. Trabalham até bem muito! Depois eu agarrei-me àquilo, comecei a surribar, comecei a meter gadito {fp}... Tinha só vacas, uma bezerrita; depois comecei a ter duas vacas, depois passei a três, passei a quatro, foi indo, foi indo, foi indo, aquilo começou a aumentar, o meu filho criou-se! [ABIFoi a{fp}] Foi {CTIpa=para a} tropa – assentou praça em Aveiro, lá foi para Viseu... Olhe, quando arrebitou aquilo lá na Angola,

INQ1 Sim.

INQ2 Sim. Em se-...

INQ1 Em sessenta.

INF {IPI'tavẽ=estava} ele mobilizado para lá. {IPI'tavẽ=Estava} ele mobilizado já para lá. E eu arranjei com uma senhora em Viseu, {pp} a senhora Berenice, {pp} e ele mandou-me uma carta... Naquele tempo nem havia telefone, nem havia nada, e ele que me mandou uma carta: "Pai, [ABlvenha-se {fp}] venha-se despedir de mim, que eu vou {pp} segunda-feira"... Isto foi numa sexta-feira. "Que eu segunda-feira [ABlvou {CTIpa=para a}] vou para fora, vou {CTIpa=para a} Angola". Ai, meu Deus! Só aquele filho! Agora (é que ela está)... Bem, e aqui [ABIn-] no povo [ABlquan-]... Eu tenho dois dias de água durante a semana. Dois dias de água. Mas naqueles dias de água, ninguém [ABlvê] rega um talhadoiro de água senão eu. Naqueles dois dias, a água é só minha! [ABlNinguém] Ninguém vai regar. A água {pp} é toda minha. Olhe, quer ver, e eu fui {pp}: "Ai, isso agora como é que vai ser"? Mas o pedido (dele), do meu filho, era um padre que havia em Manhouce, que é o padre Artur, era primo do Governo Civil de Viseu.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E eu fui, mandei a minha mulher, disse: "Vai já, já, já, já, [ABlvai] vai [ABl{PHlõ=ao}{fp}] a Manhouce e vai ter com o padre e diz {PHlõ=ao} padre que vá para Viseu, que o moço que vai embora" – isto foi numa sexta-feira –, "que segunda-feira que ele que vai embora. Que eu {pp} acabo de regar esta água"... E fui por aqui abaixo, fui a (Padruça), passei à ponte de Teixeira... Ah, eu a chegar à ponte de Teixeira e a camioneta a chegar; se eu demorava um bocadito, até urinar, [ABljá {PHInũ=não}] já {PHInũ=não} apanhava a camioneta.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF Todo molhadinho! Cheguei lá, entrei para dentro da carreira, lá fui para Viseu. Cheguei a Viseu {pp}, fui {PHlõ=ao} quartel. Eu a chegar {PHlõ=ao} quartel e o padre e o Governo Civil a sair do quartel para fora. Saíram do quartel para fora, digo eu assim: "Ó senhor abade, então"? Diz ele: "Ó Arquibaldo{pp}, já ninguém acode {PHlõ=ao} teu filho"! O Governo saiu, esse não me ligou nada; caminhou lá o caminho dele e o padre ficou, (a conversar mais eu): "Olha que ninguém acode

{PHlɔ=ao} teu filho. Vai e vai mesmo! Mas que 'há-des' tu fazer?! Tem que se confortar"... e tal, tal. Aquelas conversas a mim [ABl{PHlnũ=não}, {PHlnũ=não}] {PHlnũ=não} gostava delas. Pois claro.
INQ1 Pois. Claro.

INQ2 Pois claro.

INF Depois eu (vou assim): "Ai, agora como é que me [ABlaca-] acabam de vez com ele"! Digo eu assim... Olhe que eram quatro horas e eu em jejum. Quatro horas da tarde, {pp} ali em Agosto, e eu em jejum! Ai Jesus! Digo assim: "Ó senhor abade, eu quero comer". Diz ele: "Olha que eu também estou só com o café". "Então vamos lá, vamos comer". Por sorte, entramos assim, só atravessava-se uma rua, e estava ali um restaurantezito, [ABlum] uma coisa mais {pp} pobre. {IPl'tavɛ=Estava} ali. [ABl{IPl'tavɛ=Estava}] Veio ali uma rapariga muito linda servir-nos. E eu disse para ela assim: "Olha lá, tu {PHlnũ=não} sabes aqui quem é que em Viseu pode dar um jeito a um rapaz {fp} que {IPlta=está} para ir para fora e esse homem é [RPlé] o único filho [ABle] e se ele vai embora, que há-de ser de mim e da minha mulher"? Diz ela assim: "Olhe", chegou-se, agachou-se assim {fp} – o padre estava dacolá {pp} da mesa e eu estava aqui –, ela {fp} chegou-se (a mim): "Olhe, tem aqui uma senhora, que é a senhora Berenice, se essa {PHlnũ=não} {PHlli=lhe} valer, {PHlnũ=não} vejo quem é que {PHlli=lhe} 'vaila'". Digo eu assim: "E onde é que ela mora"? "Olhe, você vê aquela porta – (enviscou-se) assim um bocadinho –, olhe, aquela porta, você vá [ABlp-] àquela porta e assuba. No segundo andar, à direita, ela mora lá". Digo eu assim [CTlpɔ=para o] padre: "Ó senhor abade, vá lá. Vamos lá". E o padre: "Não, não. Eu {PHlnũ=não} vou lá. Vá lá você"! Eu já {PHlnũ=não} comi. [ABlChe-] {IPl'tavɛ=Estava} a comida no... Já {PHlnũ=não} comi! {IPl'tavɛ=Estava} ali, atravessei a rua, subi por ali fora, pela escada fora, tumba, tumba, tumba, cheguei lá, à direita, lá estava a porta. Eu {pp} carreguei no botãozito: trrr, a campainha... Ela veio à porta – uma senhora muito linda! Ai que senhora linda! {fp} À porta, abriu só assim um bocadinho da porta: "O senhor o que é que quer"? Nunca me tinha visto de mais lado nenhum e eu a ela também não. Disse: "Olhe, aqui não é que mora a senhora Berenice"? Diz ela: "É, sim {RClse=senhor}. É. O senhor o que é que {PHlli=lhe} quer"? "Olhe lá, [ABlestá um] um filho meu está para ir para fora, e já tem tudo {pp} coisa, e eu {pp} queria ver se a senhora {PHlli=lhe} dava algum jeito para ele {PHlnũ=não} ir". Diz ela assim: "Ai, {pp} quem é que o mandou para aqui? Eu {PHlnũ=não} me meto nisso"! Digo eu: "Ó senhora Berenice, você, a senhora, [ABlnão me a-] {PHlnũ=não} me faz isso porque {PHlnũ=não} quer. {pp} Porque a senhora podia-me valer {pp} ou {fp} valer {PHlɔ=ao} meu filho". Diz ela assim: "Pois é, mas eu, {PHlnũ=não}, {PHlnũ=não}, não nisso"! Mas começou a abrir a porta e ficou à vontade como a senhora está mais eu.
INQ1 Pois, pois.

INF Começou a conversar, diz ela assim: "Olhe"... {IPl'tivi=Estive} eu a contar-{PHlli=lhe}, que era só aquele filho e que tinha só aquele filho [ABle{fp} que] e que é que havia de ser de mim a ({PHl'majlɛ=mais a}) minha mulher que era uma mulher doente – e é. E aonde diz ela assim: "Mas {PHlnũ=não}, então eu que faço"? Mas ela ouviu, ouviu, ouviu e eu tanto {PHlli=lhe} pedi, e ela, diz

ela assim: "Olhe, você vai hoje embora"? E eu disse: "Não, senhora Berenice". "Você onde é que vai ficar"? Disse: "Olhe, eu fico aqui nessa pensão da senhora Bernardete". Diz ela assim: "Olhe, você logo quando for dez e um quarto ou dez menos um quarto apareça aqui, que eu, eu digo-{PH|li=lhe} qualquer coisa". Eu já fiquei todo contente! Já [AB|a minha] o meu coração parece que ficou mais à vontade.

INQ2 Pois.

INF Depois {pp} eu fui para dentro e [AB|e o meu] a minha comida estava lá e o padre ainda estava a comer. Diz a {fp} cachopa: "Então"? Disse: "Olha, foi assim, assim". "Já {PH|nũ=não} vai lá fora. {pp} Você vai ver que o seu filho {PH|nũ=não} vai lá fora". Digo assim: "Se ele {PH|nũ=não} for lá fora, se ele for que {PH|nũ=não} vá lá fora, dou-te dois contos". Diz ela: "Estão ganhos". Digo eu assim: "Pois [AB|e-, e eu] e eu que tos dou já"! Diz ela: "Não, não. Você, logo, então, ela mandou-o lá ir, você logo vai lá". A cachopa lá me preparou uma cama e disse: "Olha eu [AB|vou] venho ficar aqui". "Está bem! Olhe, o seu quarto vai ficar ali". E eu e a cachopa lá... Muito boa rapariga! E eu fui, quando foi dez e um quarto, dez menos um quarto, chegou lá uma miudinha – que estava lá mais ela, quando eu que estava a falar com ela, uma miudinha pequenina, assim para aí com uns cinco anos, quatro, cinco anos –, e a {RC|cachopi=-cachopinha}, a menina, só atravessava a rua, atravessou assim a rua e chegou lá: "A madrinha disse que o senhor viesse lá". {pp} Fui logo atrás da miudita. Cheguei lá, estava lá o tenente-coronel, {pp} o tenente-coronel.

INQ2 Oi!

INF (Estava lá) assentado. Era amigo dela. Assentado! [AB|Ela era] Ela era solteira.

Código de identificação do ficheiro: COV12-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 08-114	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 12	Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Ela ouviu, ouviu, ouviu e virou-se para ele e diz assim: "Olha, ou tu obedeces a este pedido, ou nunca mais aqui tornas". Ela para ele: "Ou tu obedeces a este pedido, ou nunca mais aqui tornas.

Coitado do homem. Então {IP|taz=estás} a ver se {PH|li=lhe} morrer o filho lá fora, como ele é"?!

Morria a gente nossa lá fora!

INQ1 Claro.

INQ2 Pois.

INF Diz ela: "O que é que... Tu vê lá se {PH|li=lhe} dás algum jeito". E ele riu-se. E ele: "Tu queres que eu perca o pão por causa dum soldado"? Diz ela: "{PH|nũ=Não} perdes nada! Tu vai e fazes {fp}... E {PH|nũ=não} tenhas medo". (Foi isso). "O senhor quando vai embora"? Digo assim: "Ó meu tenente, eu {pp} só vou domingo" – isto foi numa sexta-feira –, "só vou domingo"! "Pronto, o senhor, [AB|{PH|o=ao} domin-] no domingo, às duas horas" – que era o Viseu que passa ali que vai [AB|para Vi-] para lá; {fp} [AB|para] chama-se mesmo o Viseu, a camioneta –, "você {fp} apareça aí, no jardim, lá em baixo". Eu fui, esperei. À noite, o meu filho vinha [AB|do{fp}] lá do mato, lá de coiso, das instruções, era companhias a vir, companhias e companhias, e companhias, e companhias, e eu {PH|nũ=não} o conheci. Só o conheci quando ele ia a entrar [AB|{PH|o=ao}, {PH|o=ao}] à porta de armas, é que ele alevantou assim o braço e é que eu o conheci. O moço lá foi entregar a espingarda, entregar lá as coisas dele, veio para fora: "Você que anda por aí a fazer"? "Olha, é assim, assim, assim". "Oh! Ó pai, vá-se embora, homem! Tenha juízo! Então você ia... Então você cuida que... Então já foi lido lá a ordem, e então você cuida que me tira de lá?! Eu tenho que ir. Há-de ser o que Deus quiser. Eu tanto posso morrer ou {PH|nũ=não} morrer, mas {pp} tenho que ir. Se eu {PH|nũ=não}... Há-de ser o que Deus quiser". "Eu tenho fé que tu que {PH|nũ=não} vais lá". "Não, pai"! "Não ande a gastar dinheiro". {pp} Pronto, lá me fiquei. [AB|Quando foi no] Quando foi no domingo, às duas horas, eu fui lá {CT|põ=para o} jardim, havia lá muita gente – {PH|'mujte=muito} mundo, muito furriel, com aquela

gente –, eu não estava à espera. Ela veio, ela carregou para aí sete ou oito pessoas, com batatas, com hortaliça, que ela tinha uma quinta, aí boa, aqui [AB|San-] em Santa Cruz da (Trapa). Carregou aquilo tudo, ia-se tudo, deu-me um (balãozito) para levar {pp} na mão, como essa pedra. Uma coisita na mão. Diz ela: "Venha". Eu abalei mais ela, diz ela assim: "Você descanse que o seu filho {PHlnũ=não} vai lá fora". Oi, quando me ela disse aquilo! Ai, Jesus! "{PHlnũ=Não} diga isso, senhora Berenice". "É verdade. Na altura que o seu filho for lá fora vou eu no lugar dele"! Ai! (...) "Mas nós vamos para casa que ele está lá". Chegamos a casa e ele estava lá sentado, eu pedi licença outra vez, ele mandou-me assentar e estive lá a conversar mais eu, diz ele: "Olhe, o seu filho {PHlnũ=não} vai lá fora. O seu filho, eu tirei-o... Eu fui a Tomar, arranjei um militar e tirei-o de lá. Ele agora {PHlnũ=não} vai. Mas na segunda-feira, quando ele era para ir para fora, ele sai primeiro que os outros, mas vai para Coimbra. Vai para Coimbra, [AB|para, para Tom-] {fp} para Coimbra {CT|pɔ=para o} Centro de Mobilizações". Digo eu assim: "Mas ele ainda lá vai"... "Não vai mais! Você [AB|{PHlnũ=não}, {PHlnũ=não}] descanse que ele {PHlnũ=não} vai mais". E eu disse: "[AB|Ó, ó] Ó meu tenente, quanto é que eu tenho a pagar"? Digo eu: "Quanto é que é o seu trabalho, meu tenente"? Diz-me ele assim: "Olhe, você a mim {PHlnũ=não} me paga nada. Se quer dar alguma coisa é a ela! A mim {PHlnũ=não} me paga nada". {pp} Diz ela assim: "Eu {PHlnũ=não} quero nada"! Digo assim: "O quê? Não, a senhora tem que pegar". "{PHlnũ=Não} quero nada". Eu fui, agarrei naquele (conto)... {fp} Fiquei só com um conto de réis, agarrei em sete contos e dei-{PHlli=lhos}. Ela {PHlnũ=não} queria pegar mas eu meti-lho na mão e disse: "Olhe, isto é {CT|pɔ=para o} almoço. {CT|pɔ=Para o} jantar ainda cá estou. Isto é só {CT|pɔ=para o} almoço". Naquele tempo, era muito dinheiro!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Agarrei e digo assim: "Olhe, isto é {CT|pɔ=para o} almoço, que {CT|pɔ=para o} jantar (ainda) eu cá estou". Ele começou-se a rir e eu despedi-me dele, vim-me embora. Vim-me embora, o meu filho [AB|{PHlɔ=ao} outro {fp}], na segunda-feira,

INQ1 Foi para Coimbra.

INF Coimbra. Coimbra. Estive lá três meses. {PHlɔ=Ao} fim de três meses, mobilizado para fora.

INQ1 Ah! Que horror!

INF Mobilizado, mas ele aí... Ela disse: "Olha que tu"... {fp} Ela disse para ele: "Olha que tu, se fores mobilizado, escreve-me, telefona-me ou escreve-me logo uma carta imediatamente, que eu vou lá". Ele telefonou-{PHlli=lhe}, estava mobilizado, ela... Ele estava à porta de armas e ela chega lá – ela! "Ó Arquimedes, então {IP|taz=estás} aqui"? "(Estou) /Estou-me\.. {fp} Ó senhora Berenice, eu estou aqui". Diz ela assim: "Dás licença que eu vá lá dentro"? Diz ele: "Vá. Entre". Ela entrou à porta de armas, lá (voltou)... Voltou, [AB|ele] ele ainda estava à porta de armas quando ela veio, ela bateu-{PHlli=lhe} assim no ombro, diz ela assim: "Olha, tu {PHlnũ=não} vais lá mais fora. Quando tu fores, vou eu! Eu vou e tu ficas"! Assim, a rir-se (logo). Olhe, passou ali o (que anda)... À noite, às seis horas, foi

chamado {PH|o=ao} Centro de Mobilizações, e dizem para ele: "Olha lá, [AB|tu {PH|nũ=não} te-] porque é que tu {PH|nũ=não} disseste que eras só filho único e [AB|que, que] que {PH|nũ=não} querias ir para fora? Então tu... {fp} Veio aqui uma carta, assim, assim... Olha, tu se precisares de alguma coisa... Tu {PH|nũ=não} vais para fora! Vai outro e tu ficas! E quando precisares de alguma coisa... E vais passar mais o tempo em casa"! Assim foi: se {IP|'tavẽ=estava} lá oito dias, {IP|'tavẽ=estava} aqui quinze.

INQ2 Ora.

INQ1 Pois, pois.

INF {IP|'tavẽ=Estava} lá oito dias... Olha, passou [AB|lo tra-] o tempo dele que foi uma beleza, sabe? E depois eu tornei lá e agradeci-lho bem agradecido. Olhe que ele chegou-me a dizer assim: "Nunca vi um homem pagar tanto como este homem! {pp} O bem que ele queria {PH|o=ao} filho"! Ah, pois! Pois eu, era aquele o filho!

INQ1 Claro, era o único.

INF E ele veio [AB|lda], acabou o tempo dele, veio [AB|lda] da tropa, foi {CT|pa=para a} França.

Código de identificação do ficheiro: COV13-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: B min: 118-263	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19A faixa: 13	Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Portanto, ele esteve emigrado em França ainda uns anos?

INF Esteve. Esteve lá...

INQ1 Quanto tempo?

INF Oito anos.

INQ2 Pois. E já estava casado, na altura?

INF Estava casado. Já estava casado. [AB|Veio de]

INQ1 Mas a mulher... A sua nora nunca chegou a ir para lá?

INF Não, não, não. Ela ficou sempre aí a trabalhar para nós e {fp} trabalha. Ela não. Ela foi sempre uma mulher de trabalho, agarrada ao trabalho, cria vacas e {fp} é uma mulher amiga de {fp} ter, pronto!

INQ1 Pois, pois.

INF É uma mulher... Olhe, ele, em classe de mulher, não arranjava melhor que aquela, {pp} para trabalhar. E {PH|nunẽ=não a} queria!

INQ1 Ah!

INF {PH|'kẽjnu=Quem o} obrigou a casar com ela fui eu. {pp} Sabe? {PH|nunẽ=Não a} queria porque ele... {pp} Ele namorava-a e ele tinha só dezassete anos e namorava-a, mas quem me disse foi um vizinho meu: "Eh rapaz, o teu filho namora a Beatriz". E ele era novito! Ele com dezassete anos, mas era miúdo. "Tu és tolo! [AB|olha que eu, olha que ele vai, não, olha que eu] Ele é um canalha, o teu filho"! "É verdade! Mas se {PH|nũ=não} é, tu espreita. Tu"... {fp} Nessa quinta que eu fiz, olhe, [AB|ela] ela então andava a passar leite. Vinha aqui buscar o leite para levar {CT|pa=para a} fábrica {CT|pa=para a} Lomba. Diz ele: "Olha, tu vai espreitar que ela vai {pp} de manhã, bem cedo, e ele vai {CT|pa=para a} erva"... A minha mulher {fp} sofria muito das anginas e, às vezes, ficava para aí oito dias ou quinze dias sem sair da cama, {fp} mal da garganta, (coisa). E depois ele ia, pegava numa corda e numa fouchinha e abalava {CT|pa=para a} erva. E chegava lá – isso ele ninguém enganava –, chegava

lá e ela vinha cedo, e ele chegava, ela chegava... E outras vezes, escondiam lá a fouchinha e ela vinha cedo: zumba, zumba, zumba, apanhava-*{PHli=lhe}* um molho de erva, *[ABle]* e pegava no molho, ela, e ele vinha *{CTlku=com o}* latãozinho na mão, e vinha por aí fora. Chegava ali onde eu tenho o (palácio), que é lá *{PHlɔ=ao}* *{RClfun=-fundo}*, ali *{PHlɔ=ao}* *{RClfu=-fundo}*, ali *[ABlno]* no lugar, e ela chegava lá, dava-*{PHli=lhe}* o molho a ele e ele pegava no molho e ela pegava *[ABlno]* no latão e ela dava volta *{PHlɔ=ao}* lugar *{fp}* a levar o leite e (ia ele vindo). E ela *[ABlch-]* chegava lá e se ele lá estivesse salvava-o, ia-lhe a salvar e vinham eles ambos os dois. Sabe? Depois ele disse-mo e eu fui e disse-*{PHli=lhe}* para ele assim: "Olha, rapaz, eu ouço dizer que tu que namoras a Beatriz. Olha que ela é pobre. Olha que ela é pobre. Que são seis filhos, é uma casa *{fp}* pobre, (vês)? Eu achava melhor ver se arranjavas uma mulher que tivesse tanto como a ti. Ou *{fp}* já que *{PHlnũ=não}* tivesse tanto, mas *{PHlɔ=ao}* menos metade *{pp}* do que tu tens". Sabe o que me ele disse? "E você *{PHlnũ=não}* casou com uma mulher sem nada"?! Que eu também casei *[ABlcom uma mu-]* com uma criada de servir.

INQ2 Pois.

INF Digo assim: "Olha, foi verdade, rapaz! Foi verdade! E eu governo-me. E governei-me e governo-me. E tu, também, eu *{PHlnũ=não}* te digo que *{PHlnũ=não}* cases com ela. *[ABIEu {PHlnũ=não} te]* Eu *{PHlnũ=não}* te digo que tu *{PHlnũ=não}* cases com ela! O que é que *[ABlse tens]* se tiveres *{pp}*, comes; se *{PHlnũ=não}* tiveres, passas sem ele – que eu também assim fiz"! *{pp}* Calou-se. Dali por um mês, um mês, uns quinze dias, um mês, o pai dela aí a tratar o casamento com a gente, *{pp}* à noite. A minha mulher *{PHlnũ=não}* queria que ele casasse com ela. Vai *[ABle, e]* e ele disse-me aquilo e eu fui-me enfiar na cama, que estivemos a conversar eu mais ela, e eu disse-lhe: "Olha, *{PHlnũ=não}* adianta nada; o Arquimedes vai casar com a Beatriz". "Ai, e o que ela fez"! "Pscht, cala-te! Tu também *{PHlnũ=não}* eras uma criada de servir? E *{PHlnũ=não}* te querias casar e *{PHlnũ=não}* te casaste? Então deixa-o lá. *{PHlnũ=Não}* quero que *{PHli=lhe}* digas nada. (É) à vontade dele, e se é à vontade... E ele quer *{fp}* aquela, muito bem. Se quisesse outra, era a mesma coisa, pronto! É à vontade deles. Ele quem se casa são eles"!

INQ1 Pois.

INF "*{PHlnũ=Não}* somos nós, pronto"! Vai *{pp}*, e ele foi combinou a mais *{fp}* o sogro – que hoje é sogro dele – combinou, naquele tempo, dar-*{PHli=lhe}* cinquenta contos, *{pp}* à filha, e ele casar com ela. A cachopita começou a ficar por nossa casa a trabalhar. Dormir, dormia mais a minha irmã, a mãe do professor; mas trabalhar, trabalhava na nossa casa. A gente (também servia) a comida; e ela ia levar o leite e vinha e, claro, agarrava-se a trabalhar: ou (ia) à erva ou a cavar ou, pronto, a trabalhar.

INQ1 Pois, pois.

INF Passou-se. *{fp}* Quando foi nessa altura, *{fp}* combinaram dali por dois dias... Ela foi levar o leite e chegou a casa *[ABltoda lava-]* com as lágrimas por a cara abaixo. Disse: "O que é o que tu tens"? "*{PHlnũ=Não}* tenho nada". "Que tu *{PHlnũ=não}* tens nada? Isto, tu vieste a chorar! Que é o que (tu

tiveste) /te fizeram\? {IP|ta3=Estás} doente"? "Não". "Então o que foi"? "Olhe, o meu pai arrependeu-se {pp} e agora {PH|nũ=não} sei como há-de ser". Disse eu: "O teu pai {PH|nũ=não} presta"! Eu fui logo assim: "O teu pai {PH|nũ=não} presta. Um homem tem uma palavra, tem uma palavra! Está dada, está dada! Uma pessoa antes de dizer, [AB|dizer assim] pensa-se. Agora tu... Mas tu fazes é o que tu quiseres". A cachopita a chorar e ele disse: "Ai, sim?! Ai o teu pai está arrependido?! Também eu estou arrependido! {fp} Vai lá para (longe). Se quiseres ir, vai; vai lá para donde (anda) o teu pai e eu"... Olhe, ela se {IP|ti'vesi=estivesse} numa casa e ele lá chegasse, ela{fp}... Ela e ele, {PH|su'poɾɐmuz=suponhamos}, ela estava dentro duma casa – porque temos mais que uma, duas, três casas –, e às vezes tinha que ir fazer qualquer coisa numa casa e ele sabia que ela que estava e ele {PH|nũ=não} entrava lá. Há algum tempo – agora não –, mas há algum tempo – agora tenho água em casa –, mas naquele tempo, (ele) havia uns canecos {pp} que era para vir à fonte, uns canecos de madeira, e ele depois (dizia) /dizer\: "Eu quero beber". E ela ia-{PH|li=lhe} buscar a água para beber e ele {PH|nũ=não} pegava da mão dela. {PH|nũ=Não} pegava da mão dela, {PH|nũ=não} falava para ela, [AB|{PH|nũ=não}] {PH|nũ=não} {PH|li=lhe} erguia um {RC|mo=molho}... Hã?

INQ2 O seu filho?

INF Sim senhor! {pp} E depois {fp}...

INQ1 Então, mas, coitada, ela não tinha culpa. O pai é que tinha.

INF Pois ela {PH|nũ=não} tinha culpa, mas ele, ele aborreceu-se de ele combinar e depois negar-se...

INQ1 Pois, pois, pois.

INQ1 Pois.

INF Vai, ela andava por aí a chorar, volta e meia, ela a trabalhar... Para {PH|nũ=não} a ver chorar, um dia, calhou a água nossa e ela foi por essa quinta regar e eu fui lá para riba [AB|para] para outras presas. E ouvia aquela voz a gritar, a gritar, disse: "Ai! Raios te partam! Queres ver que ela achou-se doente. E agora como é que vai ser"? Vim {PH|te'pale=tapar} a água, tinha as presas como estas, tapei-as e botei lá a ter com ela. "Olha lá, que é o que tu tens? Andas aí a gritar, que é o que tens"? "(Olhe), sabe o que eu tenho? O Arquimedes é cartas e cartas" {fp} – para uma vizinha que havia aqui nossa... "[AB|e, e, e{fp}] E que todos os dias, todos os dias, vem cartas para ela; e ele {PH|nũ=não} fala para mim... Ele... Olhe, vou, eu vou... {PH|nũ=Não} sei o que há-de ser, que há-de-me... Vou-me botar a matar"! Disse eu: "{PH|nũ=Não} fazas isso! Tu és uma tola. {PH|nũ=Não} fazas isso"! "Mas [AB|eu {PH|nũ=não}] eu {PH|nũ=não} o herdei". Digo assim: "Cala-te, {pp} que eu vou falar com ele a Viseu"! Fui um dia a{fp}...

INQ1 Ah, foi quando ele estava na tropa?

INF {IP|'tavɐ=Estava} na tropa. E eu fui, agarrei, olhe, sabe o que eu fiz? Botei a Viseu. {pp} Botei a Viseu {fp} e ele estava lá. {IP|'tavɐ=Estava} lá [AB|no, no] no quartel – fui num sábado –, e ele {PH|nũ=não} tinha instrução, {IP|'tavɐ=estava} no quartel. Eu fui, e fui à porta de armas e{fp} (eu) dei o nome dele, e ele {pp} foi {pp}... O gajo foi chamar e ele veio. "Que é"? "Sabes o que é? Olha lá, tu,

que vida é a tua com a Beatriz? Então, ela anda por lá a gritar, então que é aquilo? Eu {PHInũ=não} quero aquela pouca-vergonha na nossa casa. Tu vê lá o que andas a fazer. Então, eu {PHInũ=não} te avisei, Arquimedes, que tu que podias arranjar uma mulher com mais dote? Se ela é pobre, [ABl agora] agora entende-te! Olha, sabes uma coisa"? E ele (ainda): "{PHInũ=Não} a quero, {PHInũ=não} a quero"! "{PHInũ=Não} queres {pp}, pois não"? "Não". "Metade é teu e metade é dela. Eu {PHl'majle=mais a} tua mãe vamos-{PHlli=lhe} dar metade a ela. Metade é teu e metade é dela. É uma irmã que tu tens. Que eu avisei-te e tu {PHInũ=não} acreditaste no que o teu pai te disse. Então agora metade é dela e metade é teu! Faz como tu quiseres". Ele pôs-se a pensar assim, a cismar, a cismar, a cismar {pp} e eu disse: "Então olha lá, então {PHInũ=não} é vergonha – que [ABla Nossa] a Nossa Senhora de Fátima anda aí todos os anos; vêm aqui {PHlɔʒ=aos} lugares; andam por os lugares, de casa em casa, de casa em casa –, "(e se) /isso\ já lá passou duas vezes e {PHInũ=não} foi a nossa casa" – porque o padre dizia que eles que estavam amancebados, que estavam amigados, para {PHInũ=não} virem cá, (que) {PHInũ=não} a queria cá –, "e já passou e agora está a chegar outra vez e eu {PHInũ=não} tenho vergonha disso? Eu preciso disso para alguma coisa, rapaz"? Pôs-se muito carregado, muito carregado, {pp} diz ele: "Olhe, você vá-se embora, vá-se embora e vá por Arões e diga {PHlɔ=ao} padre [ABlque eu] que eu quando for da tropa, caso com ela". {fp} Eu [ABlf-] assim fiz. Disse: "Vê lá, olha que tu {PHInũ=não} me enganes! Não vás tu dizer e eu ir para lá a {fp} dizê-lo {PHlɔ=ao} padre e depois tu {PHInũ=não}, {PHInũ=não}, {PHInũ=não}... Vê lá o que tu fazes"! "Ó homem, {pp} eu {PHInũ=não} sou o seu filho"? "És". "Então, esteja descansado". Vim por lá e disse {PHlɔ=ao} padre, (diz) o padre: "Agora vai estar três dias em sua casa! {pp} Três dias"! [ABIE se houver]

INQ2 Que é para compensar.

INF É. "E se houver alguma... Se (ele) /lhe\ alguém disser alguma coisa, [ABldiga] diga-lhe que foi à minha ordem. {pp} Deixe lá estar a Senhora de Fátima". Esteve cá. Os vizinhos chegaram aí com a Nossa Senhora [ABlna, na] na procissão, e eu disse: "Bote para aqui! Botai para aqui"! {fp} Eles {pp} ficaram assim... "Já disse: botai para aqui, para minha casa. Fica aqui. Fica aqui e fica aqui três dias; e se vocês {PHInũ=não} quiserem, ide falar com o padre". Eles calaram-se. {fp} Pfff, (refilaram), eu mandei! Eles foram a falar, a falar... Esteve lá três dias. Veio por o fim-de-semana, já a abraçou e já esteve mais ela, pronto!

INQ1 Pronto!

INQ2 Pronto!

INF Olhe, hoje é o casal mais amigo que está por essa (zona). Amigos!

INQ1 Pois, pois, pois.

INF São muito amigos, pronto! São amigos. [ABIE se eu {PHInũ=não} e-] E se {PHInũ=não} era eu? Se eu {PHInũ=não} o levava ao (regio), não é? Olhe que às vezes, diz que o casamento e o rio que é por onde o guiam.

INQ1 Que é o quê?

INF O casamento e o rio que é por onde o guiam.

INQ1 Ah, pois.

INF Sabe? O que é o casamento e o rio coiso... Se eu [ABl{PHlnũ=não}] {PHlnũ=não} me punha {pp} {PHlɔ=ao} lado dela, pois o que seria dela?!

INQ1 Pois claro.

INQ2 Claro.

INF E ele, se (for) /fosse\ preciso, arranjava um estupor {pp} que {PHlnũ=não} prestava!

INQ1 Claro.

INF E aquela mulher é boa.

INQ2 E ela é boa.

INF Trabalhadeira, trabalhadeira que {PHlnũ=não} tenho que dizer dela, senão bem...

INQ1 É verdade.

INF E trabalhadeira e amiga [ABlɔ] dos sogros, e pronto! (E vai-o sendo), até passar os dias da vida.

INQ1 Que sorte! Pois, foi bom!

INQ2 Sim senhor.

INQ1 Olhe que bom!

INF Bem, eu tenho que ir botar a água...

INQ2 Agora, tem que ir.

INQ1 Vai botar a água?

INF [ABIE as senhoras sa-] E as senhoras sabem que (eu tenho que ir embora) /eu que ainda demoro\!

INQ1 Vai botar a água?

INF Vou. Vou abrir a água para ali para cima.

Código de identificação do ficheiro: COV14-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 02 lado: B min: 417-442	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03

INF É vida pobre – e as senhoras (compreende) /compreendem\ bem – mas da terra é que vem tudo!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF É ou não é?

INQ1 Claro.

INQ2 Então, se não fosse trabalharem na terra, não sei como seria.

INF Mas olhe que aí há... Vira-se tudo a estudar, a estudar e isto está mau. Olhe que o nosso governo vai dar o dinheiro fora {pp} aonde se podia fazer cá.

INQ2 Claro.

INQ1 Exactamente.

INF {PH|nũ=Não} acha?

INQ1 Sim senhor.

INQ2 Então, mas a quantidade de coisas que vêm lá de fora que se podiam fazer cá!

INF De fora! Para quê? Mas para quê? Pois se há cá! E cá dava na mesma!

INQ2 Então mas há cá coisas que eles... Eles mandam vir de fora coisas que se produzem cá e que eles, que os homens têm aí todos os anos!

INF E melhor que lá!

INQ2 Pois.

INQ1 Claro.

INF Olhe, {PH|su¹pojæmuz=suponhamos}, o vinho, fruta, {fp} o leite...

INQ2 Pois.

INF Então cá é o melhor!

INQ2 Claro!

INF Cá é o melhor!

INQ1 Claro!

INF Mas ele o nosso governo {fp} {PHlnũ=não} {PH|pru'tuʒi=protege} nada a agricultura.

INQ2 Pois não.

INQ1 Pois não.

INF E a agricultura está em baixo. Olhe, o lavrador {pp} – lembre-se duma coisa –, o lavrador {fp}, para meu entender é isto: só está a fazer agora {pp} para consumo dele.

INQ2 Pois, pois.

INF [ABIE quem é] E ele (têm) /tem\ que mandar vir de fora para manter o outro povo que {PHlnũ=não} trabalha.

INQ2 Claro.

INF Que {PHlnũ=não} trabalha na terra, {PHlnũ=não} acha? E se ele protegesse a agricultura, na vez de vir de fora, gastava o de cá.

INQ2 Pois claro.

INQ1 Então, mas é evidente. Exactamente! Pois.

INF Ah! Eu acho! Então a gente criava... Olhe lá, as farinhas {pp} – bem, que eu {PHlnũ=não} compro; [ABImas] compro pouco –, mas {fp} as farinhas se estivessem baratas, criava-se porcos, criava-se vacas, {pp} criava-se vitelas.

INQ2 Claro.

INF Ora, aquilo que vendem é aquela carne que vem de fora e {PHlnũ=não} é como a de cá! Vem [ABIcon-] congelada, vem lá de fora, vem... Quem sabe lá que carne é aquela!

INQ2 Claro.

INF Ele {PHlnũ=não} sabe! Ele {pp} eu fui aí a [ABlum] uma boda, aí abaixo, {pp} a (.../NPR). E deram lá uma carne que ele achou-se tudo doente.

INQ2 Ah!

INQ1 Ah, veja lá!

INF Sabe? Tudo o que lá foi achou-se doente. Achou-se mal porque a carne... Bem, eu até só tirei um bocadito, ele, por acaso, eu {PHlnũ=não} me achei mal, mas houve pessoas... Eu quando vi aquela carne e fui a prová-la, disse: "Não, não. Eu {PHlnũ=não} quero"! Comi lá um bacalhauzito, mas aquilo nem prestou!

INQ2 Pois.

INF E eu disse: "Ora, que é que vale uma pessoa vir para uma boda"?! Dá- {PHlli=lhe} aí dez contos, ou {fp} sete ou oito contos {fp}...

INQ2 Pois.

INF (Que cá), cá usam! {pp} Quando é assim uma boda, a gente hoje {PH|ɔʒ=aos} noivos, {fp} dá- {PHlli=lhe} sete ou oito ou dez contos, ou quinze, ou {fp} lá o que calha.

INQ2 Pois, pois.

INF Ora bem, uma pessoa foi pagar um dinheirão e {PHlnũ=não} comeu nada!

INQ2 Pois.

INF Pch, {PHInũ=não} presta para nada! {PHInũ=Não} presta para nada! E se a agricultura estivesse mais desenvolvida, os adubos... A gente vai comprar os adubos caros, ah, [ABla o que] o que a gente vende!... Então, uma vaca, a gente agora quer vender uma vaca, então e ele se ele {PHInũ=não} {IPIti'ver=estiver} registrado, {PHInũ=não} a pode vender.

Código de identificação do ficheiro: COV15-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 30-91	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 02	
Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03	

INF Nós aqui, [AB]aínda é] ainda é um bem: a gente {PH|nũ=não} paga lenha; a gente {PH|nũ=não} paga luz – {fp}a luz, paga a electricidade, mas quer dizer –, {PH|nũ=não} paga água, {PH|nũ=não} paga {fp}... O que é que a gente gasta? [AB]Algun] Algun arrozito, nalguma massa, o resto é tudo de casa. Tem a hortaliça, [AB]tem fe-] tem o feijão, tem... O lavrador...

INQ1 É nas cidades é o que é pior. É a miséria maior é nas cidades.

INF É nas cidades.

INQ2 Pois é.

INQ1 Porque as pessoas não têm nada.

INF {PH|nũ=Não} (tem) /têm\ nada.

INQ1 Não têm nada, se não ganham, se não estão empregadas, pronto!

INF Mas, olhe lá, ó senhora Gabriela, diga-me uma coisa: [AB]a que é que] – [AB]você] vocês conhecem-me bem e esta senhora conhece-me – porque é que só vão atrás do dinheiro

INQ1 É.

INF e se você pode ter uma casa cheia de dinheiro mas {PH|nũ=não} tendo comer você morre à fome?!

INQ1 Claro.

INQ2 Exactamente.

INQ1 É isso.

INF É ou {PH|nũ=não} é?

INQ1 É, é claro.

INF E se você [AB]n-] tiver menos dinheiro ou pouco dinheiro mas tiver muito comer, {PH|nũ=não} morre.

INQ1 Claro.

INQ2 Claro. É evidente.

INF {PHlnũ=Não} morre! Para mim, é este: eu fui um homem sempre desde menino pequeno sempre agarrado à agricultura. Sempre, de menino pequeno! E eu entendo... (Aí) eles fazem mangação da gente. Dizem: "Ai! Anda à terra, anda sujo, anda"... Deixá-lo, mas uma pessoa tem que comer!

INQ1 Claro.

INQ2 Pois claro.

INF {PHlnũ=Não} acham?

INQ1 Eu acho que tem toda a razão. Eu acho que tem toda a razão.

INQ2 É sim senhor.

INF Eu acho que é assim, mas há gente que não, {PHlnũ=não} pensa nisso. Há gente [ABlque {fp}] que só quer o dinheirito. Conheço...

INQ2 Também há muita gente nova que agora não quer.

INF Não quer, não senhor.

INQ2 E sabe que há mesmo muito agricultores que não querem que os filhos continuem na vida de agricultor.

INF Então e depois [ABlaí, a, a] a miséria está aí.

INQ2 Querem, querem que os filhos vão tirar cursos e não sei quê, acho que isso é um disparate.

INF [ABlMas] Mas a miséria está aí. Olhe lá, como é que o governo há-de empregar tanta gente?

INQ2 Pois.

INF Diga-me. Aonde? Aonde? Eu digo- {PHlli=lhe} aonde! E se protegesse mais agricultura, já se agarra mais à terra.

INQ2 É.

INF O meu netito diz ({PHlo=ao} acaso): "Ó avô! Ah, eu, se {PHlnũ=não} puder estudar, tenho que me agarrar à terra; mas se puder estudar vou estudar e já {PHlnũ=não} quero saber da terra". Ora, o que é que um homem... O que é que me valeu andar a matar?!

INQ1 Pois.

INF Sim. Veja lá, (o pequenito) que...

INQ2 Mas ele também pode estudar e voltar outra vez para a terra.

INF Pois pode.

INQ2 Pode estudar qualquer coisa relacionada com a terra. Pode ser...

INF Sim senhor. Pode, pode, pode. Pois pode. [ABIE, e, e] E se eu for vivo para então, é o que eu vou fazer. {PHlnũ=Não} queria que ele desprezasse a terra.

INQ1 Pois.

INF Porque quem tanto trabalhou, quem tanto se matou, quem tanto fez, e agora vê-la deixar aí assim, olhe, aí a tojo, a mato, {pp} custa um bocado.

INQ1 Pois é. É triste.

INQ2 Pois claro.

INF Para mim custa-me.

INQ2 Pois.

INF Mas há gente que {PHlnũ=não} pensa nisso.

INQ2 Pois não.

INF Sim, há gente que {PHInũ=não} quer saber disto, mas eu custa-me. Custa-me porque {pp} fui [ABlaga-] agarrado a isto.

INQ1 Pois. Eu também.

INF Mas {pp} é uma coisa que dá pouco. (A) agricultura é uma coisa que está muito em baixo. Mas que havemos nós (de) fazer? Nem todos pode estudar, nem todos pode trabalhar na terra. Mas, meu amigo... Eu vejo – tenho que ver; saio, às vezes, aí {CTlpo=para o} Porto, ou (outras vezes) aí [ABlpara] para Coimbra, e às vezes quando vou à caça – campos e campos e campos tão bons, tudo, tudo desprezado.

INQ1 Tudo desprezado.

INF Aquela vinha tudo desprezado! Eu logo (o que) lembra-me assim: ó que esta gente {PHInũ=não} terá?... Que é que eles comem?

Código de identificação do ficheiro: COV16-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 03 lado: A min: 101-118	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03

INF Olhe que o Salazar – no tempo que eu estava em Lisboa –, o Salazar {fp} – eu trabalhava na CUF e depois ele pagou – pagou à companhia –, pagou um dia para a gente vir {PHlo=ao} Terreiro do Paço a um comício,

INQ1 Sim.

INF um que (ele lá fez). E sabe o que ele disse? [AB]Em cada, quem traba-, que, os] Cada fabrico levava uma bandeira. E eu calhou-me a (levar a) /levar- {PHli=lhe} a\ bandeira do sulfato de cobre. E depois {fp}, ele veio à varanda e disse: "Povo, trabalhai que eu também trabalho". O Salazar! "E se vocês puder remediar [AB]sem tra-, sem] sem trabalhar, sem agricultura, fazeis bem. Mas se vocês (logo) se virem naufragados, agarrai-vos à terra".

INQ2 Pois, pois.

INF Aí está. {pp} Isto um dia, você lembre-se – que {PHlnũ=não} é no meu tempo, porque eu {pp}, eu estou no fim da vida –, mas um dia as senhoras ainda hão-de ver que o povo ainda se há-de agarrar à terra ou há-de morrer de fome.

Código de identificação do ficheiro: COV17-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 135-142	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 04	
Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03	

INF Olhe, eu penso cá na minha ideia que esta coisa [AB|da] da CEE que foi mau. Pode que [RP|pode que]...

INQ1 Ah, pois. Para a agricultura foi.

INF Pode que eu esteja enganado! Sim, pode que eu esteja enganado, {PH|nũ=não} o sei, mas eu penso que [AB|{CT|pa=para a}] {CT|pa=para a} agricultura, (isto é mau).

INQ2 Foi muito mau.

INQ1 Foi mau.

INF Olhe lá, você sabe que esses [AB|la-] grandes lavradores {fp} de frutas e que lavravam aqueles grandes pomares,

INQ1 Claro.

INF agora a fruta {PH|nũ=não} tem saída!

INQ1 É isso, então.

INF O vinho {PH|nũ=não} tem saída!

INQ1 É.

Código de identificação do ficheiro: COV18-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 03 lado: A min: 245-308	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 05	
Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03	

INQ1 Agora já não, já não há casas cobertas com palha, pois não?

INF Não. (Ainda) /Ele\ lá [ABlno] no Covo ainda...

INQ1 Ainda há?

INF Não. Já acabou. Ainda o ano passado lá havia uma, lá um palheiro lá (donde digo). (O telhado que tem agora) é telha.

INQ2 Então e aqui também era? Aqui neste?...

INF Era. Tem outra casita. Olhe, acolá era a cozinha e aqui era [ABloutra, outra] outra casita que era melhor, mais melhorzita [ABld-] do que o coiso. E o outro morador já é o (inquilino) dacolá daquele lado.

INQ2 Portanto, eram os tais moradores. Está aqui muitas...

INF Era. Era dois. Era dois só. Dois. Eram dois {RClmora-=moradores}.

INQ2 Isso já lá vai quantos anos, senhor, senhor Arquibaldo?

INF Ah, isso já vai {pp} lá perto de duzentos anos. Duzentos anos, não, porque [ABlo outro] o homem morreu já se recusava. Ora o homem já morreu quando foi [ABlo ciclone] um ciclone muito grande...

INQ1 Sim.

INF Que ele nós {RClfo-=fomos}... Olhe que eu fui a mais [ABlum] um primo meu buscar o caixão a Gatão, {CTlpo=para o} homem ir {CTlpa=para a} sepultura. E olhe que a gente vinha um atrás outro adiante, com o caixão {PHlo=ao} ombro. E quando tal, caiu um pinheiro, {fp} que o vento jogava o pinheiro abaixo.

INQ1 Sim.

INF E a gente, depois, vinhamos aqui acima a chegar à Felgueira e depois então... Foi no tempo do minério! As senhoras recordam-se do minério?

INQ1 Não.

INQ2 De qual minério? Do volfrâmio?

INF Do volfrâmio. Pois, pois. Recordam-se disso? Foi...

INQ2 Não, mas já li coisas sobre isso.

INQ1 Já.

INF Pois. Foi nessa altura.

INQ2 Pois.

INQ2 Isso já lá vai quanto tempo? Já lá vai muito tempo.

INQ1 Isso foi...

INF Sei lá. Eu sei lá.

INQ1 Eu não sei se isso não foi no... Não.

INQ2 Princípio do... Princípio do século.

INF Não, não. Não.

INQ1 Não, não. Anos quarenta parece-me. Eu acho que isso foi, do minério, em 40.

INF Para aí quarenta. Ou quarenta ou quarenta e tal; devia sê-lo em quarenta; ou em quarenta ou em quarenta e tal.

INQ1 O ciclone.

INF E depois iam muito homens, muitos que andavam no minério, por aí abaixo – a chover! – e eles eram para mim e para [ABlum] mais um primo meu que vínhamos com o caixão – mas nem à mão o podíamos trazer, {PH|trẽ'ziẽmuzu='trazíamos-o'} {PH|õ=ao} ombro, um atrás, outro adiante –, (diz assim): "Ó homem, vocês [AB|vãõ] vão-se botar a matar por quem já morreu"? Porque aquilo era: volta e meia caía um pinheiro, da banda diante da gente, outros [AB|a b-], às vezes, da banda de trás, e a gente... Meu amigo, o homem tinha que ir {CT|pa=para a} cova... Lá viemos. Fomos só quatro pessoas [AB|ao], quatro homens a levá-lo [AB|à co-, à{fp}], o homem, à cova. {pp} {PH|õ=Ao} ombro!

INQ2 Pois, pois.

INQ1 Rhum-rhum.

INF {PH|õ=Ao} ombro! Olhe como eu sou a mais esta senhora e{fp} botamos um pau, e o caixão entre nós, e outro aí atrás e levamos assim acolá, ali abaixo à Lomba, à cova. Que ele dizia que ele nos... Dizia (aquilo). Ele uma vez a ler, ali atrás com as vacas, eu era rapazote pequeno, e ele disse {PH|õ=ao} (acaso) – que diziam lá no livro – que havia de haver uma guerra – não! [AB|que havia{fp}] –, que os homens que haviam de voar mais alto que os passaritos. O livro lá, ele {PH|nũ=nãõ} se constavam aviões – nunca ninguém fala (em) aviões. E o livro dizia que [AB|o{fp}] os homens que haviam de voar mais alto que os passaritos. E quando nós visse [AB|estas t-] estas serras todas cortadas, de estradas e tudo do homem, que o mundo que era um paraíso – e já está! –, que ele que o mundo que durava pouco.

INQ1 Ah!

INF Que a terra que havia de ser pólvora, {pp} a água que havia de ser gás {pp} [AB|e a, e o] e as pedras ser enxofre.

INQ1 Hum!

INF Olhe que eu, eu dava hoje mais de vinte contos por aquele livro, {pp} se eu o tivesse. Mas depois ele morreu e ficou aí [AB|lum, um] um sobrinho dele {fp} a estragar (tudo)... Mas é um livro assim

{pp} de coiro (sempre e tal) /sem metal\. Isso é que era um livro de dizer coisas! E diz que havia de haver uma guerra na Europa [ABle já ve-] e já houve.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E diz que há-de haver uma guerra – mas essa ainda {PHlnũ=não} veio! – que há-de ser vencida por os homens de sessenta anos no Campo de Ourique em Lisboa.

INQ2 Hum!

INF Olhe que o homem leu isso lá diante de mim e eu nunca mais me [ABlesq-] passou de ideia. Eu já era um rapazote aí com os meus onze (dos) doze anos ou treze. E ele disse que havia de haver uma guerra {fp} em Portugal, que há-de ser vencida pelos homens de sessenta anos [ABlem{fp}] no Campo de Ourique em Lisboa, que já {PHlnũ=não} havia de haver (era) mocidade nenhuma.

INQ1 Ai, meu Deus!

INF Que os homens de sessenta anos que é que haviam de fazer uma guerra! E que as mulheres, nestas aldeias, quando vissem um homem – quer dizer, cá como os 'aciprestes', quer dizer, como os padres – e quando vissem um homem que haviam de dizer assim: "Louvado seja o Senhor, lá vem um homem"!

INQ2 Meu Deus!

INF Olhe que aquilo no livro! E ele eu, o homem leu aquilo diante de mim!

INQ2 Pois, pois, pois, pois.

INF Diante de mim e um tio meu, dois tios meus. E eu era miudito fiquei com aquilo na ideia, depois [ABlbem queria] bem andei até às voltas dos sobrinhos dele a ver se lhe caçava esse livro. De coiro, hoje, {PHlnũnu=não o} dava antes que me dessem cinquenta contos.

INQ2 Pois, pois.

INQ1 Pois.

INF E eu naquela altura, eu dava o que bem fosse e os sacanas estragaram-no [ABle{fp}]. Mas aquele era um livro! Aquilo era um homem a saber ler e [ABla saber] a {PHlsv'belɐ}=saber as} coisas, sabe?

INQ1 Pois, pois.

INF E a gente, olhe, e que ainda é outra coisa que ele dizia: que {CTlpa=para a} fim do mundo que a gente que {PHlnũ=não} havia de conhecer o Verão do Inverno senão pelas folhas. Nós estamos a chegar aí.

Código de identificação do ficheiro: COV19-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 321-348	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 06	
Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03	

INF Eu já tenho dito {CT|pó=para o} meu filho e para muita gente e, às vezes, rapazes: "Olhai rapazes, olhai que {pp} nós estamos na fim do mundo. {pp} [AB|E diz que o] E diz que o mundo que há-de ser {RC|qua=quase}... Dizia o homem! E dizia o homem, que ele lia lá nesses livros que diziam que o mundo que há-de ser destruído pelo fogo. A gente {PH|nũ=não} sabe.

INQ1 As guerras é um bocado isso, não é? Onde há guerra há...

INF Hã? Diz que há-de ser destruído pelo fogo (e coisa). [AB|Que... E eu] E eu já me tem lembrado, senhora Gabriela, por o seguinte: pois será o mundo acabado pelo fogo, mas é os homens que o acabam. Lembra-me: os homens é que acabam com o mundo!

INQ2 Pois.

INQ1 Mas é mesmo.

INQ2 Claro.

INF [AB|E-] Eu penso.

INQ2 Pois.

INQ1 Eles fazem as guerras, fazem tudo, é natural.

INF Pois. É ou não é? E olhe lá, [AB|há uma] há uma...

INQ2 São eles que as inventam!

INF Inventam e essas coisas, [AB|as ba-] as {RC|ba-=balas}...

INQ2 Inventam aquelas bombas horríveis, como a bomba atômica e aquela coisa toda...

INF É! Aquelas bombas. Olhe lá, e diz que [AB|se cair] se cair uma bomba atômica em Lisboa que a gente aqui que também morre.

INQ1 Claro. Tudo!

INQ2 Claro.

INF Então, está a ver?

INQ1 Aqui e até em Espanha.

INF Então, quer ouvir: {IP|ta=está} provável [AB|que] que o mundo acabe.

INQ2 Pois. Pode ser que o homem tome juízo.

INF Porque ele {PH|nũ=não} se compõe. Ele {PH|nũ=não} se compõe. Em todas as nações há

[AB|estas, estas] estas poucas-vergonhas. (Onde) /Ainda\ ele {pp} há

INQ1 É. Andam sempre a embirrar uns com os outros.

INF algum tempo nunca se constava disto! Lembra-me, já do meu tempo, a guerra de 14.

INQ1 Pois.

INF Em 14, foi aquela guerra grande

INQ1 Sim.

INF [AB|na, na] na França. Um primo meu andou lá desde o princípio {PH|o=ao} fim. Que era o... E depois contava o que se lá passou, coitado. Contava. E ele dizia. "Olhai que {pp} eu vi-me lá tão"...

Era artilheiro; a arma dele (é) /era\ artilharia. Diz ele: "Eu vi-me lá tão atrapalhado! Olhe que eu, eu e mais dois colegas meus [AB|e o] e um comandante, chegamos a meter dentro dum cemitério, e

{PH|'virẽjnẽz=virem as} granadas e arrancavam os caixões.

INQ2 Oh!

INQ1 Pois, com a força daquilo.

INF Sabe? Ele dizia isso! Ele {PH|økõ'tavẽ=contava} isso para nós; que andou lá e contava. E dizia:

"Vocês, lembrai-vos: se houver uma guerra qualquer, estes ou o mundo ele {PH|lẽdĩ'trõj=destrói}"...

{PH|su'põnẽmuz=Suponhamos}, há uma guerra em Portugal – ou que venha lá de fora de Portugal –, vêm a Lisboa, arrasam Lisboa, nós aqui também ficamos.

INQ1 Pois.

INF Mais nada! {PH|nũ=Não} vale nada!

INQ1 É, é!

INF {PH|nũ=Não} vale nada! E eu [AB|conven-] convenço-me já do que o homem dizia por isso. E eu

lembra-me assim: {PH|nũ=não} foi, {PH|nũ=não} é, {PH|nũ=não} pode ser que [AB|Deu-] Deus

Nosso Senhor {PH|nũ=não} ia matar tanta gente. Aquilo, os homens é que [AB|acabam co-, co-, ca-]

acabam com o mundo.

INQ1 É, é.

INQ2 Pois.

INF Sabe?

Código de identificação do ficheiro: COV20-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Arquimedes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 03 lado: B min: 176-213	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 07	Data da primeira transcrição: Nov.02 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Vinha cá quando morreu a minha mãe... Olhe que a minha mãe morreu num dia – no dia três de Junho – e um tio meu no dia quatro.

INQ1 Ah!

INF1 Veio o padre para enterrar a minha mãe, estavam ambos os dois mortos em casa. {pp} Olhe que foi duro!

INQ2 Pois, pois.

INF1 Depois inventários, dois inventários, porque nós era tudo menor, [ABIsó] só ele é que era o mais velho, [ABlé que tinha] é que era de maior idade, {fp} pronto. Aquilo {pp}, meu amigo! E ele tanto que viu ele aí sempre a pedirem dinheiro {PH|o=ao} meu pai, pois disse: "Olha! Eh rapaz", – veio lá a nossa casa e disse {CT|pó=para o} meu pai – "eh rapaz, eu vejo-te gente sempre aí a pedir o dinheiro, se tu quiseres faz-me uma escritura de quanto tens [ABle eu {pp}] e eu pago a tua dívida". Ora poça! O meu pai começou a chorar. Homem, ó senhoras, olha que eu não tenho passado [AB|d-] das duras! Começou a chorar e disse: "Então e que há-de ser dos meus filhos? Então, eu vou fazer um... Temos uns lugaritos onde {PH|'temulu=temos o} gado". Diz ele: "E casas e (.../N)". (Queria) uma escritura em tudo [AB|quanto] quanto ele tinha.

INQ1 Não queria mais nada.

INF1 O meu pai começou a chorar e a dizer assim: "E {fp} os meus filhos"? Diz ele assim: "Eu {PH|nũ=não} quero saber dos teus filhos. Emprasto-te o dinheiro e"... Mas ele queria era as terras.

INQ2 Pois.

INF1 Eu já era um rapazinho com os meus dezasseis anos {pp} – mas era novito! Ele com dezasseis anos era novo, naquele tempo. Um homem com dezasseis anos... Eu tinha catorze anos e ainda ia {CT|pa|=para as} festas descalço, homem.

INQ2 Pois, pois.

INF1 Sabe, a miséria... Ia para alá; lavava os pézitos, ia [ABl{CTlpa=para a}] {CTlpa[=para as} festas {pp} descalço. A senhora sabe o que é uma festa?

INQ2 Pois.

INF1 Há muita gente e arraias e (tudo). [ABIE hoje]

INQ2 Mas aqui antigamente andava muita gente descalça, não?

INF1 Andava! [ABlAnti-, ant-]

INQ2 Quase toda a gente andava descalça?

INF1 [ABlQuase] {PHlɐ'kwazi=Quase} toda a gente. Hoje não! Mas naquele tempo eram todos. A gente, umas botas?! [ABIE a] E o meu pai comprou-me umas botas e aquelas botas levaram-me a Lisboa. {pp} Com catorze anos comprou-me umas botas e aquelas botas levaram-me a Lisboa, sabe?

INQ2 Pois, pois.

INF1 E depois ele foi, comecei eu de volta do meu pai: "Ó pai, [ABleu que-] eu tenho que ir para Lisboa! Eu tenho que ir para Lisboa"! Diz ele: "Ó filho! Para onde é que tu vais?! {pp} Eu já lá andei. E olha que um homem para lá, 'há-dem-lhe' dar uma bofetada e apanhar outra". Quer dizer, que fosses já um homem! "E tu és [ABltão] tão fraquinho! Para onde é que tu vais"? Disse: "(Já) há-de ser o que for. E, olhe, eu, ou hei-de {PHlɐ'galez=pagar as} suas dívidas ou nunca mais cá torno".

INQ2 Boa tarde.

INQ1 Boa tarde.

INF2 Boa tarde.

INF1 E depois assim foi – sabe? –, assim foi. [ABIE a-] E arranjei e paguei aquilo tudo, sabe?

Código de identificação do ficheiro: COV21-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 113-147	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 08	Data da primeira transcrição: Dez.02 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Olhe que uma vez...

INF2 Ai!

INF1 Uma vez, eu estava {RCl_{aq}=aqui}... {pp} Que foi isso? Pois foi.

INF2 (...)

INF1 Eu estava aqui {pp},

INF2 De noite era!

INF1 e ouvi uns berros: "Há [ABlum, olha] uma pessoa a berrar aqui em cima". Digo eu assim {pp} {CTl_{pr_o}=para o} meu filho: "Eh rapaz, {IPl_{ta}=está} ali umas pessoas a berrar, que será? O que é que eles terão"?

INQ1 Mas era nevoeiro também?

INF1 {fp} Mas mau tempo! Diz ele: "Ó seu tolo, seu tolo, anda observar"! Mas (ouvia-se)/ouviam-se\ aqueles gritos de aflição! Diz o meu filho: "E que era? É o senhor que virou o carro"!

INQ1 Ai, que horror!

INQ2 Ah!

INF1 Na estrada. {IPl_{tav_e}=Estava} com o carro voltado!

INQ2 Meu Deus!

INF1 E eu ouvi, dei fé [ABl_{de}{fp}] da história...

INQ1 Pois, pois.

INF1 {fp} [ABIE eu fui bota-] Eu fui lá, disse: "Ó rapaz, anda mais eu". Diz: "Eu {PHln_ũ=não} vou".
"Anda mais eu, homem!"

INF2 É verdade.

[ABlAque_{la}, aquele] Aqueles gritos que aquela gente dá é de aflição. Vamos lá".

INQ2 Pois.

INQ1 Claro.

INF1 E o moço foi. Fomos por ali fora, chegamos (além), cada vez mais, [AB|cada vez] depois de a gente se aproximar, ia atrás do sítio donde gritavam. Chegamos lá, olha, o carro virado de baixo para cima e era um homem sozinho, e {PH|nũ=não o} virava. Pois como é que ele virava?!

INQ2 Não conseguia.

INF1 Virou à valeta!

INQ1 Claro.

INF2 Ah! Pois não.

INF1 Nós chegamos lá, disse: "Ó patrão, você o que é que tem"? "Ó patrão, pelo amor de Deus veja [AB|se nos acode] como me acode, eu estou aqui, eu morro"!

INQ2 Era sozinho?

INF2 Sozinho!

INF1 Disse: "Ó homem, você {PH|nũ=não} morre nada! Você agora já {PH|nũ=não} morre"!

INQ2 Pois.

INF1 "Você, nós vamos ver se conseguimos a virar-lhe o carro. Se lhe nós conseguir a virar o carro, muito bem; se lhe {PH|nũ=não} conseguir a virar o carro, você vai para baixo {CT|pa=para a} povoação para onde a mim. {CT|pa=Para a} minha casa"!

INQ1 Pois.

INF1 O homenzito, coitado, lá...

INF2 E ele donde era, Arquibaldo?

INF1 Ele {pp} ele disse que era [AB|de] {pp} de São João da Madeira, homem!

INQ1 Rhum-rhum!

INF2 Muito longe, muito longe!

INF1 São João da Madeira! Depois eu andei lá mais o meu filho e ele e {PH|ẽ¹demuz=andámos} e {PH|vi¹remulu=virámos o} carro e depois ele botou-o a trabalhar e o homem (já) {pp} queria-nos pagar. "Ó homem, {PH|nũ=não} paga nada! Você vá à sua vida e venha embora, se quiser"! "Não, não, não. Eu agora já vou na estrada, vou mais devagar e vou". "{IP|ta=Está} bem". Com o nevoeiro!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois, pois.

INF1 Ora, {pp} morria!

INQ2 Pois claro.

INQ1 Ah, claro, ali ao frio.

INF2 Morria, morria.

INF1 Morria, coitado! Então...

Código de identificação do ficheiro: COV22-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 150-184	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 09	
Data da primeira transcrição: Dez.02 Data da revisão final: Jun.03	

INF1 Uma senhora de Agualva veio a caminhar – vinham a caminhar – da Felgueira para cima. E chegou ali diante – adiante daquelas nossas terras –,

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 a mulher reganhou. Um senhor de Agualva trouxe-a às costas até aqui a minha casa.

INF2 Ainda era perto.

INF1 [**ABIE ele tem**] Ele tem acontecido aqui cada uma em minha casa! Chegou aqui, a mulher:

"Ah{fp}"! – com as pernas (todas de rojo) às costas do homem. Diz: "Ó Arquibaldo"! Disse: "Que é?"
"Acode a esta mulher que ela morre".

INF2 E quem era ele?

INF1 Era a de riba de Agualva! E era o gordo, o peru que queria a tua cunhada, {pp} é que a trouxe às costas!

INF2 Ah! (Isso era). Ai!

INF1 E eu fui e disse: "Ó homem, então eu vou meter [**ABlum, um**] um morto em minha casa"? Disse: "Ó Arquibaldo, {PHlnũ=não} há"... Digo: "Se ela morre, {pp} que há-de ser? Depois dizem que fui eu.

Eu {PHlnũ=não} quero isso"!

INF2 Meu amigo, homem! (Uma pessoa tão boa).

INF1 Diz ele: "Não. Eu estou aqui até ver se ela morre ou ela escapa". "Ai então é outra coisa"!

INQ1 Rhum-rhum!

INF1 Eu disse: "Então é outra coisa! Então fica aqui, vamos ver se conseguimos a{fp}

{PHlsa¹vale=salvar a} mulher". Trouxe aquilo... Depois é que foi que eu... Ainda então não era isto assim. [**ABIEra a**] A lareira era acolá e era a casa antiga e era

INF2 Pois era.

INF1 (uma doutro género). Trouxe-a {PHlɔ=ao} pé do lume, a mulher queria-se atirar acima do lume.
[ABlDemos a, fize-] Fez-se-{PHlli=lhe} um café {pp} muito quente. A mulherzita (bebeu) /bebeu-o\, começou a gomitara, foi (indo) até que ficou melhor.

INF2 Já {PHlnũ=não} (passou mal).

INF1 Ficou melhor e digo eu assim para ele: "E tu também {PHlnũ=não} vais. Tu ficas aqui".

INQ2 Pois.

INF1 "Ficas aqui em minha casa, dou-te dormida e à mulher e a ti, e vocês ficam aqui"!

INQ1 Mas ele é conhecido dela?

INF1 Ele era vizinho dela! É ali de Agualva! Eram vizinhos! E vinham da feira de Vale de Cambra.

INQ1 Ah!

INQ2 Ah!

INF2 Cá há algum tempo era tudo a pé!

INF1 A pé! A pé, para cima! Ora, a senhora faça uma ideia...

INQ1 Claro!

INF2 Pois era. Foi.

INF1 A pé! E depois [ABlum, um] começou como ontem a nevar e a saraivar e a chover, {pp} e a mulherzinha, coitada, {fp} [ABlquem já{fp}] – ele roupinhas fracas! – veio por aí fora, chegou aqui acima arreganhou.

INF2 Descalças. Descalças. Diz que há algum tempo era tudo descalço!

INF1 Era tudo descalço e{fp} arreganhou! Depois lá veio para minha casa, depois lá, lá (coiso), lá...

Ainda o meu pai era vivo. Lá se aqueceu, a mulher fez-se-{PHlli=lhe} uma cama, a mulher ficou numa cama e ele ficou noutra {RClca=cama}, noutra quarto, ali ficou. {PHlɔ=Ao} outro dia a mulherzita já se (levantou)...

INF2 Já estava boa.

INF1 Já estava boa {pp} e ele também. E lá foram outra vez ambos os dois para Agualva.

Código de identificação do ficheiro: COV23-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 185-228	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Dez.02 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Outra vez, estava aqui em minha casa à tarde. Aqui. Já era esta casa, já era isto tudo. E {PHInũ=não} me chega aqui o Ascânio, do Benvindo, com aquele da Macieira arreganhado?!

INF2 [ABICom] Com o Ascênsio?

INF1 Sim.

INF2 Ah, sei, sei! Já me lembra.

INF1 E ele, com os olhos esgazeados, e chega-me ali {PHIɔ=ao} portão, diz ele: "Eh Arquibaldo"! – O que vinha com ele às costas – "Eh Arquibaldo"! Disse: "Que é"? "Ó rapaz, acode a este homem"! {pp} Digo eu assim: "Então tu vens trazer um homem"... Olhei {CTIɔ=para o} homem, o homem com os olhos esgazeados, [ABInem] nem pestanejava nem nada. "Então tu vens trazer um homem morto para minha casa?! {pp} Homem, tu és tolo. Leva-o"... "Ai Arquibaldo, que ele está arreganhadinho, ele morre, ele morre, ele morre"... E um genro atrás dele, que era aquele o de Arouca?

INF2 Sei.

INF1 Pois sabes, o que casou com a Berta.

INF2 (Já) agora é o que está lá!

INF1 É o que está lá!

INF2 Na Macieira! Sei.

INF1 E eu depois eu disse: "Ai, Jesus! Eu que me acontece cada uma"! Lá trouxe o homem para aqui mas eu sabia que ele gostava muito de aguardente. E eu fui-lhe buscar a aguardente {pp} e bebeu o copo. E ele assim que bebeu um copo: "(Amigo), eu queria outro". Disse-lhe: "Ah, não! Não, tu apanhas outro, [ABlou] ou quatro ou cinco"...

INF2 Ah, ah! [ABIEle era] Ele é bêbado! Ele era muito bêbado também!

INF1 Era, pois. Mas foram para ir pôr uma filha {CTIɔ=para o} Berardo, que era {CTIɔ=para o} pé da Bertília, (isso aí) perderam-se aí nos salgueiros, [ABlatrás do] atrás do (Sarroeiro). E perderam-se [ABle o t-, e o ma-].

INF2 Pois, pois, pois, pois. Era tudo na serra.

INF1 Pois. E o Ascânio, do Benvindo, deu com eles no Cuco Mau, [AB|naqueles ca-] nos calhaus grandes.

INF2 Pois foi.

INF1 Ali depois já estavam ambos os dois a gritar. Quer dizer, um já {PH|nũ=não} falava, e o outro a gritar. O genro a gritar e ele já {PH|nũ=não} falava.

INF2 Já {PH|nũ=não} estava o Berardo.

INF1 Estava, ele estava o Berardo; (ele) /quem\ não estava era o Bernardim! Lá o Ascânio, do Benvindo, pegou-{PH|li=lhe} às costas e trouxe-o para aqui, para minha casa. Lá o aqueci, lá arranjei, esteve cá desde a tarde até {PH|o=ao} outro dia de manhã. E o meu filho [AB|naquela n-], à{fp} noite foi {PH|li'valu=levar o} outro à Macieira – que é aqui abaixo; esta sabe bem –, {pp} à Macieira. Eu disse [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pɔ=para o} meu filho: "{PH|nũ=Não} o deixes ir sozinho que ele morre! E depois nós é que estivemos encarregados. Vai a mais ele". O meu filho foi a mais ele, foi lá levá-lo e ficou em casa do padrinho. {pp} Que [AB|o ou-] o padrinho dele também é da Macieira.

INF2 É. Pois. O Ascenso.

INF1 O Ascenso. E eu fiquei aqui com o homem, [AB|à{fp}] lá o aqueci, dei-{PH|li=lhe} de comer, depois ele ficou melhor, dei-{PH|li=lhe} de comer e ele queria era aguardente. E eu disse: "Bebe que eu tenho-a aí".

INF2 Ai, pois, ele era muito bêbado, era!

INF1 "Bebe! Bebe"! Mas aquilo fez-{PH|li=lhe} bem!

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Pois, claro.

INQ1 Deu reacção.

INF1 Fez-{PH|li=lhe} bem, fez reacção e fez-{PH|li=lhe} bem. O homem ficou. {PH|o=Ao} outro dia de manhã eu fui levá-lo [AB|à{fp}] ali {PH|o=ao} caminho da Lomba.

INF2 Sei.

INF1 Fui levá-lo {PH|o=ao} caminho da Lomba. Ia eu para baixo, ia o meu filho para cima,

INQ2 Pois.

INF1 de {PH|li'valu=levar o} outro. Viemos ambos os dois para cima, disse: "Olha, sabes onde estás"?

"Sei que estou no caminho da Lomba". "Olha que tu {PH|nũ=não} te percas agora"!

INQ1 Pois.

INF1 Que era pertinho. Ele podia ser aí [AB|lum{fp}] {pp} uns trezentos metros da minha.

INF2 Era já pertinho!

INF1 Disse: "Olha que tu {PH|nũ=não} te percas"! "{PH|nũ=Não} perco". Eu fui lá levá-lo. Ele tem-me acontecido aqui cada uma! Que ele eu gosto de socorrer [AB|quem {fp}] as pessoas, homem!

INQ1 Pois. Claro.

INQ2 Pois claro.

INF1 Gosto de socorrer as pessoas que é pecado, homem! Eu não tenho {RC|peca-=pecado}. Então e se morresse um homem ou morresse uma mulher ou morresse uma pessoa e{fp} eu...

INF2 E a gente em {PH|li=lhe} podendo valer...

INQ1 Pois claro.

INQ2 Pois claro. Pois.

INF1 Podendo-{PH|li=lhe} valer e {PH|nũ=não} {PH|li=lhe} acode?!

INQ2 Pois.

INF2 Claro. Claro.

INF1 Eu acho para mim que aquilo que é um benefício grande!

INQ2 Claro.

Código de identificação do ficheiro: COV24-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 07 lado: A min: 229-299	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Dez.02
Autor da revisão final: Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jun.03
CD nº: 19B faixa: 11	

INF1 Olhe, eu uma vez fui [ABlâ] à coisa [ABlfui à {fp}]. Então, ele comprava-se ovelhas. Íamos ele ali {PHl=ao} Castro de Aire {pp} – não sei se as senhoras sabe o que (são)?

INF2 Ao Castro, pois.

INQ1 Sei.

INQ2 Sei, sim senhora.

INF1 [ABlA {fp}] A Castro de Aire e eu fui mais o Asdrúbal a {fp} comprar... (O animal compra-se-lo) – conheces o Bernardino?

INF2 Sei, sei. As senhoras {PHlnũ=não} o conhecem mas a gente aqui conhece.

INF1 Fomos lá comprar ovelhas. (Eu) /Ele\ {PHlnũ=não} tinha nenhuma e fui lá comprar umas ovelhas. Fui lá comprar umas ovelhas a mais ele e lá tudo correu bem. Viemos, saímos de lá, [ABlch-] viemos ficar a Reiriz. Chegamos lá a uma loja, nem tinha pão, nem... Só tinha figos! E nós mortos de fome! Diz o homem assim... Ele pediu o (.../N) para guardar o gado; trazíamos algumas cinquenta reses, e era ovelhas. Diz ele assim: "E agora"? O outro para mim: "E agora"? Diz ele: "Ó senhor, ai" – diz ele – "ele {PHlnũ=não} há [ABlu-] uma corte" – aqui é um curral; noutro lado é umas cortes [ABlé um] – "para meter o gado"? Diz ele: "Há aqui". Mas a gente duvidou duns gajos que lá estavam.

INQ2 Hã?

INF1 Duvidou.

INQ2 Ah!

INF2 Duns que estavam.

INF1 (E) /Que\ eles era a conversar uns com os outros, e a conversar e a tudo...

INF2 Que às vezes podiam roubar o gado de noite.

INQ2 Pois, pois, pois.

INF1 Até podiam nos roubar o gado. E era muito dinheiro que a gente trazia.

INF2 É!

INF1 E depois fomos lá ficar {pp} {PHl=ao} curral onde ficou o gado. Saímos de manhã cedo. Olhe, comemos [ABlái às] para aí às duas horas da tarde e só comemos {PHl=ao} outro dia {pp} para aí às dez horas do dia, ou onze horas. Viemos ficar à Macieira. Viemos ficar...

INF2 Às Macieiras.

INF1 À Macieira, à Macieira. {PHlnũ=Não} é Macieiras. É a Macieira.

INF2 Sim.

INF1 Ali abaixo do São Macário.

INF2 Sei.

INF1 Ali [ABlàquele] à povoação. Mas encontra-se gente boa.

INQ2 Pois.

INF1 Chegamos lá, eu já não podia caminhar. Eu já não podia caminhar com a fome! E depois, chegamos lá, à noite, já eram ele {fp} já umas dez horas da noite, chegamos lá... Eu vinha com uma febre, com uma dor de cabeça e febre, pronto! {fp} Vinha doente, pronto! Depois digo eu assim para ele: "Olha, ficamos em qualquer sítio; {PHlnũ=não} se solta as ovelhas; [ABleu já] eu {PHlnũ=não} caminho mais". Vai, fomos lá bater à porta duma pessoa, dum homem, e ele disse: "Olhe, (é que) eu estou casado há pouco; {PHlnũ=não} tenho roupas para vos deitar. Olhe, a responsabilidade do gado eu tomo, que eu meto-o onde está o meu. Mas eu {PHlnũ=não} tenho roupas para vos deitar".

INF2 Nalgum tempo havia miséria!

INF1 Diz ele assim: "Olhe" – [ABlo] lá o meu companheiro –, "olhe, você fica com quinhentos escudos e empresta-nos quatro cobertores, quatro" – {fp} a gente é mantas, daquelas [ABlde] de lá...

INQ1 Sim.

INF1 "{fp} Empresta-nos quatro mantas que o meu companheiro vem doente e está muito mal [ABle eu] e você veja lá se (sabe)"... Diz ele assim: "Olhe, eu {PHlnũ=não} posso mas o meu irmão pode". O homem, o rapaz depositou quatro contos e trouxe quatro mantas. Depositou quatro... Como fossem eles duvidar de a gente fugir com a roupa.

INQ2 Pois, pois.

INQ1 Pois claro.

INF2 Então?!

INF1 Isto, ele há coisas [RPlhá coisas]... E eu sem... Ia eu sem e ia ele sem comer! Chega lá, oiçam, diz assim: "O senhor [ABl{PHlnũ=não}] {PHlnũ=não} tinha aí nada para se comer"? Diz ele: "Não".

"(Então,olhe), faça-nos aí {fp} ferver um bocadito de água e pôr- {PHlli=lhe} açúcar" {pp} – porque eu era para eu beber.

INQ2 Pois, pois.

INQ1 Pois.

INF1 Lá passei aquela noite assim... Olhe que há quase dois dias sem comer.

INQ1 Ai, meu Deus!

INF1 Depois lá bebi aquilo, {PHl=ao} outro dia parece que estava melhor. Parece que estava melhor... Chegamos mais para diante, que era para a casa do Asmodeu, um dos senhores (chamavam-

{PHlli=lhe} o) /chamado o\ Asmodeu, tinha duas raparigas mais lindas, mais lindas! Duas raparigas boas! Andavam a encher um carro de estrume, um carro [ABlcom] de esterco. Encheu o carro, [ABldiz ela] diz ele assim: "Ó{fp} patrão, você {PHlnũ=não} nos arranjava aí qualquer coisa de comer"? "Ó homem, você vem já atrapalhado logo de manhã"?! "Olhe que nós só comemos ontem, às três horas da tarde, às duas horas da tarde". Diz ele: "Venham para dentro". {PHlmi'temulu=Metemos o} gado (assim no meio bem como o meu), e{fp} ele disse [ABl{CTlpa=para a}] {CTlpa}=para as} filhas: "Olha, uma vai buscar um peixe bacalhau e a outra vai buscar [ABlu-, u-, um] uma broa de pão". Uma broa destas. Ó rapaz, [ABlcomeçou] começamos ali – botou-nos em cima dum carro uma toalha, uma faca –, nós começamos a comer o {RCIbac=bacalhau}, comemos um peixe de bacalhau todo!

INF2 E salgado, Arquibaldo!

INF1 Salgado!

INQ2 *Ai!*

INF1 [ABlSal-] Então a fome!

INF2 A fome é negra!

INQ2 Claro!

INF1 Comemos o peixe bacalhau, bebemos {pp} para aí uns três litros de vinho. Eu mais [ABlele] o outro. Comemos, dizia já ele assim: "Ó homem, quanto" – {PHlpirgũ'temu}=perguntámos} quanto era –, "bem, e quanto"?... "Os senhores {PHlnũ=não} pagam nada. Os senhores vão-se embora que os senhores, na paz de Deus, de vocês [ABl{PHlnũ=não} co-, {PHlnũ=não}, {PHlnũ=não}] {PHlnũ=não} (cobro) nada". As raparigas [ABlassenta-] assentaram-se {PHlɔ=ao} pé de nós, [ABlo homem ta-] o pai também, a mãe também, ali comer, comer... Quer dizer, nós enchemos... Nós comemos bem!

INQ1 *Ah, ah, a barriga.*

INF1 E no fim deram-nos um garrafa de vinho para trazer {CTlpo=para o} caminho!

INQ2 *Olhe, vê?!*

INF1 E {PHlnũ=não} nos quiseram um tostão!

INF2 Há gente boa!

INQ1 Ainda há gente boa!

INQ2 Pois é.

INF2 Pois há.

INF1 E os outros lambões, veja lá, depois nós entregamos-{PHlli=lhe} {fp}as mantas e {PHlɛrisi'bemulu=arrecebemos o} dinheiro.

INQ2 *E pagou?*

INF1 Viemos embora. E a nós {PHlnũ=não} nos deram nada, até a água fervida [ABlele queria] eu tive que a pagar.

INQ1 *Ai, meu Deus!*

INQ2 Pois é.

INF1 Só a água fervida.

INF2 Ai que gente há!

INF1 Vocês, vocês vejam: [AB|é p-] é pena, homem!

INQ1 Que coisa!

INF1 Sabe Deus a vida de cada um, de quem anda por fora de suas casas...

INQ1 Pois, pois é.

INQ2 Pois, também é verdade!

INF2 Quem anda por fora de suas casas...

INF1 Oh, olhai, quem anda por fora de suas casas, apanha o bom e apanha o mau.

INQ2 É isso.

Código de identificação do ficheiro: COV25-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 327-359	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 12	
Data da primeira transcrição: Dez.02 Data da revisão final: Jun.03	

INF1 {PHInũ=Não} te lembra aquele (Choio) do nosso mato? {PHInũ=Não} te lembra? Foi quando tiveste a Benilde, pois.

INF2 Então {PHInũ=não} me lembro! Foi quando eu tive a minha Benilde! {pp} Foi. {pp} E ó Arquibaldo, há quarenta e um ano.

INF1 Devia ser, devia. Devia ser. Era uma camada de neve!

INF2 Eu tinha a minha pequena há quinze dias, a minha mais velhita, que está em Albergaria.

INQ1 Sim, nós conhecemos.

INF1 Essa {fp}, olhe, a nora [ABlda] daquele senhor que (distribuiu as achigãs).

INQ1 Ah, sim.

INF2 Que tem os olhos verdes!

INF1 É.

INQ1 Sim.

INF2 É minha filha. Era a mais velha.

INF1 E depois o homem veio, chegou aqui – eu andava com as vacas –, chegou aqui e disse

{CTlpa=para a} minha mulher...

INF2 Foi quando ele apareceu é que aconteceu isso.

INF1 A minha mulher andava a repartir o {RClga=gado}, as vacas – chama a gente repartir: é abrir ou fazer um roço, para [ABlum] uma paveia para cada vaca.

INF2 Para elas comerem. A ceia e o almoço.

INQ1 Ah!

INF1 [ABIE ela] E ele chegou aqui, e diz ele assim para ela: "Ó Blandina"! Diz ela: "Que é"? "[ABIO]

O Arquibaldo"? Diz ela: "Já anda com as vacas". Que era por mim. "Para quê? Você que é que

{PHli=lhe} quer"? "Olha, queria que ele fosse mais eu a Gestoso". Diz: "Ó homem, espere um

bocadinho"... Era uma camada de neve, que era!...

INF2 Era, era. Um mês! Que aquela camada de neve esteve aqui um mês!

INF1 Diz ele assim... Diz ela assim: "Olhe {fp}, você espere um bocadinho que o meu homem vem e bota as vacas {PHlɔ=ao} curral e vai lá mais você". Ele foi... "Venha para dentro, venha-se aquecer, venha-se {RClaque=aquecer}". Que ele era (um) /o\ conhecido, era aqui [ABlde] de Paço de Mato. "Venha-se aquecer". Diz ela assim... Diz ele: "Não. Olhe, me aquecer ainda é pior. Olhe, eu até vou indo e depois venho cá ficar". Diz ela assim: "Olhe que você vai-se perder na neve! Deixe-o vir, que ele vai mais você, que ele [ABlsabe] conhece isto muito bem e você não"... "Não. {PHlnũ=Não} me perco, eu {PHlnũ=não} me perco". {PHlnũ=Não} perde?! [ABlChegou] Ainda botou a Gestoso. Chegou lá, foi falar com o falecido do outeiro {pp} lá por causa de buscar dinheiro [ABle]...

INF2 Foi buscar dinheiro. O dinheirito até ainda estava [ABlno] no bolso, depois debaixo da neve.

INF1 Depois o homem veio para cá, perdeu-se...

INF2 Foi verdade.

INF1 Ficou debaixo da neve. Esteve lá quinze dias debaixo da neve!

INF2 Já deixou uma chanca tão longe!

INF1 [ABlSem] Sem ninguém dar com ele.

INQ1 Pois.

INF1 Cobertinho de neve, ali esteve quinze dias!

INF2 Pois.

INF1 {PHlɔ=Ao} outro dia, {PHlɔ=ao} outro dia começou a vir por aqui gente, era gente de...

INF2 Procurá-lo.

INF1 A freguesia de Cepelos, veio todos, e os filhos e a família toda à procura dele, {pp} à procura dele, à procura dele, onde é que foram dar com ele?

INF2 Os filhos, Os filhos. Eu também disse àquela minha que está na Albergaria. (...) Também foram chamar o meu ao meu filho, para ir com eles.

INF1 Aonde é que foram dar com ele? {PHlɛ'kwazi=Quase} {PHlɔ=ao} pé de Albergaria.

INF2 Eh, Arquibaldo! Depois deram com ele quando a neve já derreteu!

INF1 Derreteu, pois foi! Quando a neve derreteu é que deram com ele.

INF2 O homem estava coberto! Ele estava coberto!

INF1 Lá estava, coitadinho, debaixo da neve! (A andar)...

INF2 Até lá têm uma cruz!

INF1 Têm lá uma cruz.

INF2 E ele foi enterrado ali na Albergaria, pois vocês já lá estiveram.

INF1 Pois. {pp} Pois. Foi lá.

INQ1 Sim, sim, sim. Ele tem lá uma cruz no sítio onde morreu, é?

INF1 Tem, tem.

INF2 É, o sítio onde morreu tem lá uma cruz.

INQ2 Coitado!

INF1 (Ao caminho de ferro).

INF2 E ele morreu ali, mas ficou ali no cemitério, ali.

INF1 E quer ouvir: [AB|ora] ora aquele homem...

INF2 Na hora que chegou ali, ficou ali. Chamam ali o (Choio).

INF1 Quer ouvir? Se aquele homem ia a mais eu, {pp} {PH|nũ=não} morria.

INQ2 Pois claro.

INF2 Ah, pois não.

INF1 {PH|nũ=Não} morria!

INQ2 Pois. Sabia bem o caminho!

INF1 Como eu{fp} conheço bem o caminho. Oi, Jesus! Conhecia bem o caminho e o homem

{PH|nũ=não} morria! {fp} Habilitou-se...

Código de identificação do ficheiro: COV26-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 07 lado: A min: 370-381	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Dez.02 Data da revisão final: Jun.03

INF1 E outra vez, o meu pai... Ele, por vezes, estava sempre a contar que uma vez vinha [ABlde] de Vale de Cambra e chegou ali [ABlâ] às Penhas da Felgueira um que chamavam-lhe o Assis.

INF2 Sei.

INF1 Olha, o pai do pai [ABl daquele] daquele Assírio das cortes.

INF2 Sim, sim, sim.

INF1 Chamavam-lhe o Assis.

INF2 Pois chamavam.

INF1 E o meu pai vinha de noite, já tarde de noite, com uma camada de neve, e vinha de lá para cima, e chegou lá e esse homenzito andava a pedir, a mendigar, a pedir uma esmola aqui, outra esmola acolá. Andava a mendigar. Ele chegou lá e ia ele no carreirito e o homem estava a morrer. O meu pai botou- {PHlli=lhe} a mão para cima: "Eh, patrão! Eh, patrão! Eh, patrão"! Conheceu-o. E ele foi e {fp} [ABla gente não] já {PHlnũ=não} falava. [ABlSó] Só mexia com uma perna. O meu pai volta para trás e foi à Felgueira chamar... E conheceu logo [ABlque-] quem ele era e foi ter [ABlcom a] à casa do filho e disse: "Eh rapaz, olha que o teu pai está ali arriba a morrer". Ele {pp} começou a chamar, vieram uns à Felgueira para cima, chegaram lá, mais o meu pai, ainda mexeu com a perna (na) mesma. O homem morreu com o frio, de noite!

Código de identificação do ficheiro: COV27-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Arquimedes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 385-406	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 14	Data da primeira transcrição: Dez.02 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Outra vez, fui {PHl=ao} conselho de família do meu primo de Cabrum – [ABldo] do Benigno.

INF2 Sim.

INF Foi quando morreu o Bernardo.

INF2 (...)

INF1 [ABIE] E depois cheguei a Santa Cruz, olhe que de Santa Cruz para riba, já {PHlnũ=não} rompia carro nenhum.

INF3 Com neve! Olha a neve [ABlonde] onde ela chegou!

INQ1 Santa Cruz?...

INF1 Santa Cruz. Ali para cima donde vocês {RCIfi=ficaram} [ABlfi-].

INQ2 Sim.

INQ1 Sim, sim. Eu sei. Eu sei onde é que é Santa Cruz.

INF1 Pois. Ali era uma camada de neve por aí fora, ai Jesus! Nós vínhamos cinco – que o conselho de família são cinco, vínhamos cinco –, viemos a pé. Até Santa Cruz viemos de carro, de Santa Cruz para cima viemos a pé. E eu queria vir embora, eles {PHlnũ=não} me deixaram: "Não. Vais para Cabrum, vais ficar a mais nós", que eles era tudo de Cabrum, só eu é que era (ainda) lá de cima. Lá fui, lá vim para Cabrum, cheguei, ele lá dormi, e {PHl=ao} outro dia quando era de dia – dia já, sol alto, para aí às oito horas –, saí de Cabrum – olhe que a neve dava-me pelo peito! {pp} Sabe? Olhe que a neve... Vinha assim com umas botas como estas e a neve metia aqui por baixo [ABldesta] da coisa, chegava-me até por cima do joelho. A neve por baixo das botas! E nevoeiro junto!

INF3 Nalgum tempo eram colmadas, agora já não!

INQ1 Agora já não ...?

INF3 Agora já não.

INF1 Nevoeiro junto! Não. Agora...

INF3 Até este Inverno (nevou ele) /não 'veu' ele\ nenhum.

INF1 Não. Nevoeiro junto – está a ouvir?–, ia o nevoeiro junto e eu por ali fora... E eu caminhava assim um bocadito...

INQ1 Acho que queres vir para aqui.

INF4 Não.

INF1 [ABIE vira-, e] E virava-me para trás a ver {pp} se vinha com os rastos direitos [ABlou, ou] ou torcia para aqui – (está ouvir)?

INQ1 Pois.

INF1 Quando dei fé, já estava a descer {CT|pa=para a} Castanheira, naqueles (cortes). Quando dei fé, parece que comecei a descer.

INF3 Além é só areia.

INQ1 Pois, pois.

INF3 Areia, areia.

INF1 Parecia começar a ir a descer e eu disse: "Alto! Isto aqui nevoeiro {fp}, tapadinho". Disse:

"Alto"! Pus-me a pensar, eu assim: "Não, (isto) /isso\ já vou a descer {CT|pa=para a} Castanheira".

Tornei a recuar para trás, vim apanhar aquelas paredias [AB|aonde] aonde vocês passam com o carro, aquela parede,

INQ1 Rhã-rhã!

INF e dali disse: "Não. Já graças a Deus, [AB|já] já sei onde estou"! (Virei-me) para aqui e vim-me embora. À alta hora do dia! Um homem que está batido nestas serras!

INQ1 Pois.

INF1 E eu perdi-me! E era de dia! Se fosse de noite?! Ficava lá.

INQ1 Pois, pois.

Código de identificação do ficheiro: COV28-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 07 lado: A min: 411-421	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 15	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INF1 E eu lembra-me [ABla, a es-] a estrada só vir até Vale de Cambra.

INQ1 Pois. Acredito.

INF1 E de Vale de Cambra para cima {PHlnũ=não} havia estrada. Era tudo caminho, tudo caminho. E quando {PHlẽ¹brirunẽ=abriram a} estrada [ABlde] de Vale de Cambra a Santa Cruz, eu fui comprar umas botas a mais o meu pai. Fui lá comprar umas botas e o padre Assur de Tondela – (ele) {PHlnũ=não} é do teu tempo?

INF2 Não, não.

INF1 O (de) Tondela chegou ali... Chegou e disse {CTlɔ=para o} meu pai – falava assim –: "Ó Astrigildo, vamos embora"? E o meu pai: "Vamos. O senhor abade"... O meu pai: "O senhor abade, então {PHlnũ=não} pode ir de carro até Santa Cruz"? "Não, Astrigildo, {PHlnũ=não} vou. O melhor caminho ia pagar e o mais mau caminho então ia a pé?! Então, olha, o dinheiro que... Vou por aí fora. Vamos [ABlmais] mais tu na conversa e vamos embora". E veio mais nós até Santa – até Santa Cruz, até Paçô! Tu sabes bem que ele em Paçô eles viram para aquele lado e a gente encaminhava logo para este lado.

INF2 Sei. É!

INF1 Chegamos a Paçô e ele foi lá {CTlɔ=para o} outro lado e nós viemos para cá.

Código de identificação do ficheiro: COV29-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Bertolino Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: B min: 08-67	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 16	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Ah, hoje é tudo em serração, mas naquele tempo era tudo à mão.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois, pois.

INF1 E eu mais o meu pai – eu era pequenino, mais ou menos como este, mas nunca mais me esqueceu –, e o meu pai foi a pôr um moinho {pp} de água que nós temos lá em baixo. Ele foi levar o milho, um saco de milho, e eu também levei um bocadito – o que eu podia! –, e fomos lá, e depois o meu pai era muito amigo com eles e veio até lá. E ele foi, [ABlesse{fp}] ele o Atalarico começou {CT|pɔ=para o} meu pai: "Ó Astrigildo" – onde estava o velho do Atamante, aquele, o tal que eu vos já falei que tinha uns livros muito bons...

INQ1 Sim.

INF2 Tinha, tinha.

INF1 Também lá estava esse homem. E o sogro desta. O sogro? Pois, era o sogro!

INF2 Pois era, pois era.

INF1 O teu sogro. E estavam lá todos a conversar, eram todos amigos e ele andavam lá a serrar – a serrar madeira para esteios {CT|pa=para a} vinha! E depois diz ele assim: "Ó Astrigildo" – {CT|pɔ=para o} meu pai –, "Ó Astrigildo! Vocês porque é que não prantam videiras aqui"? "Ai, aqui {PH|nũ=não} dá", dizia o sogro desta – porque este, o sogro desta, tinha muitas quintas.

INF2 Tinha lá fora.

INF1 Tinha lá fora. Tinha em Santa Cruz uma grande quinta. Tinha no (Toutuço) ali{fp} em Arouca também uma grande quinta.

INF2 Em Arouca.

INF1 Tinha em Souto Redondo.

INF2 Tinha em Souto Redondo.

INF1 Tinha, naquele tempo ainda tinha, em (Padruça). Tinha [ABlo{fp}] o coisa, o... Como se chamam? Os castanheiros acolá [ABlno] {pp} no Espinheiro {fp}.

INF2 No Espinheiro.

INF1 Tinha [ABlem] acolá em... Como se chamava essa senhora lá (...)? [ABIUm qua-] Mas lavrava lá um quartel de milho. [ABl(Que vocês)] Era...

INF2 (A Torre de Viana)?

INF1 Não, mulher. [ABlEm] Em cima.

INF3 (Está o senhor Berto)?

INF4 (Não está).

INF1 Provezende!

INF2 Ah, em Provezende.

INF1 Em Provezende vocês lavravam lá um quartel de milho.

INF2 Sim, sim.

INF1 E depois: "Oh, aqui {PHlnũ=não} dá! Ó senhor Atalarico, aqui {PHlnũ=não} dá". Dizia (ele):

"Ah, burros! Ah, burros! Olha que aqui dava vinho bom. Vocês é que {PHlnũ=não} prantam. Vocês 'sendes' uns burros"! O meu pai e os outros começavam {pp} ele a botar tudo abaixo {PHloz=aos} homens. Mas agora eu gostava que esses homens ainda (fossem) /fosse\ vivos.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

INF1 Para {PHl'velu=ver o} vinho e agora... (Porque não), ele {PHlnũ=não} se acreditavam!

INF2 Ah, pois não!

INF1 [ABIO An-, o pai da] O homem da Branca, o teu cunhado, {pp} o Atanásio, {PHlnũ=não} andava a pôr videiras?

INF2 Sim.

INF1 Tu {PHlnũ=não} sabes como é?

INF2 E ele fazia mangação.

INF1 E ele era para mim: "{fp}Eh, Arquibaldo, tu ainda um dia 'há-des' lavar pipas de vinho". E eu disse: "Não". E ele foi-se embora: "Ah, ah, ah"! A fazer mangação. Ele agora havia de ser vivo que eu{fp} dizia-{PHlli=lhe} se eu tinha pipas ou {PHlnũ=não} tinha pipas.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF É. Tudo vai do trabalhar e do zelar.

INF2 E então e ele amadurece aqui que é uma beleza!

INF1 Oh Jesus!

INQ1 Pois, pois.

INF2 Aquilo são como {PHl'e'sukri=açúcar}!

INF1 Ah!

INF2 Como quem come {PHl'e'sukri=açúcar}!

INQ1 Pois é.

INF1 Mas (ele), meu amigo...

INF2 Doces! E então é um vinhinho que {PHInũ=não} tem remédio, {PHInũ=não} tem nada.

INQ1 Pois, pois.

INF1 Nada! É só próprio da videira!

INF2 Se quiser, {fp} quem for doente pode-o beber! [AB|É só] Ele é só da videira!

INF1 Pode, pode, pode. {fp} É próprio de...

INF3 É só da videira.

INQ1 Mas, realmente, pois, os antigos também não sabiam essas coisas, sabiam outras.

INF2 (Ele) /Era\ sim, pois era.

INQ1 Pois.

INF2 Pois também não.

Código de identificação do ficheiro: COV30-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: B min: 79-115	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 17	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Um dia, {fp} a minha mulher ia mais [ABlas] as {RClout=outras}, mais essa e mais outras. Iam ali {CTlpa=para a} Lomba – que é [ABlaonde a minha no-] donde veio a minha nora –, e ouviam o velho do (Quelho)...

INF2 Ah, sei, sei.

INF1 O velho do (Quelho), {pp} isso era de má raça!

INF2 Sim, eu lembra-me.

INF1 Ele começou: "(Foreus'), que esta gente da Lomba {PHlnũ=não} tem vergonha, dar-{PHlli=lhe} uvas a esta gente! Comam moras"! Porque aqui é o sítio [ABlda, da] das amoras, que é das silvas.

INF2 Das amoras, [ABlque tem] que têm as silvas.

INF1 Das silvas, dão as amoras.

INF2 [ABIVocês não] Vocês nunca viram as amoras nas silvas?

INQ1 Já, já, já.

INF1 Já?

INF2 Já? Ui, aqui é que é lindo!

INF1 Aqui é que é...

INQ1 É? Há muitas?

INF1 Ui!

INF2 E a canalha arranja malgas delas! E depois [ABlm-] massacram numa malga e botam-{PHlli=lhe} pão, toca a comer!

INF1 A canalha come aquilo.

INF2 Come.

INF1 E depois, (começou a fazer), a minha mulher chegou à noite, diz assim: "Ó Arquibaldo, olha que {pp} eu nunca mais vou às uvas à Lomba". "Então porquê"? "Olha, foi assim, assim, ele o velho do (Quelho)". [ABlAn-] Até estava cá um filho a servir aqui em minha casa. Um filho, nos princípios da

minha vida {PHInũ=não} tinha{fp}... Pronto! Trazia-o... (Que eu) precisava de um criadito para me guardar o gado; o meu filho era pequenito! E eu disse: "{PHInũ=Não} tornas lá mais! {PHInũ=Não} tornas lá mais!" "{PHInũ=Não} torno, Arquibaldo, {PHInũ=não} torno mais, que ele eu (é que) tive vergonha e ele a fazer mangação de nós!" "{IPIta=Está} bem"! Hoje, queria que ele fosse vivo e dizer-lhe assim: "Olha, tenho o dobro, três dobros do vinho a mais que a ti!"

INQ1 Pois.

INF2 Ah, pois.

INF1 Comecei a pôr, comecei a pôr, comecei a zelar, comecei a pôr...

INF2 (Ele quando se via além, ele a zelar). Zelar!

INF1 Zelar e ter... Seja o que for!

INF2 Seja o que for!

INQ1 É preciso é...

INF1 [ABlÉ que, as senh-, seja] As senhoras compreendam uma coisa: se as senhoras agarrarem um vício [ABlde p-] de ter uma coisa qualquer, é que têm mesmo!

INQ1 ...

INF2 É, é, é.

INQ2 Deve ser, deve.

INF1 Foi como eu: olhe, de princípio comecei, pedia a Deus {pp}, queria deixar de comprar milho. {PHInũ=Não} comprar, ter milho que chegasse {pp} [ABl{CTlpa=para a}] {CTlpa=para a} minha gente! Deus deu-mo. Pedia... Comprava centeio, pedia a Deus que Deus me desse {pp} centeio para {PHInũ=não} andar a comprar. Deus deu-mo. Pedia a Deus que Deus me desse vinho para {PHInũ=não} andar [ABla, a c-] a comprar vinho. Deus deu-mo, homem! Eu {IPl'to=estou} de bem com Deus!

Código de identificação do ficheiro: COV31-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 07 lado: B min: 410-430	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 18	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 E o pastor usava alguma roupa especial para se abrigar?

INF Não, não, não, não. Ah, levava sim, se estivesse a chover.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Olhe, em tempo, era uma palhoça.

INQ2 De palha?

INF Palha. Em tempo...

INQ2 Chamava-se como?

INF Uma palhoça. [ABIE a-] E agora levam a roupa de oleado.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois é. Antigamente era aquelas de palha, grande, não era?

INF Olhe que eu cheguei a romper três num ano! Num Inverno, três! E uma vez, eu mais um velhote – que [ABLé, é padri-] era padrinho do homem desta senhora que esteve aqui,

INQ1 Sim.

INF que era o tio Benigno – e depois já tínhamos rompido duas, já andávamos com as outras – umas pequeninas, só aqui assim por cima das costas, pequeninas, só aquela coisita por cima, o outro já tinha acabado tudo. E ali em baixo, onde eu andei com as vacas hoje, mais para cá um bocadito – nunca me isto esquece; quando me chego lá lembra-me –, éramos quatro que lá andávamos: três e (ele) /eu\ quatro. E (ele) isto no fim do mês que vem, em Abril, isto era Inverno – o Inverno (dura) estes meses atrás e agora –, e depois diz ele assim: "Eh, rapazes" – (começava) – "Eh, rapazes! Acabou o Inverno"! "Estou a cortar aqui assim (e isto está mal). Ah, o tempo frio acabou"! Agarrou-se a nós e partiu-nos as palhoças todas.

INQ2 Ah!

INF Partiu... Primeiro foi a dele. Agarrou-se à dele, pimba! Agarrou-se a nós, um a um ele fugia para aqui mas ele (ia) atrás de nós, agarrava-nos, partiu-nos as palhoças (todas). À noite, eu chego aqui, diz o meu pai assim: "Eh, rapaz! Que fizeste à palhoça"? "Olhe, sabe o que eu fiz à palhoça? Olhe, o tio

Benigno" – que ele chamava-se Benigno – "Olhe, o tio Benigno {pp} agarrou-se a nós e partiu a palhoça toda". E ele vinha todas as noites para aqui para nossa casa, esse velhote – mas naquele tempo era um homem novo! Diz-lhe ele assim: "Ó rapaz! O que é que fizeste à palhoça do meu moço"? "Olhe, o que [ABlfez] fiz? Acabou o Inverno, {PH|pər'timuləʃ=partimos as} palhoças. {PH|nũ=Não} foi só a dele; foi a dele e a minha e a dos outros! Partimos tudo, {pp} (que eu não quero mais ver o choco)".

INQ2 E acabou mesmo o Inverno ou não?

INF Acabou mesmo o Inverno.

INQ2 Vê?

Código de identificação do ficheiro: COV32-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 08 lado: A min: 56-110	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 19	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INF Olhe, aqui em cima, aonde está uma cruz, foi um cunhado desta senhora que está aqui, que é o Ático... [AB|Ele quando] Ele fez-se uma...(Ele) /Ele lá\ formou-se uma trovoada muito grande! Eu até andava com as vacas a mais um tio meu aqui nesta costeira aqui. E depois [AB|fez-se aque-] armou-se aquela trovoada. E o rapaz andava lá longe, perto da Albergaria com o gado e uma irmã minha que está na Macieira e uma velhota que morreu – que até era coxa duma perna – ali [AB|de] de Lugar e um rapaz que morreu [AB|que era] que era Atilano – também era mais pequenito, mais ou menos como (é) este –, e (ele) o rapaz era maior – já tinha os dezassete anos –, e abalou adiante: "Txó, txó, txó, txó"! Quando "txó, txó, txó", o gado encarreirava todo atrás daquela pessoa. Tal e qual, tal e qual atrás daquela pessoa, que aquilo é... [AB|Ca-] Caminhava! (Tal e qual).

INQ1 Rhum-rhum.

INF E depois o rapaz vinha, veio aquela faísca {pp} matou setenta cabeças de gado donde ele estava! E ele morreu na frente do gado – tão longe como está aqui a Gabriela de mim –, ele caiu assim {pp} com o pauzito na mão, o chapéu caiu e o gado começou a morrer todo em carreira até lá cima. O que estava dum alto para cá, {PH|nũ=não} escapou uma. O que estava do alto para trás e eles que vinham de trás, esses {PH|nũ=não} morreram. Ele escaparam. Mas tudo o que estava do alto... Eu queria que as senhoras vissem. É logo aqui em cima.

INQ1 Ah!

INF Morreu tudo! Lá está! Olhe que foi em 1919! 19 ou 29, {PH|nũ=não} estou bem certo,

INQ1 Rhum-rhum.

INF que o rapaz morreu. Sabe? E aquilo morreu tudo. Setenta cabeças de gado!

INQ1 Que horror!

INF Porque depois até... Eu, eu era pequeno, como este, e depois fui dos primeiros que lá cheguei. Porque aquilo vinha só... Depois começou a vir só uma cabeça de gado, outra, outra, outra, começou tudo a gritar. Porque os dueiros {PH|nũ=não} apareciam!... {fp} Ele voltámos lá todos a ver, eu a mais

[ABlesse Beni-, Benigno] esse senhor Benigno que era daqui, metemos lá a (Maçoiros). Fomos os primeiros a chegar lá. Chegamos lá, o rapazinho estava assim caído com o pau na mão direita, o chapéuzito assim, e ele [ABld-] a deitar sangue pela boca, pelos ouvidos, pelo nariz, a deitar sangue, e ele assim caíquinho e o gado todo estendido atrás: era um para aqui, outro para acolá, todo caído. Isso foi horrível! Isso foi (uma coisa)!

INQ2 Que horror!

INF Isso foi horrível [ABlaquela] aquela coisa!

INQ1 Mas foi uma faísca?

INF Foi uma faísca. E o rapaz, depois {PHlnũ=não} se podia [ABlpa-{fp}]... Quando foi que ele morreu, depois quando se ele mortalhou, ia-se a pentear e ele largava [ABlo cab-] bocados de pele e de cabeça.

INQ1 Ah!

INF Depois {PH'nũjnu=nem o} penteavam.

INQ1 Porque aquilo que-, queimou-o todo?

INF Queimou-o todo! E depois a botar aqui na pelezinha dos ombros, aqui assim... Porque aquilo depois a faísca caiu e meteu-se {PHl'kwazi=quase} {PHlo=ao} pé dele. Olhe que [ABlo{fp}] o pauzito que ele lá tinha meteu-se debaixo duma pedra e o chapéu, [ABltev-] esteve lá mais de trinta anos! {pp} Sem apodrecer nem nada! Faz de conta que se meteu naquela altura lá debaixo da pedra.

INQ2 Lá debaixo.

Código de identificação do ficheiro: COV33-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 08 lado: A min: 318-339	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 20	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Olhe, e uma vaca que nunca pega?

INF1 Que nunca pega é maninha.

INQ1 Dão-lhe algum nome?

INF1 É maninha.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Rhum-rhum. É maninha.

INQ1 E a que um ano não pegou? Os outros pega mas há um ano que não pega?

INF1 Bem, há um ano que, às vezes, há vacas que ele não... Às vezes, têm um ano sem andar

{PHlɔ=ao} touro.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Mas lá vem que (ele) às vezes pega; outras vezes anda mais desencarreiraada mas pega. Olhe, eu costume, aqui {fp} no meu curral, quando vem [ABluma tou-] uma vaca (e) anda mais que uma vez ou duas, pôr-{PHlli=lhe} um bocado de aguardente na boca.

INQ1 Ah!

INF1 Sabe? [ABlQuem me deu] Quem me deu essa coisa foi [ABlo] o doutor 'maternário' da Pecuária de Aveiro. (Por causa que) os meus bois eram da Pecuária; agora já [RPlagora]... Eram da Pecuária, eram meus! Foi sempre [ABlcom] do meu dinheiro. Mas [ABlo, ele o da Pecuária] o doutor da Pecuária, {fp} [ABlnão houve-] eu queixava-me, às vezes, os lavradores, coitados, [ABlque] que andavam três, quatro, cinco vezes ou seis vezes a vaca {PHlɔ=ao} touro. E depois eu dizia... Queixei-me um dia {PHlɔ=ao} doutor: "Ó senhor doutor! Aquilo {PHlnũ=não} está bem. Os homens queixam-se [ABlque] que as vacas que {PHlnũ=não} pegam e como é que vai ser"? Diz ele assim: "Tu que é que {PHlli=lhe} fazes"? "Ó senhor doutor, {PHlnũ=não} faço nada. Ponho-{PHlli=lhe} o boi e {fp} pronto"! {pp} "Põe-{PHlli=lhe} um, {pp} aí, {pp} aí, já {PHlnũ=não} digo... Mais não, mas põe-

{PHlli=lhe} metade de meio litro de aguardente! Ou mais! Quando o boi for para cobrir a vaca, tu põe-
{PHlli=lhe} a aguardente. E depois põe-{PHlli=lhe} o boi. E depois {PHlnũ=não} {PHlli=lhe} dê
mais boi. Leva a vaca embora que vais ver". Tenho feito assim e {PHlɛ'kwazi=quase} sempre tem
pegado.

INQ2 E dá resultado?

INF2 Sim. Dá resultado.

INF1 Dá resultado.

Código de identificação do ficheiro: COV34-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 08 lado: A min: 378-390	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O gado vacum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 21	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Olhe, elas comem e depois ficam com aquela comida a andar às voltas, para trás?...

INF É a remoer. {pp} É a remoer.

INQ1 Rhum-rhum. Olhe e elas comem muito e depois ficam com aquela grande?...

INF [ABlBar-] Barriga. Barriga e depois começam a remoer. Quando a gente vê uma vaca com a barriga muito cheia e {PHInũ=não} remoer, a gente já {PHInũ=não} está satisfeito.

INQ1 Ah não?

INF Não, porque aquilo pode dar uma congestão.

INQ1 Ah!

INF Sabe? Pode dar uma congestão. E quando a gente vê que ela que {PHInũ=não} remói, ou que ela começa: "aha-aha", a arquejar, ou tem que a picar na boca...

INQ2 Picar? Com quê?

INF Picar. Com uma agulha.

INQ2 Ah!

INF Bota-se a língua do animal fora e dobra-se assim, encontra-se [ABlumas ma-] umas veias negras por a língua fora. [ABlPode cha-] Chama-se aquilo: "mordida duma rela". Há bichos que mordem [ABle a] e a rela morde-as...

INQ2 Nas patas? Ou na boca?

INF Morde. Eles andam [ABlâ] a rapar e apanham aquele bicho... Aquele bicho é um bicho que a gente escope – um bichinho pequeno, assim –, você escope e ela larga logo [ABlum{fp}] um sangue.

Código de identificação do ficheiro: COV35-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 08 lado: B min: 35-91	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 22	Data da primeira transcrição: Jan.03 Data da revisão final: Jun.03

INF1 Porquê? Ó senhora Gabriela, ele desculpe de {PHlli=lhe} eu dizer.

INQ1 Não, não. Diga, diga.

INF1 Mas {pp} {PHlnũ=não} faz bem a ninguém.

INQ1 Pois não. É péssimo. Só faz mal.

INF1 {PHlnũ=Não} faz bem. Olhe que a morte do meu irmão foi o tabaco.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Olhe que o meu irmão fumava, naquele tempo, sete onças de tabaco por semana.

INQ1 Hi!

INF1 Sete livros de papel! {pp} Até fumava de noite!

INQ1 Pois.

INF1 Fumava, fumava, fumava, os 'impulmões' dele ficaram {pp} todos em chaga! Em {RClcha=chaga}!

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Tudo! Alargou aquela coisa, ficou tudo...

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 Chamei {fp}... Veio cá o médico. Era um de Vale de Cambra, que era o Atílio e viu-o. Viu-o... Chamei-o e diz ele assim: "Ó Arquibaldo" – chamou-me cá fora –, "Ó Arquibaldo, {pp} eu vou dar um remédio aqui {PHlɔ=ao} teu irmão mas olha que isso (é capaz de) {PHlnũ=não} ({PHlli=lhe}) valer nada. Olha que {pp} os 'impulmões' dele estão como é... Tudo em ferida! E agora, olha, eu vou- {PHlli=lhe} receitar isto. [ABlSe os] Os 'empulmões' dele estão assapados: se eles abrirem {pp}, temos homem; se ele [ABl{PHlnũ=não} se a-] {PHlnũ=não} abrir, amanhã até às três horas ele morre".

INF2 E foi.

INF1 E foi.

INQ2 Ai, coitado!

INF1 {PHInũ=Não} abriram. Deu-se-{PHIi=lhe} o remédio, {PHInũ=não} abriram, olhe, aí quando foi às seis horas lá vai o homem embora. O tabaco é um veneno! A morte do Doutor Atlante de Arouca, que é muito meu amigo, (ou melhor), era... Deus o lá tenha em descanso. Era o homem mais meu amigo que eu tinha! Olha que ele veio de propósito de Arouca aqui {pp} para ser padrinho do meu neto. {pp} E (eu hoje) andava ali a erguer centeio, aqui adiante, então não tinha erguedor. Era erguer [ABlcom] com uma bacia, era erguê-lo {PHlɔ=ao} vento. E ele chegou ali, e eu {IP|'tavɐ=estava} com as costas viradas, diz ele assim {CT|pɔ=para o} meu filho e {CT|pa=para a} minha nora: "Olhe lá, onde é que mora aqui o Arquibaldo do Covo"? {pp} Mas ele tinha-me visto. Eu é que [ABl{PHInũ=não}] {PHInũ=não} contava que (viesse ninguém). Digo eu assim: "Ora, vá {CT|pɔ=para o} caraças"! "Vou {CT|pɔ=para o} caraças"! Ele riu-se! "Sabes {PHlɔ=ao} que eu venho"? "Eu não. [ABlO se-] O senhor doutor {PHInũ=não} disse". "Olha que eu venho para ser padrinho do teu neto". Digo eu assim: "Olhe, obrigado". Foi mesmo assim: "Olhe, obrigado. Então, se vier outro, então o senhor o terá, mas este cá estou eu. Este vai ser [ABlmeu afilha-] meu afilhado". Começou-se a rir então mais eu, veio para aqui, {pp} ainda bebeu aqui um copo de vinho. Isso era um homem!... Era o advogado melhor que estava nesta roda!

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Era ele, (o meu amigo). Até que ele [ABlfoi] era deputado em Lisboa.

INQ2 Hum!

INF1 Era deputado do PPD. Era deputado. Coitado, agora... E em quatro meses foi-se embora!

INQ2 Ah!

INF1 Fumava muito. {pp} E o homem dizia... O homem fumava muito. E eu dizia para ele: "Ó senhor doutor isso mata-o"! "Mata nada, {PHInũ=não} faz mal"! Fumava assim por uma caneta como a senhora, assim como...

INQ1 Pois, pois.

INF1 Pois. E depois {fp} diz ele assim: "Oh, isso {PHInũ=não} faz mal nenhum"! "Ah, não? Então espere pelo resto"! Quatro meses {pp}, lá foi o homem embora.

Código de identificação do ficheiro: COV36-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: A min: 94-110	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves de capoeira	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 23	Data da primeira transcrição: Fev.03 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Olhe, e o galo que é bom para cobrir as galinhas, diz-se que é bom quê?

INF É um [RPlum] galo bom. É um galo bom. Há outros que (ele) {PHInũ=não} prestam para nada.

[ABl{IPIta=Está} aí] Nós temos aí uns garnisés, só {PHlku'briẽw̃nẽz=cobriam as} garnisés, e as galinhas {PHInũ=não}... Iam para cima delas, {PHInũ=não} faziam nada. E a gente foi obrigados {pp} a matá-los; porque eles esses, os garnisés, podem mais que estes grandes.

INQ1 Ah!

INF E fomos comprar este galo {PHlɔ]=aos} Cabaços {pp} {CTlpaɜ=para as} galinhas. Porque a galinha com o galo põe muito mais.

INQ2 Ah!

INF Pois põe. [ABIE] E o garnisé ia para cima dela, {PHInũ=não} valia nada. {PHInũ=Não}, {PHInũ=não}...

INQ1 Pois claro, é pequenino.

INQ2 Pois.

INF É pequenino, (não vale). Só cobria as garnisés. E a gente foi obrigados a... [ABIE o, e o] Como este galo grande também a essas garnisés que a gente tem {PHInũ=não} faz nada. {fp} Põe-se em cima delas mas elas são pequeninas e ele {PHInũ=não} as apanha.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois, pois.

INF Sabe?

INQ1 Sim senhor. Mas diz-se quando ele está em cima da galinha, diz que está a quê?

INF A galá-la.

Código de identificação do ficheiro: COV37-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Cassete nº: 09 lado: A min: 308-370	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: As abelhas e o mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 24	
Data da primeira transcrição: Fev.03 Data da revisão final: Jun.03	

INF1 Eu vou-{PHli=lhe} explicar. A gente tira um enxame – chama aquilo um enxame; {fp} ele {IP'tavẽ=estava} [ABlo cort-] o cortiço cheio de abelhas e a gente vê se elas estão em termos de dar enxame. Bate, bate, bate assim noutro e põe um cortiço {PHlẽ'kwazi=quase} sem nada. É como está a senhora{fp} Gabriela e o cortiço está ali assim; e a gente põe aquilo no chão, o outro, com a boca encostada um {PHlõ=ao} outro, e começa a bater no que {PHl'tẽjnez=tem as} abelhas: tumba, tumba, tumba, tumba, e as abelhas começam a correr {CTlɔ=para o} cortiço sem nada. Quando elas estão para dar mestra! E depois sai a mestra; só sai uma.

INQ1 Pois.

INF1 E vai lá para dentro e a gente tira-a daquele sítio e vai levá-la para longe... Sim, porque{fp} (ele)
INQ2 Pois.

INF1 se for todas, [ABlelas ga-] elas ganham (uma corrente) [ABlpara] {CTlɔ=para o} mesmo. E a gente [ABlmo-] muda-as – como eu tenho-as aqui em baixo, naquela quinta que temos em baixo –, e muda-as para onde (não possam)... Nós tivemo-las mais para baixo, {CTlpa=para a} quinta que eu disse. Mudo-as para lá e elas começam a trabalhar e ali estão até... E criam-se ali colmeias [ABle fi-] e fica ali o coiso.

INQ2 Pois é.

INF1 Portanto, eu {PHlnũ=não} sei dizer se é a macho ou se é a fêmea. Sei dizer que a gente diz que é uma mestra, e põe lá uma só, porque se fosse duas podia ser macho ou fêmea.

INQ2 Pois. Pois.

INF1 Mas se só põe uma...

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 E há que... E a gente, quando, às vezes, bate, bate e {PH|pasẽwnez=passam as} abelhas e {PHlnũ=não} vê {PH|pẽ'salẽ=passar a} mestra, {PHlnũ=não} a vê passar {CT|põ=para o} outro cortiço,

INQ2 Sim.

INF1 sabe o que eu faço? Com um lenço preto, desses das mulheres usarem na cabeça ou um pano qualquer preto, ponho-o no chão, [AB|da, da] da que eu bati {fp} à colmeia para lá, sim, [AB|da-] daquelas que {PH|forẽwnez=foram as} abelhas,

INQ2 Sim.

INF1 volto-a com a boca para baixo, e se ela tiver mestra, põe assim umas coisinhas, uns ovinhos, compridinhos, umas coisinhas, e a gente toca-{PH|li=lhe} e aquilo saem tudo em água. Que ela... Eu chamo aquilo varejar, {pp} sabe? Chamo àquilo varejar. Se ela [AB|tiver] tiver mestra, larga aqueles ovitos; se ele {PHlnũ=não} tiver mestra, {PHlnũ=não} larga nada.

INQ2 E chama-se àquilo varejar?

INF1 Varejar.

INQ1 Varejar é pôr esses ovinhos?

INF1 É. Se puser aqueles ovinhos, é varejar; se {PHlnũ=não} puser aqueles ovinhos, já {PHlnũ=não} vareja. {PHlnũ=Não} vareja, {PHlnũ=não} tem mestra.

INQ1 Pois.

INF1 Se tiver mestra, vareja; se {PHlnũ=não} tiver mestra, {PHlnũ=não} vareja.

INQ2 Rhã-rhã.

INF1 E a gente, se tiver mestra, pronto!, já pode tirá-lo embora, que é um enxame; se {PHlnũ=não} tiver mestra, que {PHlnũ=não} tenha mestra lá, [AB|já {PHlnũ=não}] já aquilo (mal anda). Já pode [AB|levá-] deixá-las lá estar que [AB|que no pa-] no prazo daí de um quarto de hora elas passam todas outra vez {CT|pa=para a} mãe.

INQ1 Outra vez para o mesmo.

INF1 {CT|pa=Para a} mãe!

INQ1 Para a mãe.

INF1 Chama-se a mãe...

INQ2 É o... Aquela é a mãe, a primeira?

INF1 É [AB|aque-] a primeira. E se for enxame é [AB|lo] o que se tira.

INQ1 Pois.

INF1 Se não, elas fogem logo, logo, imediatamente.

INQ2 Olhe, e às vezes não aparece um enxame pequeno?

INF1 Aparece [AB|lum {fp}] um enxame fora, na terra [AB|lou] ou numa árvore ou em qualquer sítio, já tenho agarrado muitos desses. É, ele aparece. E a gente vai (em torno) das abelhas, mas {IP|ta=está} lá uma mestra.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Porque se {PHlnũ=não} ({PHIti'velɐ=tiver a})/{PHIti'velɐ=estiver a}\ mestra, ele {PHlnũ=não} (fogem) /foge\.

INQ1 Pois.

INF1 A mestra é a que, se for preciso, foge... Porque (tendo) /{IPl'tõdu=estando}\ mais que uma mestra num cortiço, (ele) {PHlnũ=não} se dão.

INQ2 Pois.

INF1 Uma tem que sair com as abelhas. Se o dono lá vai e bate-as {pp} e tira-{CTlɐ=lhe a} mestra, pronto, ela {PHlnũ=não} foge. Se um homem não... Se [ABlo me-] o dono – o dono ou uma pessoa qualquer – {PHlnũ=não} vá lá tirá-las, elas {pp} saem – com licença –, fogem com qualquer {fp} punhado de abelhas. Fogem e saem estes pequeninos que a senhora está a acabar de dizer.

INQ2 E como é que lhe chama a esses pequeninos?

INF1 É o enxame. {pp} Enxame.

INQ2 Também lhes chamam enxame, a esses pequeninos?

INF1 Enxame, mas é pequenino.

INQ1 Pois.

INF1 E os outros são enxames bons. A gente o que chama (ele) um enxame {pp} grande é assim com um cortiço {PHlɐ'kwazi=quase} cheio de abelhas.

INF2 (Ele é).

INF1 E as abelhas só duram, ou dizem que duram... {PHlnũ=Não} duram mais que dois a três meses.

INQ1 Ai é?

INF1 Porque a abelha, durante aquele tempo, ela cria-se. E depois, essa doença que veio é disso: porque veio e as velhas morrem, [ABle a] e depois elas [ABlfazem uma] têm criança. Criança é: (é) /ele\ o que {RClfaz=fazem}... Chamam criança é: [ABlnos próprios] na própria cera, aquilo fica fechado e (ele) ali naqueles buraquinhos cria como uns bichinhos; e aqueles bichitos é as abelhas.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 E aquilo cria; de três em três meses, aquelas abelhinhas saem novas e as velhas morrem; mas {PHl'fikẽw̃nɛʒ=ficam as} novas, nunca morrem.

INQ2 Pois.

INF1 E [ABlaquele vi-] aquela doença que veio vai matar aquelas novinhas que estão a vir.

INQ1 Ah!

INF1 Que estão dentro [ABda própria]

INQ2 Pois, pois.

INF1 da própria casula. Quer dizer, a casula é: dentro daqueles buraquinhos,

INQ1 Pois.

INF1 e depois [ABlaquele, aquela] aquele mal, aquela doença matou-os, e aquelas morreram e {PHlmu'kerẽw̃nɛʒ=morreram as} velhas.

INQ1 Pronto. Claro, pois.

INF1 Sabe?

INQ1 E elas picam, as abelhas, não é?

INF1 Ah, pois picam!

INQ1 E aquilo que elas largam quando picam?...

INF1 [AB|É o, é o, {fp} é o] Olhe, uns chamam-{PH|li=lhe} o ferrão; outros chamam-{PH|li=lhe} o bico. {pp} Olhe que a mim, a mim, já... Oi! Têm-me mordido, logo de uma vez, para aí mais de dez ou vinte, e [AB|a minha] as minhas mãos ou o meu corpo {PH|nũ=não} incha.

INQ2 Não?

INF1 Não.

INQ2 Não lhe faz reacção?

INF1 Não senhor! E há outros que ficam logo {fp}... Eu não, {PH|nũ=não} ligo nada àquilo.

INQ2 Pois é.

INF {PH|nũ=Não} ligo nada àquilo. [AB|E|las] Parece que elas até me conhecem. Olhe que eu vou para lá... A gente tem um peneiro – chama àquilo um peneiro: é uma rede,

INQ1 Sim.

INF1 mas que {PH|nũ=não} passa – e, com uma saca, mete aquilo na cabeça, põe um chapéu por cima e a gente vê-as e {fp} está a ver. E eu às vezes vou lá, [AB|nem] nem levo nada disso e elas {PH|nũ=não} me mordem; e se mordem, (ele) às vezes, mordem-me na cara {fp}... {PH|nũ=Não} ligo nada àquilo!

INQ2 Não dói nada!

INF Nada! (...)

Código de identificação do ficheiro: COV38-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 104-123	Inquiridor2:
Assunto: O gado equino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 25	Data da primeira transcrição: Fev.03 Data da revisão final: Jun.03

INQ Então, antigamente, então havia burros, aqui?

INF Então, oi Jesus! (Tantos). Agora, olhe...

INQ Olha, e a Antónia diz que não havia.

INF Tem aqui uma terra, [ABlali abaixo da, da] para diante da Albergaria, que é a Farrapa, [ABla gente dizia] os velhos diziam: "Na Farrapa, [ABlcada burro] cada homem, cada burro"! Quer dizer que tinham muitos burros.

INQ Pois.

INF E na Albergaria: "Cada homem, cada cão"! Em Albergaria, onde as senhoras estiveram, cada homem, cada cão. Não havia homem nenhum lá que {PHlnũ=não} tivesse um cão. Esses diziam: "Na Farrapa"... Os velhos aqui diziam: "Na Farrapa, cada homem, cada burro! E na Albergaria, cada homem, cada cão"!

INQ Sim senhor. Mas, e aqui no Covo também havia burros?

INF Também. Só um é que tinha burro; os outros {PHlnũ=não} tinham burros nenhuns. Só esse, que tem ainda hoje, {fp} a família dele teve sempre burros; os outros não.

INQ Rhum-rhum.

INF Os outros {PHlnũ=não} tinham burro nenhum; {PHlnũ=não} queriam saber. (...) [ABlMas eu] Mas eu via [ABlessa] essa gente da Farrapa, com as cangalhas – aquilo é feito {PHlɐ'kwazi=quase} como duas canastras [ABlmas] mas em madeira, por cima da coisa para levar... E, às vezes, vinham aí os ciganos e {PHltrɐ'ziẽw̃muz=traziam os} filhos metidos ali dentro.

Código de identificação do ficheiro: COV39-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Bigail Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 160-183	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 26	Data da primeira transcrição: Fev.03 Data da revisão final: Jun.03

INQ1 Olhe, e não havia pessoas, por exemplo, que tinham em casa outras pessoas, outro casal, por exemplo, ou um homem que tomava conta das, das coisas da terra?

INF1 Ah pois era! Chama-se o... Suponhamos, é o dono da casa, é o patrão da casa, qualquer [AB]homem] pessoa... Suponhamos aqui, eu sou o patrão de minha casa; mas agora já representa o meu filho o meu lugar. Porque de hoje a amanhã eu falho, e este já está.

INQ1 Sim.

INF1 Tanto é que as vacas, as minhas vacas agora já estão registadas no nome do meu filho.

INQ1 Pois.

INF1 Sabe porquê? Porque eu estou a receber a tença e eles {PH}nũ=não} me {PH}davẽw̃nu=davam} o} {fp} subsídio das vacas.

INQ1 Se o tivesse?

INF2 É{fp} verdade.

INF1 E assim pu-lo no meu filho, e o meu filho agora recebe a tença das vacas, sabe?

INQ1 Pois. Sim senhor.

INQ2 Pois.

INF1 Então olhe, (ele) como agora vai vir o 'maternário' aí, [AB]vai, vai] as minhas vacas vão ser registadas em nome do meu filho.

INQ1 Pois, pois.

INF1 E ele pergunta: "E então, mas o{fp} seu pai"? Virou para mim, eu disse: "Eu dei-as {PH}o=ao} meu filho".

INQ1 Pois, pois.

INF1 Porque a minha idade já avança para isso.

INQ1 Claro.

INQ2 Pois claro.

INF1 Sabe? E é isso que a gente faz.

INQ1 Olhe, mas diga-me uma coisa: mas, por exemplo, se o senhor não tivesse filhos e tivesse muitas terras para tratar, podia ter um homem que lhe tratasse das terras.

INF1 Ah, pois podia! Chamava-se aquilo um caseiro.

INQ1 Um caseiro? Sim senhor. E, e esse caseiro onde é que vivia?

INF1 Podia viver numas casas minhas.

INQ1 Podia viver numas casas suas?

INF1 Pois. Ou, se tivesse, se fosse aqui do lugar, podia viver nas dele – {PHlfɐ'zɛlɐz=fazer as} minhas e viver nas dele. Isso era conforme.

Código de identificação do ficheiro: COV40-C	
Localidade: Covo Distrito: Aveiro	Concelho: Vale de Cambra Data: Mar.92
Informante1: Arquibaldo Idade: 75	Sexo: Masculino Escolaridade: Sabe ler
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 09 lado: B min: 221-237	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 19B faixa: 27	Data da primeira transcrição: Fev.03 Data da revisão final: Jun.03

INF (Num) tempo, você, as senhoras, {fp}a gente quando criou, (de) dez pessoas arranjava vinte.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Hoje quer cinco, {PHlnũ=não} arranja duas.

INQ2 Pois.

INF Ah! Porque eu aí ainda tenho tido uma sorte muito grande, porque eu faço o seguinte: {fp} olhe, aqui na Castanheira, em Gestoso, na Agualva, na Lomba, vêm cá com as vacas ao touro, e eu àqueles que me (ajudam) /ajudem\ {PHlnũ=não} levo nada.

INQ2 Pois.

INF Àqueles que me (ajudam) /ajudem\ {PHlnũ=não} levo nada!

INQ1 ... quê?

INF Que me ajudam! Que me ajudam a trabalhar, eu {PHlnũ=não} {PHlli=lhe} levo nada!

INQ1 Ai, pois, pois, pois, pois, pois.

INF Vêm outros que querem: "Olha, eu precisava de um alqueire de centeio". Eu dou-{CTllu=lho} dado. "Eu precisava de (lhe pedir) um alqueire de milho". Eu dou-{CTllu=lho} dado. "Eu precisava de vinho". Eu dou-{CTllu=lho} dado. Ora bem, aquela gente recompensa e diz assim: "(Bom) {fp}, fulano precisa, temos que lá ir ajudá-lo". E vêm-me dar. Quer dizer, eu pago sem sentir.

INQ1 Pois.

INF Em dinheiro corrente, {PHlɛ'kwazi=quase} nunca pago. Nunca pago!

INQ1 Pois, pois, pois.

INF Nunca pago. Porque depois vêm-me ajudar mas é gente mais pobre... Ele uns precisam de milho, outros precisam de centeio, outros precisam de vinho {pp} e eu, tenho de sobra, {pp}

INQ2 Dá.

INQ1 E dá.

INF dou.

INQ1 E depois na altura em que é preciso, eles vêm.

INF Eles vêm.